



Universidade
Estadual de Londrina

MAGDA SIMONE GÜTTLER FREITAS

A ENUNCIÇÃO DE SALMOS BÍBLICOS:
uma análise discursiva e semiótica

Londrina
2003

MAGDA SIMONE GÜTTLER FREITAS

A ENUNCIÇÃO DE SALMOS BÍBLICOS:
uma análise discursiva e semiótica

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação, em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Fernandes.

Londrina
2003

F866e Freitas, Magda Simone Güttler.

A enunciação de salmos bíblicos: uma análise discursiva e semiótica / Magda Simone Güttler Freitas. - Londrina, 2003. 226f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Fernandes.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina.

Bibliografia: f. 181-193.

1. Análise do discurso. 2. Semiótica. I. Fernandes, Luiz Carlos. II. Universidade Estadual de Londrina.

CDU: 801

MAGDA SIMONE GÜTTLER FREITAS

A ENUNCIÇÃO DE SALMOS BÍBLICOS:
uma análise discursiva e semiótica

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação, em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Drª Sílvia Inês C. C. de Vasconcelos
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Profª Drª Esther Gomes de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Luiz Carlos Fernandes
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, _____ de _____ de 20__.

DEDICATÓRIA

A Deus, à minha família, pela educação através dos caminhos da sabedoria intelectual e espiritual, a meu esposo e aos meus filhos, companheiros de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Dr. Luiz Carlos Fernandes, pelo apoio em todas as etapas deste trabalho.

À Professora Dr^a Esther Gomes de Oliveira e ao Professor Dr. Luiz Carlos Migliozi, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

Aos demais professores do Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, que em muito contribuíram para o meu crescimento intelectual.

À Fundação Araucária, pela concessão da bolsa para a realização deste estudo.

Ao Pastor Nésio Martens, por seus significativos ensinamentos.

À minha família, pela compreensão, confiança e incentivo sempre presentes.

Aos colegas do Curso de Mestrado, pela amizade, motivação e colaboração em todas as horas.

A todos os amigos, pela força e carinho constantes.

A Deus...por tudo.

*"Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos,
se não tiver amor, serei como o bronze
que soa ou com o címbalo que retine."*

*"Ainda que eu tenha o dom de profetizar
e conheça todos os mistérios e toda a ciência;
ainda que eu tenha tamanha fé,
a ponto de transportar montes,
se não tiver amor, nada serei."*

(1 Coríntios 13, 1-2)

FREITAS, Magda Simone Güttler. **A Enunciação de Salmos Bíblicos:** uma análise discursiva e semiótica. Londrina. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina.

RESUMO

O objetivo principal deste estudo é identificar os efeitos de sentido criados pelas marcas enunciativas encontradas nos Salmos Bíblicos e investigar o jogo da interlocução no Discurso Religioso, procurando constatar de que modo são projetadas as instâncias de pessoa, tempo e espaço, considerando, particularmente, a relação enunciador-enunciatário. Os pressupostos teóricos encontram-se na Análise do Discurso da linha francesa, na Teoria da Enunciação e na Semiótica Greimasiana. A Análise do Discurso visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos em sua materialidade lingüística e histórica, através das marcas enunciativas deixadas no enunciado pela formação discursiva do enunciador. A partir desses efeitos, faz-se a observação dos procedimentos de organização textual, dos mecanismos enunciativos de produção e recepção dos mesmos e, no jogo da interlocução, da relação entre enunciador e enunciatário. Assim, ao observar o processo de construção do texto e o de produção de sentidos, chega-se ao processo discursivo que ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante, o que permite compreender como se constituem os sentidos desse dizer. É utilizada a Teoria da Enunciação para se estudar as marcas deixadas no enunciado que indicam a título de que o mesmo é proferido ao enunciar-se uma mensagem, quando o enunciador instaura um diálogo com seu enunciatário na medida em que o concebe como um elemento ativo, a quem atribui a imagem de um contradiscurso. A Teoria Semiótica, por sua vez, preocupa-se em descrever e explicar o texto a partir de uma visão imanente. Dessa forma, permite um exame dos mecanismos internos e externos, como também dos fatores contextuais sócio-históricos de fabricação do sentido para explicar o que o texto diz e como o faz, considerando-se que o sujeito enunciador realiza uma série de opções para projetar seu discurso, tendo em vista os efeitos de sentido que deseja produzir, com vistas a persuadir seu enunciatário.

Palavras-chave: discurso religioso; salmos bíblicos; análise discursiva; análise semiótica.

FREITAS, Magda Simone Güttler. **The Enunciation of Biblical Psalms**: a discursive and semiotic analysis. Londrina. 2003. Dissertation (Master's Degree in Language Studies) - State University of Londrina.

ABSTRACT

The main objective of this research was to identify the effects of meaning by the enunciative marks from the Biblical Psalms and to investigate the game of the dialogue in the Religious Discourse, trying to find out the way people, time and space are projected and verifying, especially, what happens in the relationship between sender and receiver. The underlying theoretical framework was based on the French Discourse Analysis, Speech Act Theory and A. J. Greimas' Semiotics. Discourse Analysis seeks to understand how a symbolic object produces meanings in its linguistic and historical materiality through the enunciative marks left from the sender's discursive formation. From the effects, the textual organization procedures, the discourse mechanisms of production and reception of these effects, and, in the dialogue game, the relationship between sender and receiver are observed. Therefore, by observing the process of text construction and the production of meanings one reaches the discursive process that is meaningful because stems from a game defined by dominant ideological formation, allowing to understand how the meanings of the discourse are constituted. The Speech Act Theory helps to study the marks from the discourse which indicate that it is produced at the moment its message is sent, the sender establishes a dialogue with the receiver's discourse as conceiving him as an active element, to whom it is attributed the image of a counter-speech. Semiotics describes and explains the text from an immanent view. Then, it is necessary to exam the internal and external mechanisms, as well as the contextual, social and historical factors of meaning production to explain what the text says and how it says, taking into account the sender has a series of options to project his discourse, having in mind the effects of meaning he wants to produce in order to try to persuade his receiver.

Key words: religious discourse; biblical psalms; discursive analysis; semiotic analysis.

LISTA DE MAPAS

MAPA N.º 1 - O Mundo Antigo

MAPA N.º 2 - Egito e Sinai

MAPA N.º 3 - A Divisão das Tribos

MAPA N.º 4 - Os Reinos de Saul, Davi e Salomão

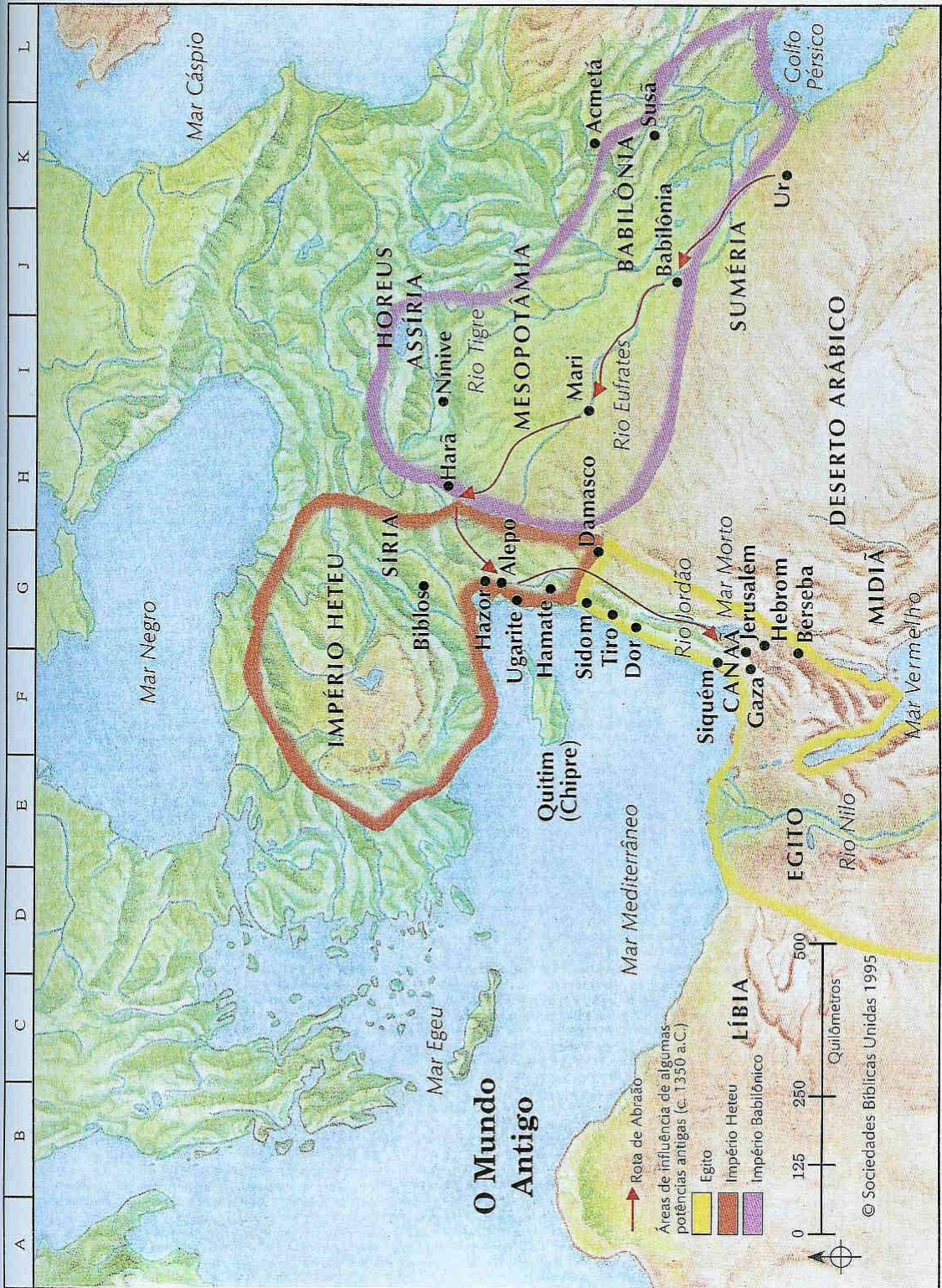
MAPA N.º 5 - Os Reinos de Israel e Judá

MAPA N.º 6 - O Império Assírio

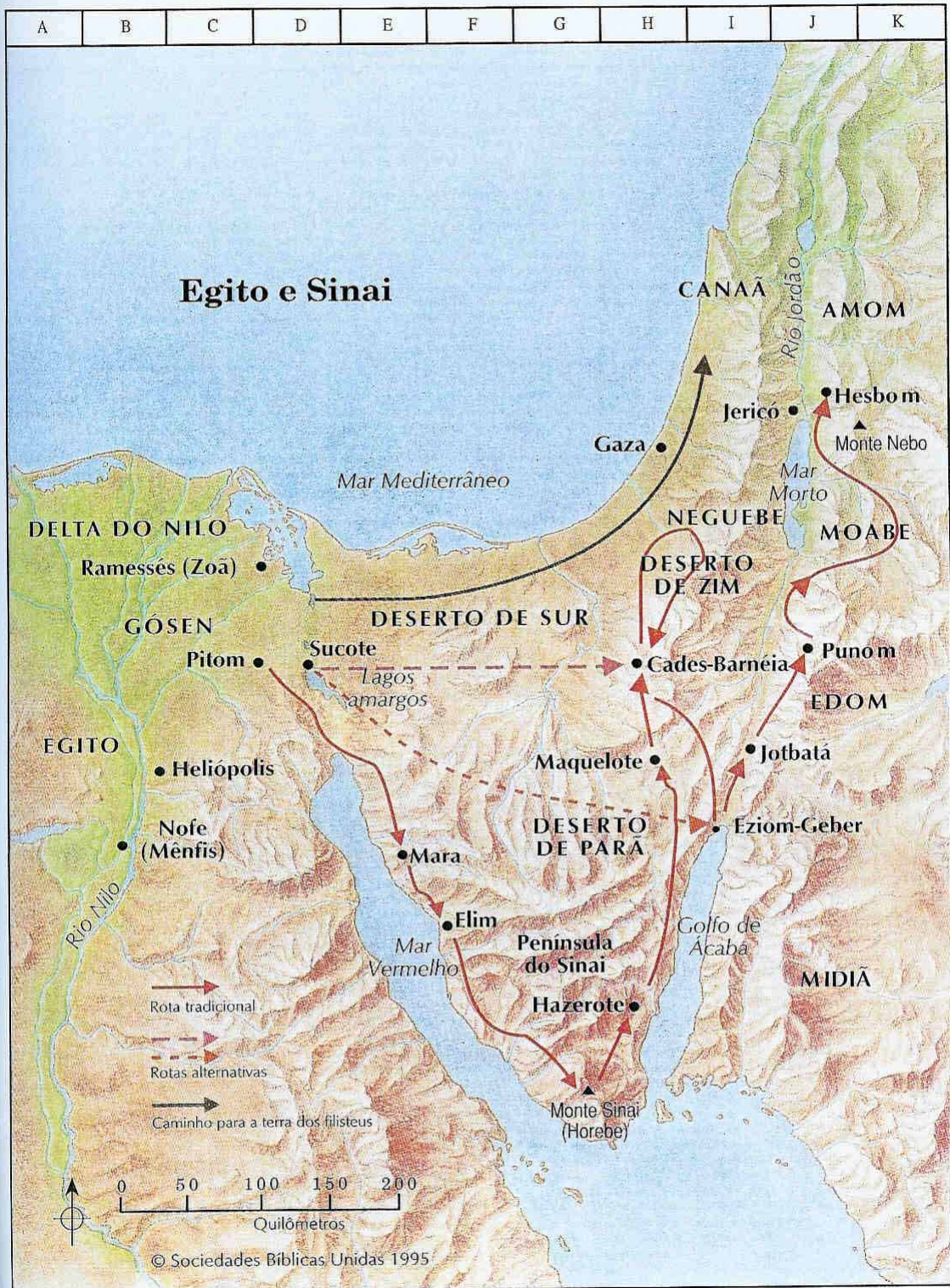
MAPA N.º 7 - Impérios Babilônico, Persa e Grego

MAPA N.º 8 - O Império Romano nos Tempos de Cristo

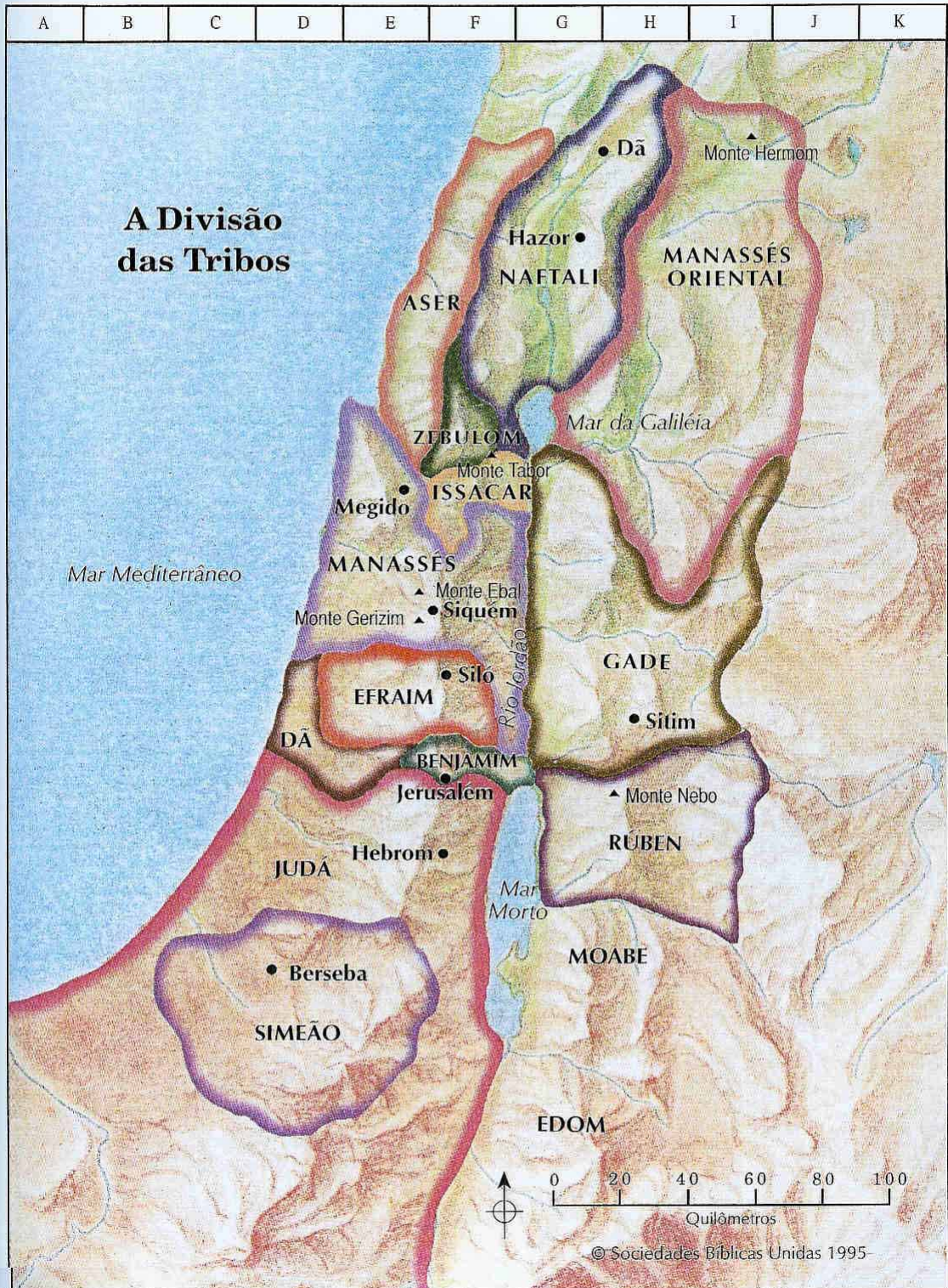
MAPA N.º 9 - Jerusalém do Velho Testamento



MAPA Nº 2



MAPA Nº 3

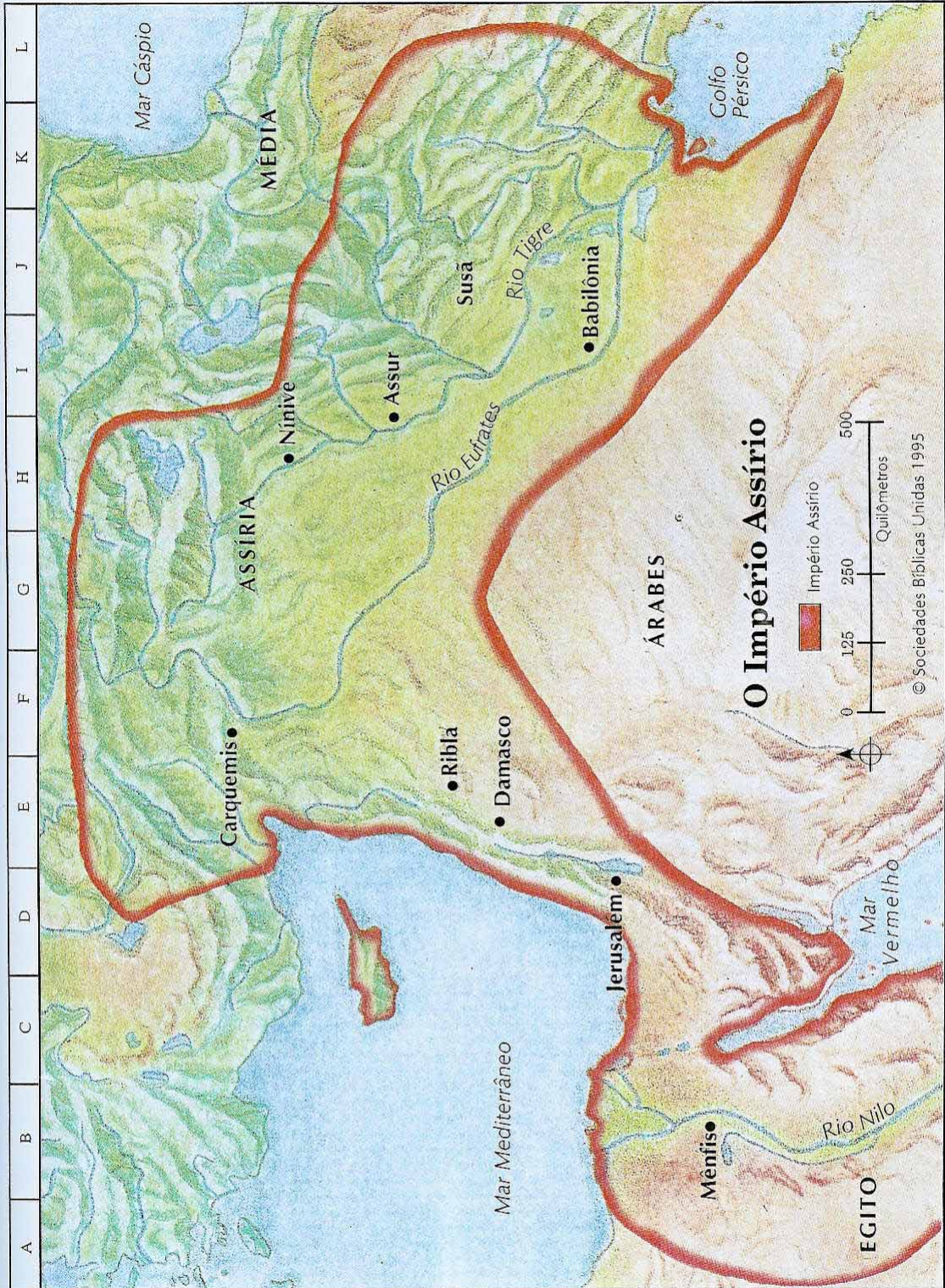


MAPA Nº 4

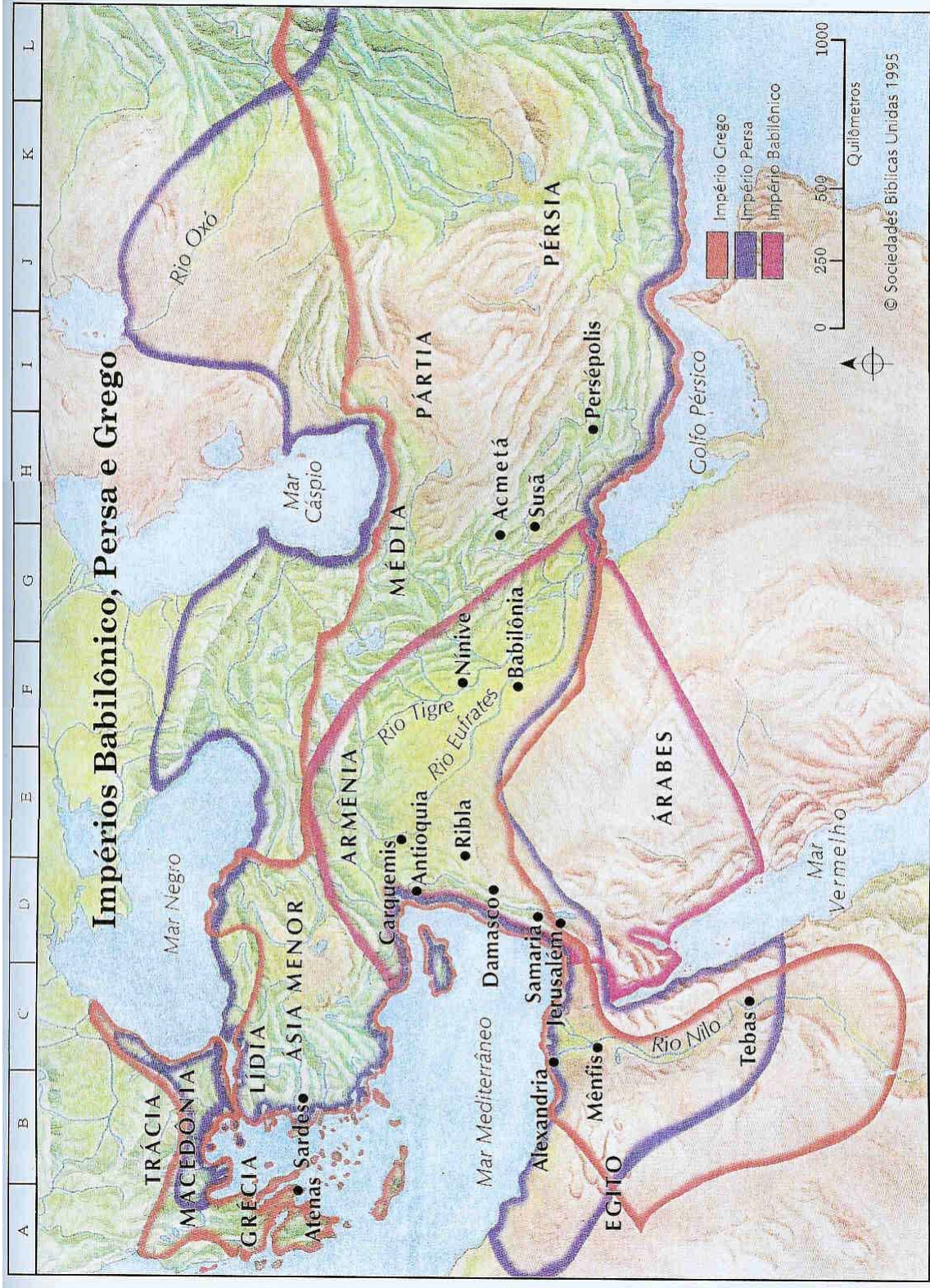


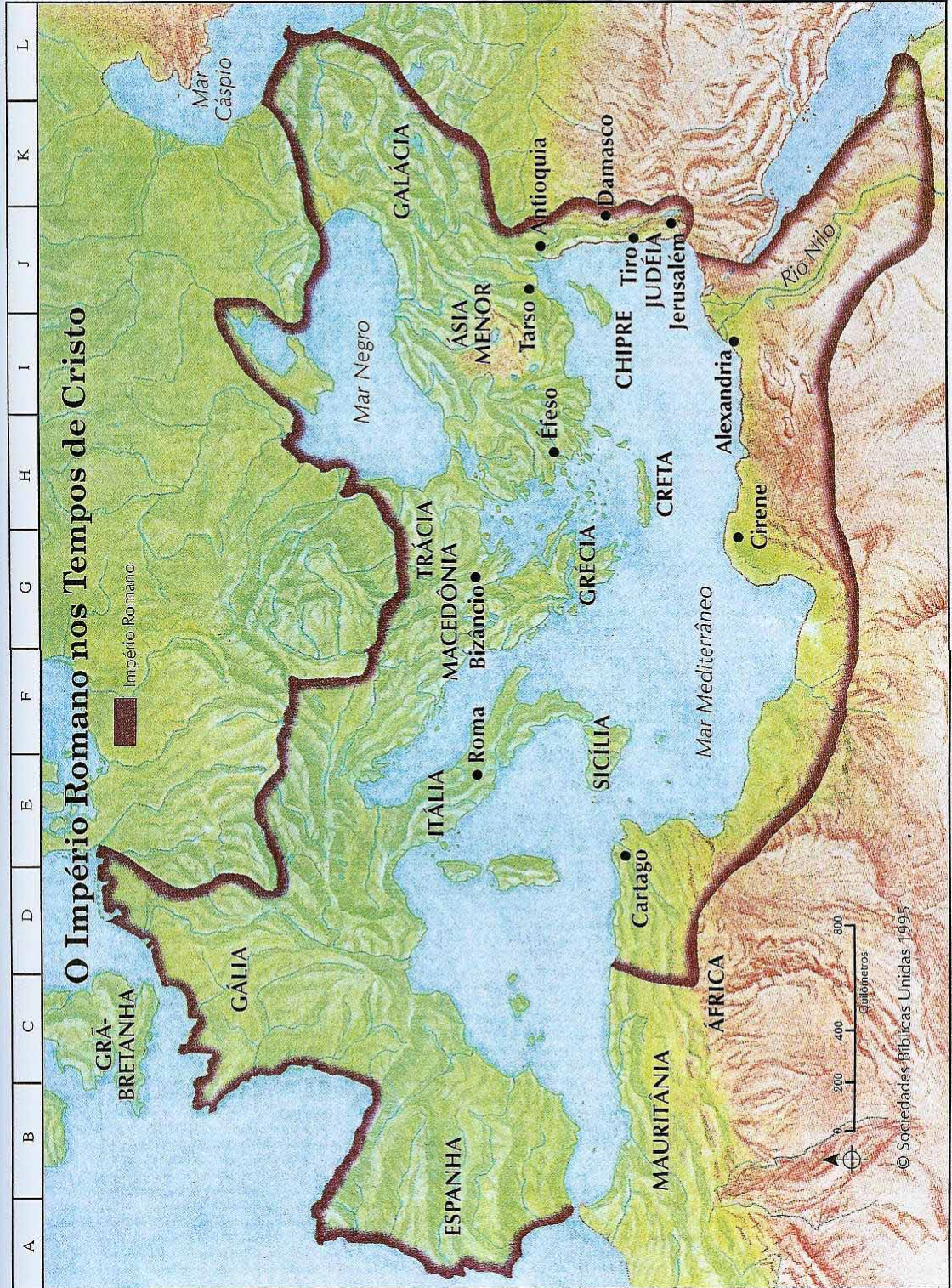
MAPA Nº 5

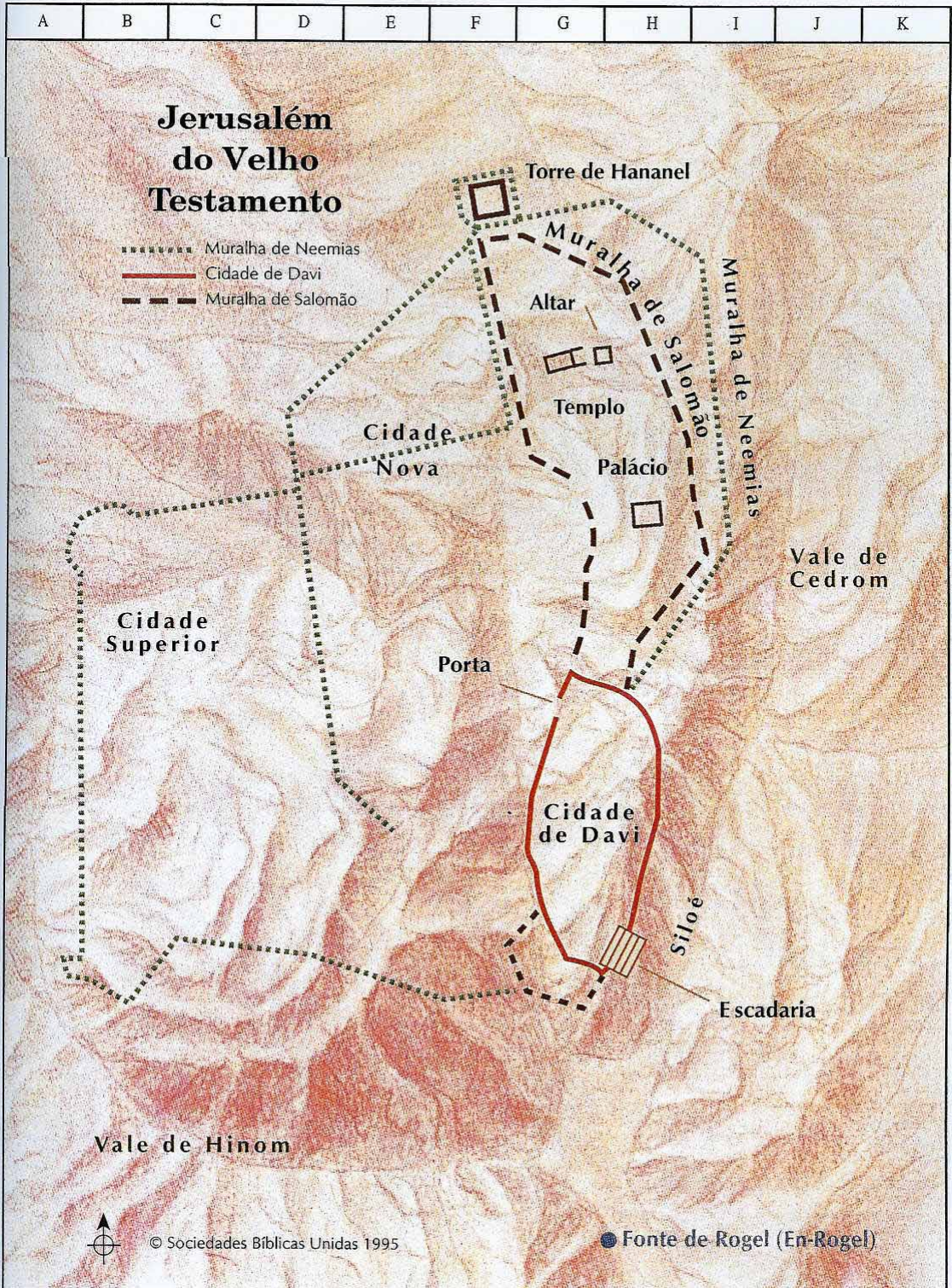




MAPA Nº 7







LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A	
AD	Análise do Discurso
a.C.	antes de Cristo
AIE	Aparelhos Ideológicos de Estado
al.	alemão
A.T.	Antigo Testamento
C	
C	cerca
Ca	"cerca de"
Cr	Crônicas
D	
deriv.	derivado
d.C.	depois de Cristo
Dt	Deuteronômio
E	
Ecles.	Eclesiástico
Ef	Efésios
esp.	espanhol
Êx	Êxodo
F	
FD	Formação Discursiva
FI	Formação Ideológica
fr.	francês
G	
gr.	grego
Gn	Gênesis
H	
Hb	Hebreus
hol.	holandês
I	
ing.	Inglês
it.	italiano
J	
Jo	João
L	
Lc	Lucas
lat.	latim

Lv	Levítico
M	
Mc	Marcos
mús.	música
Mt	Mateus
N	
Nm	Números
N.T.	Novo Testamento
P	
port.	português
prov.	provérbios
R	
rel.	religião
Rm	Romanos
S	
s	sema
SBB	Sociedade Brasileira Bíblica
Séc.	Século
Sl	Salmos
Sm	Samuel
sf	substantivo feminino
sm	substantivo masculino
V	
vs	versus

LISTA DE SÍMBOLOS

BÍBLICOS

A vírgula (,)	separa o capítulo do versículo.
O ponto (.)	indica um pulo entre os versículos.
O traço (-)	indica que devemos ler um versículo até o outro.
O ponto e a vírgula (;)	separam uma citação de outra, ou um livro de outro.

SEMIÓTICOS

(I)	= enunciado de estado conjuntivo.
(Y)	= enunciado de estado disjuntivo
(S)	= sujeito
(S1)	= Sujeito Senhor/Deus
(S2)	= sujeito Davi
(S3)	= sujeito povo
(O)	= objeto
(Ov)	= objeto valor

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	24
2 JUSTIFICATIVA	25
3 OBJETIVOS	27
3.1 OBJETIVOS GERAIS	27
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	27
4 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	29
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
6 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	32
6.1 ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	32
6.2 ELEMENTOS TEXTUAIS	32
7 CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO	34
7.1 TEORIA DA ANÁLISE DO DISCURSO	35
7.1.1 Condições de Produção do Discurso	39
7.1.2 Formação Discursiva Religiosa	40
7.1.3 Formação Ideológica	42
7.2 TEORIA DA ENUNCIACÃO	43
7.3 TEORIA SEMIÓTICA	44
8 CAPÍTULO II - A DISCURSIVIDADE RELIGIOSA	46
8.1 A ETIMOLOGIA DA PALAVRA BÍBLIA	47
8.1.1 Bíblia: traduções e funções	51
8.2 O DISCURSO RELIGIOSO	59
8.2.1 Propriedades e Marcas do Discurso Religioso	61
8.2.2 A Ilusão da Reversibilidade	63
8.2.3 A Ideologia Religiosa	64
9 CAPÍTULO III - O SALTÉRIO	67
9.1 OS SALMOS BÍBLICOS	68
9.1.1 A Divisão dos Livros	70
9.1.2 A Classificação dos Salmos	74
9.2 O PERÍODO EM QUE OS SALMOS FORAM ESCRITOS	75
9.2.1 A Civilização Hebraica	77
9.2.1.1 A Era dos Patriarcas	79
9.2.1.2 A Era dos Juízes	80
9.2.1.3 A Era dos Reis	80
9.2.1.4 A Divisão do Reino Hebreu	81

9.2.1.5 A Economia e a Sociedade Hebraicas	83
9.2.1.6 A Religião Hebraica	84
9.3 A AUTORIA DOS SALMOS	85
9.3.1 A Vida de Davi	86
9.3.2 As Idéias Dominantes nos Salmos Bíblicos de Davi.....	91
10 CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS SALMOS BÍBLICOS	92
10.1 PROCEDIMENTOS LINGÜÍSTICOS	93
10.1.1 Vocativo e Imperativo	93
10.1.2 Antítese.....	103
10.1.3 Articuladores Textuais.....	106
10.1.3.1 Operadores Argumentativos	106
10.1.3.2 Modalizadores	114
10.1.3.3 Intensificadores.....	117
10.2 PROCEDIMENTOS DISCURSIVOS	119
10.2.1 Percursos Gerativos de Sentido	127
10.2.1.1 Cânticos de Adoração.....	131
10.2.1.2 Hinos de Interesse Nacional	140
10.2.1.3 Hinos de Louvor	151
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157
REFERÊNCIAS.....	161
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	164
ANEXOS.....	170
ANEXO A - SL 15 - O CIDADÃO DOS CÉUS.....	171
ANEXO B - SL 19 - A EXCELÊNCIA DA CRIAÇÃO E DA PALAVRA DE DEUS.....	172
ANEXO C - SL 23 - O SENHOR É O MEU PASTOR	174
ANEXO D - SL 37 - TEMPORÁRIA, A FELICIDADE DOS PERVERSOS.....	175
ANEXO E - SL 41 - A CALÚNIA DOS INIMIGOS E O SOCORRO DE DEUS.....	179
ANEXO F - SL 51 - CONFISSÃO E ARREPENDIMENTO	181
ANEXO G - SL 54 - APELO PARA O SOCORRO DIVINO	183
ANEXO H - SL 60 - ORAÇÃO EM TEMPOS DE GUERRA.....	184
ANEXO I - SL 63 - BUSCANDO A DEUS	185
ANEXO J - SL 69 - O LAMENTO DO MESSIAS	186
ANEXO K - SL 86 - SÚPLICA E CONFIANÇA.....	190
ANEXO L - SL 101 - MODELO DE BOM REI	192
ANEXO M - SL 103 - A MISERICÓRDIA DE DEUS	193
ANEXO N - SL 110 - O REINO E O SACERDÓCIO DO MESSIAS.....	195
ANEXO O - SL 122 - ORAÇÃO PELA PAZ DE JERUSALÉM	196
ANEXO P - SL 139 - DEUS ONISCIENTE E ONIPOTENTE	197
ANEXO Q - SL 145 - A BONDADE, GRANDEZA E PROVIDÊNCIA DE DEUS.....	199

1 INTRODUÇÃO

*"Ensina-me, SENHOR, o teu caminho,
e andarei na tua verdade;
dispõe-me o coração
para só temer o teu nome.*

*Dar-te-ei graças, Senhor, Deus meu,
de todo o coração,
e glorificarei para sempre o teu nome."*

(Sl 86, 11-12)

2 JUSTIFICATIVA

Levando-se em conta que a necessidade de acreditar em uma força superior é inerente ao ser humano, surgiu o interesse em se conhecer o Discurso Religioso, aprimorar seu estudo, pesquisar e analisar seus efeitos de sentido, considerando que a religião, tem servido como intermediadora entre a razão e as angústias mais profundas do homem.

O Discurso Religioso costuma ser classificado entre os chamados "discursos autoritários", ou seja, os que se apresentam como portadores de verdades universais e nos quais dogmas como fé, Deus e o poder divino são vistos como intocáveis. Trata-se de um discurso com tendência monossêmica, indicação de que sustenta apenas um valor ideológico autoritário, no qual locutor e ouvinte pertencem a mundos totalmente diferentes. Segundo Orlandi (1996, p. 243), "o locutor é do plano espiritual e o ouvinte é do plano temporal". Nesse sentido, percebemos que a existência e a desigualdade entre esses dois mundos são caracterizadas como espacialmente distantes, com base na noção de verticalidade: de um lado, o Céu /Mundo da Divindade/ e, de outro, a Terra /Mundo do Homem/, preenchidos pelo silêncio e pelas relações imaginárias e simbólicas. Portanto, é nesse contexto que se constroem os sentidos do Discurso Religioso, espaço em que, visivelmente, sobressai o domínio do Mundo Espiritual sobre o Mundo Temporal.

Reconhece-se a presença de diversas modalidades subordinadas a esse gênero discursivo, dentre as quais destacamos os salmos, os quais, conforme Cunha (2001, p. 700), constituem "poemas religiosos ou orações em gênero poético, caracterizando-se pelo duplo ritmo, o das palavras e o das idéias, os quais foram criados para serem acompanhados por instrumentos de corda ou de sopro."

A essas considerações, acrescentamos aquelas referentes ao papel da Igreja. Na visão de Almeida (2001, p. 31), a Igreja "faz confluir os céus sobre a terra, o espiritual

sobre o temporal na voz de seus agentes". Desse modo, ela apresenta-se como uma comunidade religiosa, como um templo, o qual, além de proporcionar ao fiel um espaço físico, no qual ele acredita encontrar os meios de salvação, também concede aos fatos religiosos, através de seus representantes, uma relação de causa e consequência, interpretando-os e atribuindo-lhes sentidos e valores morais.

Por outro lado, considerando-se a Igreja como uma instituição, com base nas idéias propostas por Althusser (2001), ela pode ser vista como um dos principais Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), pois percebemos sua contribuição bastante intensa no processo de reprodução ideológica do cristianismo, uma vez que funciona predominantemente através da ideologia e, secundariamente, através de uma atenuada repressão. Isso significa dizer que sua ideologia funciona pela conjunção de certas idéias dominantes, com que procura influenciar os grupos sociais de uma determinada comunidade, utilizando-se de um discurso institucional religioso de grande influência.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVOS GERAIS

- Delimitar o contexto histórico-social da enunciação e a formação ideológica relacionada às posições de classe, considerando-os como parte constitutiva do sentido, origem determinante do que pode ou não pode ser dito segundo a posição que o sujeito enunciador assume no discurso;
- Esclarecer os efeitos de sentido produzidos pelos Salmos Bíblicos, bem como o funcionamento dos mecanismos que permitem a sustentação desse gênero discursivo, tendo-se em mente que o sentido não é transparente e só se constitui em relação às condições de produção do discurso.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar o jogo da interlocução entre enunciador e enunciatário;
- Analisar as marcas que aparecem no enunciado para indicar o motivo pelo qual o enunciado foi proferido;
- Identificar os efeitos de sentido criados pelas marcas enunciativas encontradas nos Salmos Bíblicos de Davi destacando-se os três níveis temáticos: Cânticos de Adoração, Hinos de Interesse Nacional e Hinos de Louvor;

- Examinar os mecanismos internos e externos, como também os fatores contextuais sócio-históricos de fabricação do sentido para explicar o que o texto diz e como o diz, pois o sujeito enunciatário faz uma série de opções para projetar seu discurso, tendo em vista os efeitos de sentido que deseja produzir, objetivando, primordialmente, persuadir seu enunciatário.

4 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

A seleção do *corpus* foi feita após a leitura dos Salmos Bíblicos, cuja autoria é atribuída ao rei Davi. Escolhemos Davi por ser ele o salmista mais expressivo e autor da maioria desses poemas religiosos. Segundo George (2003, p. 15), "a vida de Davi nos oferece material para um fascinante estudo sobre o caráter humano." Ele iniciou sua vida como um pobre pastor de ovelhas e terminou como um grandioso rei.

Optamos pela seleção de dezessete Salmos Bíblicos, que se encontram distribuídos em três níveis temáticos: Os Cânticos de Adoração, Os Hinos de Interesse Nacional e os Hinos de Louvor.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia empregada para o desenvolvimento dessa dissertação foram as pesquisas bibliográficas, documentais e explicativas.

Na referência bibliográfica, encontram-se as mais relevantes obras existentes sobre as teorias que foram utilizadas: Teoria da Análise do Discurso, Teoria da Enunciação e Teoria Semiótica Greimasiana. Todos estes conteúdos e informações foram primordiais para o desenvolvimento adequado desta pesquisa.

Após a seleção do material bibliográfico, foram feitas as leituras de compreensão e interpretação das teorias adotadas. Concomitantemente às leituras, realizamos as anotações em fichas para melhor identificar as obras, conhecer seus conteúdos, registrar as citações, elaborar resumos, resenhas e críticas.

A análise do *corpus* foi realizada após um estudo sobre a discursividade religiosa e o saltério, material desenvolvido nos capítulos dois e três, respectivamente.

Iniciamos as análises, primeiramente, focalizando os processos lingüísticos; num segundo momento, os processos discursivos relacionando-os à divisão dos três níveis temáticos, já mencionados na constituição do *corpus*, procurando, nessa investigação, desvelar os efeitos de sentido produzidos.

Posteriormente, foram registrados todos os dados obtidos na investigação do jogo da interlocução, no Discurso Religioso, com base em análises de Salmos Bíblicos, verificando-se as peculiaridades do contrato estabelecido entre enunciador e enunciatário na emissão-recepção dos sentidos discursivos. Finalmente, a partir do referencial teórico e das análises acima referidas, foram estabelecidas as conclusões a partir do processamento desse material, interligando-se os três níveis temáticos de que se compõem os Salmos Bíblicos, buscando-se reconhecer as peculiaridades de seus aspectos individuais de produção, o que

deve proporcionar uma reflexão original e instigante sobre as diferentes formas que assume o Discurso Religioso.

6 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Esta dissertação constitui-se de elementos pré-textuais e textuais.

6.1 ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS

Entre os elementos pré-textuais encontram-se: capa; folha de rosto; ficha catalográfica; folha de aprovação; dedicatória; agradecimentos; epígrafe; resumo na língua vernácula; resumo em língua estrangeira; lista de mapas; lista de abreviaturas e siglas; lista de símbolos bíblicos e semióticos; lista de anexos e sumário.

6.2 ELEMENTOS TEXTUAIS

Entre os elementos textuais temos:

- **INTRODUÇÃO:** onde se encontram as justificativas da escolha do tema; as apresentações dos objetivos gerais e específicos; a constituição do *corpus*; os procedimentos metodológicos empregados e a organização do trabalho.
- **CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO:** onde se apresentam as teorias utilizadas para a realização desta pesquisa: Teoria da Análise do Discurso, Teoria da Enunciação e Teoria Semiótica Greimasiana.

- **CAPÍTULO II - A DISCURSIVIDADE RELIGIOSA:** onde se mostram as pesquisas desenvolvidas sobre a Bíblia Sagrada (etimologia, traduções e funções) e o Discurso Religioso (propriedades, marcas, ilusão da reversibilidade e ideologia religiosa).
- **CAPÍTULO III - O SALTÉRIO:** neste capítulo, expõem-se a divisão e a classificação dos Salmos Bíblicos; a época em que os salmos foram escritos; os comentários sobre a civilização, a economia e a religião hebraica; e a explicação sobre a autoria dos salmos.
- **CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS SALMOS BÍBLICOS:** apresentam-se aqui levantamentos e análises dos procedimentos lingüísticos da enunciação (vocativo, imperativo, antítese, operadores argumentativos, modalizadores e intensificadores) e dos procedimentos discursivos nos três níveis temáticos (Cânticos de Adoração, Hinos de Interesse Nacional e Hinos de Louvor).
- **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** apresentação dos resultados.
- **REFERÊNCIAS:** listagem das obras referidas no trabalho.
- **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:** listagem de todos os livros que contribuíram neste estudo.
- **ANEXOS:** exposição dos dezessete Salmos Bíblicos que fazem parte do *corpus* desta pesquisa.

7 CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO

*"Escuta, SENHOR, a minha oração
e atende à voz das minhas súplicas.
No dia da minha angústia, clamo a ti,
porque me respondes.
Não há entre os deuses
semelhante a ti, Senhor;
e nada existe que se compare
às tuas obras."*

(Sl 86, 6-8)

7.1 TEORIA DA ANÁLISE DO DISCURSO

A escola francesa de Análise do Discurso, consolidada a partir dos anos 60, filia-se a uma tradição intelectual europeia e a uma prática escolar. Seus estudos voltam-se às reflexões sobre o texto e a história, destacando os efeitos de sentidos encontrados, tendo como base a interdisciplinaridade e como centro das reflexões a posição sócio-histórica dos enunciadores.

Nessa perspectiva, destaca-se o seguinte comentário:

[...], a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, enquanto formação lingüística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas também enquanto formação ideológica, que se manifesta através de uma competência sócio-ideológica. (BRANDÃO, 1993, p. 18).

Dessa forma, une-se o lingüístico ao sócio-histórico na AD e destacam-se duas linhas de influência: os conceitos sobre ideologia de Althusser e as idéias sobre discurso de Foucault. Para Althusser (2001, p. 39), "a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência". Como em toda ideologia, a religiosa também tem um centro ocupado por um Sujeito Absoluto, aquele que é por si e para si, que interpela os indivíduos como sujeito, numa dupla relação especular, submetendo-os ao Sujeito por excelência que se define como Deus. Já a arqueologia do saber de Foucault (2002, p. 160), "é a descrição sistemática de um discurso-objeto". Ela busca definir os próprios discursos, mostrar as diferentes práticas discursivas e as posições e funções que o sujeito ocupa na diversidade dos discursos.

Na obra de Althusser, *Aparelhos Ideológicos de Estado* (2001), os AIE, apresentam-se como representações de instituições distintas e especializadas. Primeiramente, observa-se a existência dos Aparelhos Repressivos de Estado, pertencentes ao domínio

público, que consistem organismos cujo objetivo é garantir através da repressão, pela força física ou não, valendo-se de suas leis, de seu exército e de sua polícia, as condições políticas da reprodução das relações de produção social e o exercício dos vários Aparelhos Ideológicos de Estado, remetendo-os ao domínio privado.

Nesse contexto, encontramos a Igreja como uma instituição que funciona, predominantemente, através de uma ideologia e, secundariamente, através de uma atenuada repressão, cuja função é a de persuadir a classe dominada a submeter-se às relações e condições de exploração dos poderosos. O autor acima referido (2001, p. 85) também faz uma ressalva quanto à ideologia em geral, conceituando-a como "uma 'representação' da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência", e apresenta inicialmente duas teses: uma trata do objeto que é representado sob a forma imaginária da ideologia e a outra trata da materialidade da ideologia. Na primeira, a ideologia mostrando-se através de atos concretos. A partir disso, um indivíduo consciente formula as idéias em que crê, adota um comportamento e participa de certas práticas regulamentadas pelo AIE que ele livremente escolheu, enquanto sujeito. Exemplificando o exposto, temos em nosso *corpus* de estudo passagens que atestam o comprometimento do sujeito Davi com a ideologia religiosa, entre as quais destacamos: a ida à igreja, como no Sl 122, 1 "Alegrei-me quando me disseram: Vamos à Casa do SENHOR."; a confissão dos pecados, como no Sl 51, 4 "Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mau perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar"; a oração e o pedido por misericórdia, como no Sl 54, 1 "Ó Deus, salva-me, pelo teu nome, e faze-me justiça, pelo teu poder"; a penitência e naturalmente o arrependimento, como no Sl 41, 4 "Disse eu: compadece-te de mim, SENHOR; sara a minha alma, porque pequei contra ti".

Concordamos com Althusser, quando, ao explicar sua tese, afirma que:

[...] a representação ideológica da ideologia é, ela mesma, forçada a reconhecer que todo "sujeito" dotado de uma "consciência" e crendo nas "idéias" que sua "consciência" lhe inspira, aceitando-as livremente, deve "agir segundo suas idéias", imprimindo nos atos de sua prática material as suas próprias idéias enquanto sujeito livre. (2001, p. 90).

Portanto, a consciência de ser sujeito é o reconhecimento da posição do indivíduo como sujeito nas relações sociais.

A partir desse processo de constatação, Althusser (2001, p. 93), afirma sua tese central: a de que "a Ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos", isto é, que só há ideologia pelo e para os sujeitos concretos, por meio do funcionamento desses sujeitos. É através da ideologia cristã que o autor demonstra que:

[...] a mobilização dos sujeitos de fé só é possível com a condição de existência de um Outro Sujeito Único, Absoluto: Deus. Este se define como Sujeito por excelência e, seus interlocutores, como seus reflexos: um necessita do outro para existir como sujeito (ALTHUSSER, 2001, p. 44).

Com isso, a interpelação dos indivíduos supõe a existência de um sujeito que, ao mesmo tempo em que intimida, é a garantia de que seus interlocutores são subordinados.

Em *A Arqueologia do Saber*, Foucault (2002) quer nos mostrar uma análise arqueológica inovadora, diferente, buscando definir: a) os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem à regras; b) os discursos em sua especificidade, mostrando em que sentido o jogo das regras utilizadas é irreduzível a qualquer outro; c) os tipos e regras práticas discursivas que atravessam obras individuais; d) a descrição sistemática de um discurso-objeto.

A arqueologia e história das idéias de Foucault (2002, p. 157) pode contar a história dos elementos secundários, isto é, "a história das filosofias obscuras que perseguem as literaturas, a arte, as ciências, o direito, a moral e até a vida cotidiana dos homens; [...] a

história, não da literatura, mas do rumor lateral, da escrita cotidiana e tão rapidamente apagada que nunca adquire o *status* da obra ou que imediatamente se perde", aquelas que jamais conseguiram atingir a forma da cientificidade, dirigindo um novo olhar a todo o jogo de representações que ocorre anonimamente entre os homens, tratando, dessa forma, da análise das opiniões, dos erros e dos tipos de mentalidade; além disso permite que se penetre nas disciplinas existentes e que as mesmas sejam reinterpretadas, passando a ser vistas sob um novo enfoque, portanto:

A história das idéias é, então, a disciplina dos começos e dos fins, a descrição das continuidades obscuras e dos retornos, a reconstituição dos desenvolvimentos na forma linear da história. [...] Torna-se, então, a disciplina das interferências, a descrição dos círculos concêntricos que envolvem as obras, as sublinham, as unem uma às outras e as inserem em tudo que não é obra. (2002, p. 158).

Enfim, Foucault apresenta-nos uma descrição específica dos enunciados, de sua formação e das regularidades próprias do discurso, ao lado dos tradicionais métodos de estruturação e interpretação lingüística, com o objetivo de chamar a atenção para as diferentes práticas discursivas e analisá-las.

De acordo com Orlandi (2001, p. 26), "a Análise do Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos". Para chegarmos a essa compreensão, devemos entender claramente como o texto organiza os movimentos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. O analista do discurso questiona a produção de efeitos de sentido nos textos que analisa. Trata-se de sentidos determinados pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são enunciadas. A noção de formação discursiva permite compreender o processo de produção dos sentidos e a sua relação com a ideologia, fornecendo ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso, limitando o que pode e deve ser dito a partir de uma dada posição. Daí

considerarmos que o homem é interpelado como sujeito pela ideologia para que produza o dizer.

A Análise do Discurso destaca a construção do texto a partir da produção do significado, resultante dos processos enunciativos, buscando explicar os caminhos da sua criação. Interpretam-se sentidos que possam explicar as intenções que afloram nos enunciados. Para se chegar ao significado de um discurso, articulam-se mecanismos em que se consideram as intenções do sujeito e o modo de organização textual, considerando o espaço do sujeito, o momento da enunciação e a história do interlocutor.

7.1.1 Condições de Produção do Discurso

Segundo Mussalim (2001, p. 136), "o sujeito, por não ter acesso às reais condições de produção de seu discurso devido à inconsciência de que é atravessado e ao próprio conceito de discurso [...], representa essas condições de maneira imaginária". Isto é, o sujeito, ao enunciar seu discurso, faz uma imagem do lugar que ocupa, imagina o lugar ocupado pelo seu interlocutor e também faz uma imagem do seu próprio discurso. Além dessas imaginações, preocupa-se, ainda, com a imagem que fará seu interlocutor quando tomar conhecimento do seu discurso. Esse jogo de imagens vai se constituindo à medida em que se constitui o discurso e se estabelecem as condições de produção, ou seja, determinam aquilo que o sujeito pode / deve ou não dizer, a partir do lugar que ocupa e das representações que faz ao enunciar.

Podemos dizer que os Salmos Bíblicos, vistos a partir de suas condições de produção, são considerados discursos. E, portanto, constituem objetos de estudo para a AD. Ao analisá-los, não estamos analisando apenas os salmos em si, mas os discursos que vêm

através deles. Partimos dos Salmos enquanto materialidade histórica, já que se trata de compreender como a matéria textual produz sentidos. É por eles e através deles que chegamos ao discurso, pois é nos salmos mesmos que reside a materialidade da língua, o que permite examinar o funcionamento da discursividade e identificar os efeitos de sentido produzidos pelo discurso.

O discurso, como objeto histórico-ideológico da AD, é o ponto de articulação dos processos histórico/ideológicos e dos fenômenos lingüísticos. É um lugar de reflexão que remete a uma noção de ideologia que não separa linguagem e sociedade na história. Segundo Pêcheux (1997), discurso é efeito de sentido entre interlocutores. Assim, todo discurso produz sentidos diferentes conforme as diversas condições de produção em que os enunciados são produzidos e as diversificadas formações ideológicas do sujeito que os produz e os interpreta. A linguagem, enquanto discurso, é intencional, sendo o lugar onde encontramos a manifestação da ideologia. Dessa forma, as condições de produção envolvem a situação, constituindo a instância verbal da produção do discurso, isto é, as condições sócio-históricas e ideológicas em que este é produzido. Nessa perspectiva, o sujeito produz seu discurso influenciado pelo contexto em que se encontra, pelo lugar social que ocupa e pelas relações que mantém com os demais sujeitos que pertencem a uma determinada sociedade.

7.1.2 Formação Discursiva Religiosa

Para Foucault (2002), é a formação discursiva que vai definir cada tipo de discurso segundo a regularidade dos enunciados que contém. Em sua obra *A Arqueologia do Saber*, ele se preocupa em descrever as relações entre enunciados, na área do discurso, e percebe que há, entre elas, uma série de desvios; com isso, conclui que é necessário descrever

sistemas de dispersão, pois esses estão relacionados com as formações discursivas. Portanto, uma formação discursiva relaciona um sistema de dispersão onde é possível observar uma regularidade em relação aos tipos de enunciação, aos objetos, aos conceitos e às escolhas temáticas. Esses elementos citados estão submetidos a certas regras de formação que dão condições de existência aos vários gêneros discursivos. Dessa maneira, as regras de formação autorizam a determinação dos elementos que compõem o discurso e determinam uma formação discursiva.

De acordo com Mussalim (2001, p. 125), o conceito de FD "é utilizado pela AD para designar o lugar onde se articulam discurso e ideologia". Dessa forma, podemos constatar que uma formação discursiva é orientada por uma formação ideológica. Nesta perspectiva, os Salmos Bíblicos, quando foram enunciados, submeteram-se a determinadas práticas discursivas, obedecendo a um conjunto de normas históricas, no tempo e no espaço de uma determinada época, para exercer sua função enunciativa numa dada área social e geográfica.

Deve-se considerar também que os enunciados mudam de sentido segundo as posições adotadas por quem os empregar, pois a posição que o sujeito assume no discurso está diretamente ligada à formação ideológica/discursiva em que ele está inserido; logo, as palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva para outra. Como se percebe, a formação discursiva é a manifestação da materialidade ideológica no discurso, tratando-se do lugar específico da constituição dos sentidos e da identificação do sujeito. Assim, na ordem do discurso, as formações discursivas representam as formações ideológicas que lhes correspondem. Ainda de acordo com essa teoria, a noção de formação discursiva encontra-se, atualmente, em sua terceira fase, etapa em que se prevê a existência de contradições, de diferentes posições-sujeito, para os diferentes efeitos de sentido, tratando-se de uma formação discursiva heterogênea com fronteiras instáveis.

7.1.3 Formação Ideológica

Uma Formação Ideológica corresponde a determinado conjunto de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas relacionam-se com as posições de classe. Elas admitem uma ou várias formações discursivas interligadas, as quais determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada, excluindo ou apagando, por sua vez, o que não pode e não deve ser dito, conforme Pêcheux (1997). As diferentes formações ideológicas materializam-se nas diferentes formações discursivas, pois o conhecimento de mundo não existe desvinculado da linguagem. Por isso, a Análise do Discurso trabalha com a idéia de formação discursiva enquanto componente da formação ideológica, com o objetivo de apreender o funcionamento da ideologia na constituição do discurso.

Pode-se dizer que o discurso materializa as representações ideológicas; dessa forma, as formações ideológicas existem graças às formações discursivas. Segundo Fiorin (2001, p. 32), "uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de idéias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo". Nesse sentido, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e figuras que materializa uma dada visão de mundo. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer.

Conforme Brandão (1993, p. 38), para o funcionamento de formações ideológicas é necessária a "interpelação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico", ou seja, é necessário que o indivíduo ocupe seu lugar em um grupo social,

segundo o funcionamento descrito por Althusser como *Aparelho Ideológico de Estado*, sentindo-se "senhor" de sua própria vontade. É o que ocorre com o nosso salmista Davi, que se encontra inserido numa sociedade hebraica na época da monarquia, sendo reconhecido como rei e amado pelo seu povo. Na qualidade de fiel cristão, dirige-se a Deus em todos os momentos de sua vida, não só para agradecer e enaltecer ao Senhor Deus, como também para buscar a proteção e pedir o perdão por suas transgressões. Dessa maneira, encontra nos Salmos Bíblicos uma forma de colocar-se diretamente a Deus e expressar sua fé, sua gratidão e seu apelo.

Nos salmos, transparece a situação da comunidade e do povo, tanto econômica, social, política, como ideológica; transparecem também suas crises, suas lutas, seus sofrimentos, sua fé, sua esperança, seu amor e suas tradições. O estudo dessa situação do povo ajuda a perceber-se a ligação que existe entre os salmos e a vida de hoje, pois, na situação conflitiva do povo daquele tempo, podemos reconhecer algo de nós mesmos, homens contemporâneos, algo dos nossos problemas e conflitos.

7.2 TEORIA DA ENUNCIÇÃO

A Teoria da Enunciação surgiu com base nas idéias do russo Mikhail Bakhtin e ganhou impulso com o francês Émile Benveniste que, ao estudar a subjetividade da língua, partiu da descrição pronominal e verbal do francês. No sistema pronominal, Benveniste (1995) distinguiu os interlocutores e os referentes, tendo destacado, no sistema verbal, dois planos de enunciação: o discurso e a história, ambos com seus tempos característicos. E ainda fez a distinção entre o paradigma nominal da conjugação e o

paradigma específico de determinados verbos que, quando empregados em primeira pessoa do singular do presente do indicativo, indicam a realização da ação que nomeiam.

Tendo-se como um dos suportes a Teoria da Enunciação, serão levadas em conta, nas análises dos Salmos Bíblicos, as condições de produção, as coordenadas espaço-temporais e as marcas lingüísticas da enunciação. Segundo Koch (1998, p.14), "a enunciação vai determinar a que título aquilo que se diz é dito". Ao enunciar, o locutor instaura um diálogo com o discurso do receptor, interpretando-o como um elemento ativo, atribuindo-lhe a imagem de um contradiscurso.

7.3 TEORIA SEMIÓTICA

A Teoria Semiótica desenvolvida por Greimas (1975) preocupa-se com o texto, seu objeto de estudo, e privilegia o aspecto narrativo do discurso em suas análises, nas quais recorre às noções de querer, dever, poder e saber para descrever os tipos de atitudes em relação ao ser e ao fazer, para explicar o funcionamento da narrativa. Conforme Barros (1999, p. 7), "a Semiótica procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz". O texto só existe quando concebido na dualidade que o define, ou seja, tanto como objeto de significação como objeto de comunicação. Na busca de sentidos, faz-se necessário, nesta pesquisa, um exame dos mecanismos internos e externos, como também dos fatores contextuais sócio-históricos de fabricação do sentido para explicar o que o texto diz e como o diz.

Através do percurso gerativo de sentido, serão abordados, nos Salmos Bíblicos, os níveis fundamental, narrativo e discursivo. No nível fundamental, encontram-se as categorias semânticas que estão na base da construção de um texto, fundamentadas em

oposições, como por exemplo, entre o bem *versus* o mal. No narrativo, estão os enunciados de estado, que descrevem a junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto, como por exemplo, entre um homem em conjunção com a fé cristã; e também estão os enunciados de fazer, que mostram as transformações, a passagem de um enunciado de um estado a outro, como por exemplo, a situação de um homem ateu que se transforma em cristão. E é no nível discursivo que as formas abstratas do narrativo são munidas de termos que lhe dão concretude, isto é, são produzidas invariantes narrativas sob variações discursivas. Nos salmos, as invariantes servem para mostrar como mudam as personagens, os espaços, os tempos e as circunstâncias em que tudo acontece para que o homem esteja em conjunção com a fé, e ainda, como se processa essa transformação de homem não crente em cristão.

O sujeito da enunciação faz uma série de opções para projetar seu discurso, tendo em vista os efeitos de sentido que deseja produzir, sempre procurando persuadir seu destinatário. O enunciador é capaz de levar o enunciatário a crer e a fazer alguma coisa se o convencer de que aquilo que está enunciado é verdadeiro. Nas análises deste trabalho, são observados o contrato que se estabelece entre o enunciador e o enunciatário, bem como os meios empregados na persuasão e na interpretação que ambos desenvolvem. Assim, cabe ao enunciatário descobrir as pistas para entender o texto, compará-las com seus conhecimentos, convicções e, finalmente, crer ou não no discurso.

Portanto, a Semiótica Greimasiana examina não só os procedimentos de organização textual, os mecanismos enunciativos de produção e de recepção do texto; como também, procura determinar o que o texto diz, como o diz e para que o faz. Na análise do discurso religioso, os sentidos se constroem pelo exame de seus procedimentos e, recorrendo-se aos procedimentos propostos pela análise semiótica, pode-se recuperar, no jogo da intertextualidade, a trama ou o enredo da sociedade e da história.

8 CAPÍTULO II - A DISCURSIVIDADE RELIGIOSA

*" Os céus proclamam a glória de Deus,
e o firmamento anuncia as obras
das suas mãos.*

*Um dia discursa a outro dia,
e uma noite revela conhecimento
a outra noite.*

*Não há linguagem, nem há palavras,
e deles não se ouve nenhum som;
no entanto, por toda a terra
se faz ouvir a sua voz,
e as suas palavras,
até aos confins do mundo."*

(Sl 19, 1-4)

8.1 A ETIMOLOGIA DA PALAVRA BÍBLIA

Em seus documentos do passado, o povo de Israel registrava momentos importantes de sua história com Deus. Ela estava nos relatos familiares, nas narrativas de encontros entre reis e profetas, nas festas tradicionais, nas leis e nos cultos. No início, essas histórias e tradições eram passadas de geração a geração de forma oral.

Segundo Chouraqi (1980), aos poucos, tudo foi sendo registrado por escrito, no transcurso de aproximadamente dois mil anos: desde 1850 a. C. até o ano 100 de nossa era. A maior parte do Antigo Testamento foi escrita na Palestina. É nesta terra que se passa a história do povo de Israel. Os primeiros textos escritos são da época do rei Salomão, filho de Davi, em torno do ano de 950 a. C. Por muito tempo, os livros bíblicos existiam de forma independente. Eles eram conservados em rolos de papiro (planta abundante na região) e depois passaram também a ser escritos em pergaminho (pele de carneiro).

Mais tarde, estes escritos foram reunidos num único livro, chamado Bíblia. A Bíblia foi o primeiro livro impresso do mundo. Gutenberg imprimiu a Bíblia em pergaminho, sendo que, para as suas trinta primeiras Bíblias, ele precisou da pele de cinco mil cabras. Trabalharam seis impressores na impressão da Bíblia, além de doze tipógrafos e mais dois auxiliares durante oito anos, além de Gutenberg. Entretanto, foi o português João Ferreira de Almeida o primeiro tradutor da Bíblia para a língua portuguesa, tendo iniciado sua tradução em 1681, na Índia, porém sem conseguir terminá-la antes de falecer; por isso, Jacob Ofden Akkar, ministro na Batávia, deu seqüência ao trabalho de Ezequiel 48: 21, em diante. Quando estava quase pronta, este também veio a falecer. Finalmente, foram os Missionários dinamarqueses que terminaram essa tradução. Portanto, somente em 1753 foi impressa a primeira Bíblia em português. A Bíblia é considerada o documento da vida de Deus, da vida

de Cristo, da vida do Espírito Santo com as pessoas que deram testemunho de sua fé. Por isso, ela é também um documento da vida das pessoas, da comunidade e de um povo.

Para os cristãos, a Bíblia é um livro de autoridade divina, no qual a Lei (*Torah*) é a palavra por excelência inspirada por Deus; os profetas são os intérpretes dessa Lei e os Escritos, como por exemplo, os Salmos Bíblicos, são considerados os livros de menor autoridade. Essa tríplice forma de revelação escrita caracteriza a divisão tradicional da Bíblia hebraica. Na concepção da teologia liberal, a Bíblia é vista como um documento histórico igual a qualquer outro, cumprindo o papel de testemunha de um período digno de figurar na história da humanidade, reforçando o caráter ético da mensagem de Cristo e deixando de lado a fundamentação dogmática da fé.

Numa perspectiva etimológica, é interessante transcrever a origem da palavra Bíblia, expressa nos seguintes termos por Cunha (1997, p. 108): " Bíblia sf. 'o conjunto dos livros sagrados do Antigo e do Novo Testamento' / *biblya* XIV, *-bria* XIV, *briuia* XIV / Do lat. ecles, *biblia*, deriv. do gr. *bibliá* 'os livros (santos)' // **bíblico** 1844." Podemos dizer que sua origem é remota, tratando-se da mais antiga forma de livro, apresentada em rolo, escrito em papiro, planta que era cultivada no Egito, às margens do rio Nilo. Os egípcios, gregos e romanos transformavam o caule dessa planta em uma espécie de folha sobre a qual podia-se escrever. Escrevia-se nessas folhas somente de um lado; depois disso eram guardadas em rolos. Essa folha de papiro chamava-se *biblos* na língua grega. Mais tarde, passou a significar o rolo ou o livro. Daí vem a palavra em português, *Bíblia*, que significa o conjunto de livros da Sagrada Escritura.

Dessa forma, encontramos a significação da palavra Bíblia como Livros Sagrados, divididos em duas partes: o Antigo e o Novo Testamento. Em relação às Escrituras, atribui-se à Bíblia Protestante uma composição de sessenta e seis livros, sete a menos que a Bíblia Católica, dos quais trinta e nove pertencem ao A.T., com temas históricos, proféticos e

poéticos, no qual, situam-se os Salmos Bíblicos, sendo vinte e sete pertencentes ao N. T., trazendo, inicialmente, os quatro evangelhos, depois o testemunho dos atos dos apóstolos, seguido das cartas de Paulo e das cartas gerais, e finalizando com a revelação de Apocalipse. Conforme diz a tradição, seu tempo de composição durou aproximadamente mil e seiscentos anos, tendo sido escrita por um total de quarenta autores.

Nenhum livro da Bíblia foi escrito inicialmente com capítulos e versículos numerados. Porém, para facilitar a leitura, o inglês Estêvão Langton, arcebispo de Cantuária, em 1214, dividiu os livros em capítulos. Já a divisão dos capítulos em versículos foi feita, em definitivo, em 1551, pelo tipógrafo Roberto Stefano. Cada versículo na Bíblia é apresentado graficamente como se fosse um parágrafo e utiliza-se da numeração arábica. Os parágrafos começam com uma palavra cuja primeira letra apresenta-se em negrito, conforme encontramos em Gênesis, capítulo 1, versículos 1. 3. 6. e assim sucessivamente. Quando o texto é poético, aparece em forma de poesia, como no livro dos Salmos. Os títulos que subdividem o texto bíblico, resumindo em temas o conteúdo de um ou mais parágrafos ou de capítulos inteiros, não fazem parte do texto original. Eles foram acrescentados posteriormente para tornar a leitura mais acessível. A palavra "Senhor" sempre é escrita "SENHOR", com letras maiúsculas, quando no texto original hebraico aparece o nome de Deus "Javé", de acordo com Gn 2, 4.

Atualmente, sabemos que o cânon egípcio primitivo era uma coleção de obras consideradas de inspiração divina, denominada dos LXX (Setenta) ou Septuaginta, por terem sido, exatamente, setenta sábios hebreus os primeiros tradutores do Antigo Testamento hebraico. Essa tradução foi escrita em grego popular, antes da Era Cristã, e era composta por cinco livros atribuídos a Moisés, chamados Pentateuco. O nome de "versão da Septuaginta" é universalmente dado à coleção dos livros do A. T. existentes na Bíblia grega adotada pela Igreja Oriental. Mais tarde, foram acrescentados outros textos de interesse histórico e de

edificação, isto é, de força moral e espiritual, visando fortalecer a Igreja e o crescimento dos crentes, tornando, dessa maneira, a coleção Alexandrina maior que a Palestina.

Ressaltam-se, ainda, as considerações que faz Abadía (2000, p. 30) sobre a Bíblia: "ela está inserida na história de um país e reflete a organização social, a cultura e as crenças do povo que deu origem a ela". Dessa forma, podemos dizer que toda criação humana leva consigo a marca da sua história, nasce e se desenvolve ligada ao processo histórico de seu país. Assim, a Bíblia, tendo sido escrita por e para homens de uma sociedade, revela, de alguma forma, aspectos dessa sociedade quanto à sua organização social, cultural, moral, política e religiosa. Nos textos bíblicos, encontram-se registradas as complexidades de um mundo plural, em suas diferentes realidades, às vezes em conflito, outras vezes estabelecendo alianças; mas, intimamente, ligados ao seu contexto. Tanto o A. T. como o N. T. resultaram da interação de diversos grupos e partidos, com interesses e pontos de vista particulares, testemunhando cada uma das diferentes formas de sociedade. Em relação a isso, assim se posiciona Gaarder:

O respeito pela vida religiosa dos outros, por suas opiniões e seus pontos de vista, é um pré-requisito para a coexistência humana. Isto não significa que devemos aceitar tudo como igualmente correto, mas que cada um tem o direito de ser respeitado em seus pontos de vista, desde que estes não violem os direitos humanos básicos. (GAARDER, et al. 2000, p. 15).

Constata-se que a Bíblia tem aspectos históricos-sociais peculiares, pois tanto o Antigo como o Novo Testamento resultaram da interação de diversos grupos sociais cujos interesses e pontos de vista são bastante particulares. Durante séculos, mantiveram-se duas posições radicalmente opostas sobre Bíblia e tradição, muitas pessoas foram perseguidas devido a suas convicções, situação que persiste ainda em nossos dias; porém, com o passar do tempo e o reexame do assunto, grandes progressos têm sido alcançados em relação a esses temas. Pode-se dizer que o melhor método para se estudar as religiões é considerar cada uma

em seu próprio contexto histórico e social, em vista do que deixamos a seguinte definição "Religião significa a relação entre o homem e o poder sobre-humano no qual ele acredita ou do qual se sente dependente. Essa relação se expressa em emoções especiais (confiança, medo) , conceitos (crença) e ações (culto e ética)." (C. P. TIELE, 1830-1902, apud GAARDER, 2000, p. 17).

8.1.1 Bíblia: traduções e funções

Temos conhecimento de que a Bíblia foi escrita aproximadamente entre o ano 1250 a. C. e o ano 100 d. C., tendo levado, portanto, mais de mil anos para ficar pronta. Os originais das Sagradas Escrituras foram escritas em hebraico, aramaico e grego. Sabemos que o Antigo Testamento foi escrito em hebraico, embora alguns textos também tenham sido escritos em aramaico, nas regiões da Palestina (a terra de Jesus), da Babilônia (onde o povo judeu, num determinado momento de sua história, esteve exilado) e do Egito (para onde muitos judeus foram depois do cativeiro na Babilônia).

Já o Novo Testamento foi originalmente escrita em grego, língua predominante na época, nas regiões da Palestina, na Síria, na Ásia Menor, na Grécia e na Itália (lugares estes onde haviam sido fundadas comunidades cristãs). Os livros da Bíblia foram escritos em cerâmica (tijolos de argila), em papiro (tiras de papel feitas a partir da árvore de papiro, originária do Egito) e em pergaminho (couro curtido de carneiro), foi chamado de pergaminho por ter sido usado pela primeira vez na cidade de Pérgamo por volta de 200 anos a. C.

A Bíblia já foi traduzida em torno de dois mil idiomas. As cópias mais antigas encontram-se na Biblioteca do Vaticano, no Museu Britânico de Londres e no Museu

de Jerusalém em Israel. Dentro dessa perspectiva, esses originais da Bíblia que, na verdade, são cópias de cópias, pois as versões manuscritas originais se perderam no tempo, servem de base para as traduções das Escrituras. Portanto, as edições do A. T. hebraico e do N. T. grego baseiam-se em antigas cópias que existem e foram encontradas graças às descobertas arqueológicas.

Segundo a Sociedade Brasileira Bíblica (www.ssb.org.br), para a tradução do A. T., a Comissão de Tradução da SBB usou a Bíblia *Stuttgartensia*, publicada pela sociedade alemã e para o N. T. foi utilizado *The Greek New Testament*, editado pelas Sociedades Bíblicas Unidas. Essas são consideradas as melhores edições de textos hebraicos e gregos que existem hoje, disponíveis para tradutores.

Há muitos séculos a. C., os escribas, os sacerdotes, os profetas, os reis e os poetas do povo hebreu mantinham registros de sua história e de seu relacionamento com Deus. Estes registros, por terem um significado todo especial para eles, eram copiados diversas vezes e passados de geração a geração. No decorrer do tempo, esses relatos sagrados foram reunidos numa coleção de três livros chamados: A Lei, Os Profetas e As Escrituras. A Lei é composta pelos cinco primeiros livros da nossa Bíblia. Os Profetas incluem: Isaías, Jeremias, Ezequiel, os Doze Profetas Menores, Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis. As Escrituras reúnem o grande livro de poesias, os Salmos, além de Provérbios, Jó, Ester, Cantares de Salomão, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Daniel, Esdras, Neemias e 1 e 2 Crônicas.

Os livros do A. T. foram copiados pelos escribas em longos pergaminhos, de forma que cada livro era escrito em um pergaminho separado. A Lei utilizava dois grandes pergaminhos, nos quais o texto era escrito em hebraico - da direita para a esquerda -, e apenas alguns capítulos em dialeto aramaico. Tem-se notícia de que o pergaminho de Isaías, encontrado numa caverna próxima ao Mar Morto, em 1947, seja o mais remoto trecho do A.

T. em hebraico, tendo sido escrito por volta do século II a. C., devido à sua semelhança com o pergaminho utilizado por Jesus na Sinagoga, em Nazaré.

Os primeiros manuscritos do N. T. de que temos conhecimento são as cartas escritas pelo Apóstolo Paulo às pessoas de diversos povoados que acreditavam no Evangelho por ele pregado. Essas pessoas, ao tomarem conhecimento das escrituras, foram se organizando em grupos, dando início ao surgimento das Igrejas Cristãs e assim essas cartas foram sendo copiadas e passaram a ter grande circulação nas comunidades. Conseqüentemente, veio a necessidade de se ensinar a relatar os testemunhos e os ensinamentos de Cristo aos novos convertidos, resultando, dessa forma, na Escritura dos Evangelhos, que passaram a contar também com outras cartas, com exortações e até com sermões.

Atualmente, o mais antigo fragmento do N. T. de que se tem notícia é um pequeno pedaço de papiro escrito no início do século II d. C. ,onde se encontram algumas palavras referentes aos versículos do Apóstolo João. Além dos livros que compõem o atual N. T., havia outros que circularam nos primeiros séculos da era cristã, como as Cartas de Clemente, o Evangelho de Pedro, o Pastor de Hermas, e o Ensino dos Doze Apóstolos. Durante muitos anos, embora os Evangelhos e as Cartas de Paulo fossem aceitos de forma geral, não foi feita nenhuma tentativa de determinar quais dos manuscritos eram realmente autorizados. Entretanto, gradualmente, coube à Igreja julgá-los e reuni-los na coleção das Escrituras que constituíam um relato mais fiel sobre a vida e ensinamentos de Jesus. No Século IV d. C., foi estabelecido, entre os concílios das igrejas, um acordo comum e o Novo Testamento foi constituído.

Os dois manuscritos mais antigos da Bíblia em grego podem ter sido escritos naquela ocasião - o grande *Codex Sinaiticus* e o *Codex Vaticanus*. Estes dois

manuscritos contêm quase a totalidade da Bíblia em grego. Ao todo, temos aproximadamente vinte manuscritos somente do Novo Testamento escritos nos primeiros cinco séculos.

Quando Teodósio proclamou e impôs o cristianismo como única religião oficial no Império Romano no final do Século IV, surgiu uma demanda nova e mais ampla por boas cópias de livros do Novo Testamento. É possível que o grande historiador Eusébio de Cesaréia tenha conseguido demonstrar ao imperador o quanto os livros dos cristãos já estavam danificados e usados, porque o imperador encomendou cinquenta cópias para as igrejas de Constantinopla. Provavelmente, esta tenha sido a primeira vez que o Antigo e o Novo Testamentos foram apresentados em um único volume, agora denominado Bíblia.

A Bíblia, o livro mais lido, traduzido e distribuído do mundo, desde as suas origens, foi considerada sagrada e de grande importância. E, como tal, deveria ser conhecida e compreendida por toda a humanidade. A necessidade de difundir seus ensinamentos através dos tempos e entre os mais variados povos, resultou em inúmeras traduções para os mais diversos idiomas e dialetos. Hoje é possível encontrar a Bíblia, completa ou em porções, em mais de duas mil línguas diferentes.

Estima-se que a primeira tradução do A. T. para o grego tenha sido elaborada entre 200 a 300 anos a. C., contribuindo para que os judeus que viviam no Egito pudessem ter acesso às Escrituras, já que não entendiam mais a língua hebraica, como também, para os judeus que viviam na Palestina, devido ao cativeiro da Babilônia, que também não falavam mais o hebraico. Esta primeira tradução em grego do A. T. foi chamada de Septuaginta, ou Tradução dos Setenta, por ter sido traduzida por setenta sábios hebreus, convocados em Alexandria, no Egito, pelo rei Ptolomeu Filadelfo. Esta versão era muito usada pelos apóstolos e contém sete livros que não fazem parte da coleção hebraica por não estarem incluídos no cânon, ou seja, na lista oficial do A. T. que fora estabelecida por exegetas israelitas no final do Século I d. C. Entretanto, a igreja primitiva incluía esses livros,

chamados apócrifos ou deuterocanônicos, em sua Bíblia. Os apócrifos são considerados os livros que não foram escritos sob a inspiração de Deus, embora tenham sido escritos na mesma época que os demais livros da Bíblia. Esta tradução do A. T. foi utilizada em sinagogas de todas as regiões do Mediterrâneo e representam um instrumento fundamental nos esforços empreendidos pelos primeiros discípulos de Jesus na propagação dos ensinamentos de Deus.

Em seguida, começaram a surgir outras traduções, escritas por cristãos novos, nas línguas copta (Egito), etíope (Etiópia), siríaca (norte da Palestina) e em latim, esta última a língua mais utilizada no Ocidente. Devido a versões parciais e insatisfatórias em latim, o bispo de Roma, no ano 382 d. C., nomeou o exegeta Jerônimo para fazer uma tradução oficial das Escrituras. Com o objetivo de ser fiel aos originais, Jerônimo foi à Palestina para estudar hebraico e examinar os manuscritos, viveu lá cerca de vinte anos, e conseguiu realizar a sua tradução que ficou conhecida como *Vulgata Latina*, isto é, escrita na língua de pessoas comuns. Apesar de não ter sido aceita de imediato, acabou tornando-se o texto oficial do cristianismo ocidental. A Igreja Católica Romana, desde o fim do Século XVI, tem adotado esta versão como oficial. Dessa forma, a Bíblia difundiu-se por todas as regiões do Mediterrâneo, alcançando até o Norte da Europa e foi preservada por muitos séculos, apesar das guerras e dos conflitos entre cristãos na Europa.

Não temos conhecimento de como a Bíblia chegou às Ilhas Britânicas, mas sabemos que os Missionários divulgaram o evangelho na Irlanda, Escócia e Inglaterra e também estamos cientes que havia cristãos nos exércitos romanos que lá estiveram no segundo e terceiro século. Provavelmente, a tradução mais antiga na língua do povo desta região é a do venerável Bede; entretanto, suas traduções não chegaram até nós.

Em meados do século XV, na Alemanha, Johannes Gutenberg desenvolvendo a arte da fundição, produziu em sua prensa a primeira Bíblia em latim. Dessa

mesma forma, foram impressas, ainda nessa época, em mais seis idiomas: alemão, italiano, francês, tcheco, holandês e catalão; e em meados do século seguinte, também surgiram as versões em espanhol, dinamarquês, inglês, sueco, húngaro, islandês, polonês, finlandês.

E assim, as Escrituras, vinculadas ao texto em latim, foram lidas entre os povos. Porém, no século XVI, começaram a chegar à Europa Ocidental os manuscritos de textos em grego e hebraico, até então, preservados nas igrejas orientais. Neste novo período de estudo e apreciação de tais manuscritos, destaca-se Erasmo de Roterdã, professor na Universidade de Cambridge, Inglaterra, que, em 1516, publicou sua edição do N. T. em grego.

Destacam-se também as descobertas arqueológicas que contribuem para melhor se entender as Sagradas Escrituras. A maior descoberta ocorreu em 1947, quando um pastor debuíno encontrou, por acaso, os Manuscritos do Mar Morto, na região de Jericó. As buscas duraram cerca de nove anos e vários documentos foram encontrados na caverna de Qumrân, constituindo-se nos mais antigos fragmentos da Bíblia hebraica de que se têm notícias, escondidos ali pela tribo judaica dos essênios no Século I, nos oitocentos pergaminhos escritos entre 250 a. C. a 100 d. C.; deles constam comentários teológicos e descrições da vida religiosa desse povo. Entre eles, destaca-se uma cópia quase completa do livro de Isaías, feita cerca de cem anos antes do nascimento de Cristo; fragmentos de um texto do profeta Samuel, textos de profetas menores; parte do livro de Levítico e uma paráfrase de Jó. Estas descobertas continuam a fornecer novos dados aos tradutores da Bíblia. Elas têm ajudado a esclarecer várias questões a respeito de palavras e termos hebraicos e gregos, cujo sentido não são absolutamente claros.

No decorrer da história, a linguagem humana tem sido compreendida de formas diferentes. Segundo Koch (1998), há três possibilidades distintas de se conceber a linguagem: como representação do mundo e do pensamento; como instrumento de comunicação e como forma de interação. Para a primeira concepção, a linguagem é vista

como expressão do pensamento e conhecimento de mundo. Enquanto que, para a segunda, a linguagem apresenta-se como um instrumento de comunicação, na qual a língua é vista como um código, isto é, um conjunto de signos combinados que transmitem mensagens. Já para a terceira concepção, a linguagem é vista como uma forma de ação, como um processo de interação humana.

A essas considerações, acrescentamos algumas explicações da terceira concepção:

Nessa concepção, o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A língua é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e "falam" e "ouvem" desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais. [...] Dessa forma o diálogo em sentido amplo é que caracteriza a linguagem. Essa concepção é representada por todas as correntes de estudo da língua que podem ser reunidas sob o rótulo de *lingüística da enunciação*. Aqui estariam incluídas correntes e teorias tais como a Lingüística Textual, a Teoria do Discurso, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, a Semântica Argumentativa e todos os estudos de alguma forma ligados à Pragmática. (TRAVAGLIA, 2000, p. 23).

Portanto, de acordo com o referido autor, podemos constatar que a língua não é um produto pronto, mas se produz na interação entre os sujeitos dentro de um contexto sócio-histórico.

Face ao reconhecimento das diferentes concepções de linguagem, passamos, no momento, a abordá-la segundo suas várias funções na comunicação, sejam elas monológicas, como a que se dá em falas introspectivas, ou dialógicas, utilizando-se dos elementos de um código. Nas funções dialógicas da linguagem, permeiam várias mensagens entrecruzadas com diferentes funções, percebendo-se, entretanto, o constante predomínio de uma delas, levando-se em conta a intenção do que e para quem se quer dizer alguma coisa.

Segundo Lopes (1999), entre as funções dialógicas estudadas pela Linguística, encontram-se seis tipos: a função referencial, a qual dá ênfase ao contexto, isto é, ao referente; a função emotiva, na qual o emissor deixa transparecer as intenções do seu dizer, dando ênfase ao remetente; a função conativa, também chamada apelativa, na qual o emissor tenta influenciar alguém a fazer algo, utilizando-se do vocativo e do imperativo, voltada, portanto, ao destinatário; a função fática, que estabelece e assegura a sintonia no canal, no contato entre interlocutores, demonstrando, dessa forma, que a língua é também, um modo de agir; a função metalingüística, que dá ênfase a um sistema de símbolos com significações convencionais, denominadas código, para representar e organizar os sinais utilizados na mensagem; e a função poética, cuja atenção se volta para os elementos lingüísticos utilizados, enfatizando a mensagem como uma forma especial de produzir efeitos emotivos.

A partir dessas colocações, passamos a tratar das funções da linguagem bíblica, destacando, primeiramente, a colocação de Abadía (2000, p. 122), de que "na realidade, a Bíblia é multifuncional, como toda literatura". Constatam-se aí seis funções principais que se assemelham com as abordadas anteriormente, que são: a função histórica, apresentando características da função referencial, a qual é dominante na maior parte da literatura bíblica; a função teológica, equivalendo à função emotiva, com a qual se interpretam as Sagradas Escrituras à luz de Deus e de sua interação com o mundo; a função doxológica, apresentando-se dividida entre a parte teológica e a didática, cujo objetivo é o de louvar a Deus e convidar a comunidade a também fazê-lo; a função didática, aproximando-se da função conativa, que faz uso do vocativo e do imperativo com a intenção de configurar o comportamento ético do leitor; a função estética, assemelhando-se com a poética, na qual os autores preocupam-se com a forma, pois a linguagem simbólica convém ao discurso acerca de Deus; e a função de entretenimento, aproximando-se da fática, que permite aos autores disporem de mecanismos que chamam a atenção e entretêm o leitor.

8.2 O DISCURSO RELIGIOSO

O Discurso Religioso costuma ser classificado entre os chamados "discursos autoritários", portadores de verdades universais, nos quais dogmas como fé, Deus e o poder divino são vistos como intocáveis. Trata-se de um discurso com tendência monossêmica, indicação de que sustenta apenas um valor ideológico autoritário, no qual locutor e ouvinte pertencem a mundos totalmente diferentes. Dessa forma, entendemos por monossêmia (mono = um; semia = significado), as palavras que têm um só significado. Assim também se posiciona Citelli (2000, p. 72), para quem "trata-se de palavras ou expressões que remetem a um mesmo sentido". Concluimos, então, que o signo monossêmico é fechado, impede uma leitura plural e nele cada significado corresponde a um único significante.

No discurso religioso, locutor e ouvinte pertencem a mundos diferentes, conforme já disse Orlandi (1996, p. 243): "o locutor é do plano espiritual (o Sujeito Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens)". Nesse sentido, percebemos a existência e a desigualdade entre esses dois mundos espacialmente distantes, baseados na verticalidade: de um lado o céu /Mundo da Divindade/ e, do outro, a terra /Mundo do Homem/, preenchidos pelo silêncio e pelas relações imaginárias e simbólicas. E é nesse contexto que se constroem os sentidos do discurso religioso, em que, visivelmente, sobressai o domínio do Mundo Espiritual sobre o Mundo Temporal.

De acordo com a perspectiva semiótica, Lopes (1978) faz um estudo do signo visual, destacando, no plano de expressão dessa modalidade, a espacialidade vertical adicionada às variantes superior (céu) e inferior (terra), que mantém relação com o plano do conteúdo, constituído pelo Mundo da Divindade e pelo Mundo do Homem. Portanto, em

relação à espacialidade vertical, configuramos uma idéia de mundo imanente ao homem, em oposição a um mundo transcendental da divindade, que se mantêm entre os dois actantes, Deus e Homem, numa relação virtual de transitividade sustentada pela fé.

Ainda pensando na relação entre sujeitos e Sujeito, como também considerando-se que esta dissertação versa sobre Salmos Bíblicos criados pelos sujeitos do plano temporal, nos quais o eu-cristão pode dirigir-se diretamente a Deus, mesmo que virtualmente, para dizer tudo aquilo que está sentindo, constatamos que esse sujeito possui uma certa autonomia quanto ao que dizer, porém deve se manter dentro das normas de como dizer e precisa se dirigir a um Sujeito Absoluto. Na maioria das vezes, essas fórmulas religiosas já estão internalizadas na sua conduta. Nesse sentido, afirma Orlandi (1996, p. 247), "de um lado, temos sempre a onipotência divina, de outro, a submissão humana [...] é preciso que os homens, para serem ouvidos por Deus, se submetam às regras: eles devem ser bons, puros, devem ter mérito, ter fé, etc". E ainda que (2002, p .30), "o que funciona na religião é a *onipotência do silêncio divino*. [...] na ordem do discurso religioso, Deus é o lugar da onipotência do silêncio. E o homem precisa desse lugar, desse silêncio, para colocar uma sua fala específica: a de sua *espiritualidade*. [...] no discurso religioso, em seu silêncio, 'o homem faz falar a voz de Deus'."

Portanto, para se manter uma relação com o Sujeito Deus do /Mundo da Divindade/, o sujeito fiel do /Mundo do Homem/ deve assumir as qualidades do espírito por meio da fé. Segundo a Bíblia Sagrada (1993, p. 229 do N. T.), em Efésios 2, 8, encontramos: "[...] pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie". Dessa forma, percebemos que os mecanismos utilizados para a sustentação desse discurso encontram-se essencialmente na valoração da fé.

Nesse sentido, distinguimos, no plano temporal, dois grupos de sujeitos: os fiéis e os não-fiéis. Os primeiros crêem em Deus e assim justificam a sua fé. Conforme a

Bíblia Sagrada (1993, p. 183 do N. T.) em Romanos 3. 28, " Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independente das obras da lei". Portanto, para os sujeitos fiéis, o discurso religioso representa uma promessa, um compromisso, um voto; enquanto que, para os segundos, os não-fiéis, o discurso religioso retrata uma ameaça, um castigo, um prenúncio de desgraça. Sendo assim, resta ao homem escolher entre o caminho do bem o do mal.

8.2.1 Propriedades e Marcas do Discurso Religioso

Podem-se demonstrar as características do Discurso Religioso considerando-se as relações entre propriedades e marcas levantadas por Orlandi (1996). Antes, porém, convém realizarmos um levantamento de como essas relações ocorrem nos enunciados religiosos, criando condições para que o analista do discurso descubra e entenda melhor como se produzem os efeitos de sentido nessa modalidade discursiva. Para que se identifiquem tais características segundo essa perspectiva, devemos estabelecer distinções à parte para cada relação.

Segundo a referida autora (1996, p. 260), para caracterizar a discursividade religiosa podemos especificar a relação entre os seguintes fatores predominantes: "a assimetria entre os planos temporal e espiritual e a não-reversibilidade; o uso de antíteses; e o mecanismo da negação". A partir dessas colocações, seguem-se as fundamentações desses fatores predominantes.

De acordo com os ensinamentos de Orlandi (1996, p. 257), "a propriedade tem mais a ver com a totalidade do discurso e sua relação com a exterioridade". Nesse sentido, destacam-se, as duas propriedades mais significativas do processo discursivo religioso. A primeira propriedade apresenta o sujeito reprodutor desse discurso regulado pelo

texto sagrado, sendo o mesmo geralmente representado por um pregador, que poderá ser um padre, um pastor ou um fiel. No entanto, esses sujeitos estão desprovidos de autonomia em relação à voz de Deus que eles representam; não conseguindo, dessa forma, apropriarem-se do lugar de onde falam. Por conseguinte, são vistos como um *tu* que se transforma em mero receptor, sem possibilidade de interferir e modificar aquilo que está sendo dito.

A outra propriedade mostra a assimetria entre os planos espiritual e temporal, trazendo como conseqüência a não-reversibilidade. Em relação à assimetria entre os planos espiritual/temporal, constatamos que ela se mantém, no discurso religioso, pela desigualdade espacial de verticalidade encontrada na relação divino/humano, já comentada anteriormente quando se tratou do Discurso Religioso. Portanto, não ocorre a reversibilidade entre os planos espiritual/temporal porque ambos pertencem a variantes diferentes. No entanto, se os planos ou os actantes pertencessem a um mesmo espaço de horizontalidade, poderia ocorrer a reversibilidade, desde que, existisse vontade para tal.

Considerando-se que as marcas do Discurso Religioso originam-se da desigualdade entre o Mundo da Divindade e o Mundo do Homem, é importante acrescentarmos a informação de Orlandi (1996) de que as marcas encontradas nas formações discursivas relacionam-se às organizações internas do discurso e que elas podem surgir dos vários níveis de análise lingüística, como por exemplo: do morfológico, do semântico, do sintático e do fonológico entre outros.

Nas Sagradas Escrituras, observamos o uso intenso da figura de pensamento denominada antítese, que consiste na aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos. Trata-se de uma das marcas do discurso religioso apoiada no mecanismo de negação, porém seu efeito é invertido, ou seja, é o sim pressuposto no destinatário do discurso. De acordo com a autora supracitada, a retórica da denegação corresponde à negação da negação e

constitui a retórica do próprio discurso religioso. Nesse sentido, para se afirmar o que é positivo, devemos negar o negativo.

Considerando-se que os discursos se relacionam, comunicando-se entre si, constatamos a presença das marcas significativas do Discurso Religioso nos demais gêneros discursivos, como, por exemplo, no literário, no jurídico, no acadêmico, entre outros. Para não confundi-los, devemos estar atentos a seus funcionamentos.

Concluímos, portanto, que as marcas não são exclusivas de um só tipo de discurso, porque podem ser encontradas também em outros. Contudo, elas estão relacionadas às propriedades que caracterizam os gêneros discursivos.

8.2.2 A Ilusão da Reversibilidade

De acordo com Orlandi (1996, p. 239), "a reversibilidade é a condição do discurso". Partimos do princípio de que todo discurso é polissêmico e que, para haver interlocução, faz-se necessária a troca de papéis na interação. Dessa forma, os sentidos de um discurso ultrapassam o domínio exclusivo do locutor.

A esse respeito, é necessário acrescentar-se que:

[...] todo discurso é incompleto e seu sentido é intervalar: um discurso tem relação com outros discursos, é constituído pelo seu contexto imediato de enunciação e pelo contexto histórico-social, e se institui na relação entre formações discursivas e ideológicas. (ORLANDI, 1996, p. 240).

No entanto, observamos que o discurso autoritário tende a anular essa capacidade de reversão, direcionando-se à monossemia, como já foi tratado anteriormente. Ainda, segundo Orlandi (1996, p. 251), ocorre a ilusão da reversibilidade entre o plano humano, de ordem temporal, para o plano divino, de ordem espiritual "pela visão, pela

profecia, pela performatividade das fórmulas religiosas, pela revelação". Essa ilusão da ultrapassagem entre céu e terra, fundamentada pela fé, consiste na troca de papéis no ato da interlocução, e pode partir tanto de um como de outro plano, sustentando o funcionamento desse discurso.

Nesse caso, a ilusão da ultrapassagem pode se confirmar através do milagre e do poder, no momento em que um sujeito, como por exemplo, um profeta, dirige-se a Deus e adquire qualidades atemporais, ocorre a reversibilidade; como também, quando Deus aproxima-se de um sujeito, como por exemplo, um pastor, e esse adquire qualidades divinas e passa, então, a falar do lugar de Deus. Para a referida autora (1996, p. 252), "ser representante, no discurso religioso, é estar no lugar de, não é estar no lugar próprio". Portanto, por mais que um pastor repita as palavras de Deus, ele é apenas um intermediário que se constitui como representante, colocando-se no lugar de Deus, porém não se confunde com Ele.

8.2.3 A Ideologia Religiosa

Para falar sobre Ideologia Religiosa, é imprescindível que façamos antes algumas considerações sobre a ideologia em geral. Segundo Chauí,

a ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras e preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes a partir das divisões na esfera da produção. (2001, p. 108).

Idéias como essas permitem-nos concluir que a ideologia, nascida da luta de classes, possui um corpo teórico de regras com algumas lacunas que nunca poderão ser preenchidas sob pena de se destruir sua coerência. Segundo essa perspectiva, podemos registrar, em relação ao Discurso Religioso, uma visão de ideologia que Althusser expressa em termos como esses:

[...] toda a ideologia tem um centro, lugar único ocupado pelo Sujeito Absoluto, que interpela, à sua volta, a infinidade de indivíduos como sujeitos, numa dupla relação especular que submete os sujeitos ao Sujeito, dando-lhes no Sujeito, onde qualquer sujeito pode contemplar sua própria imagem (presente e futura), a garantia de que certamente trata-se deles e Dele, e de que se passando tudo em Família (a Santa Família: a Família é, por sua essência, Santa), 'Deus aí reconhecerá os seus', ou seja, aqueles que tiverem reconhecido Deus e se tiverem reconhecido nele serão salvos. (2001, p. 102).

Em tal sentido, de acordo com as Escrituras, Deus se define como Sujeito Absoluto, apresentando-se como aquele que ordena, interpela, salva e condena; enquanto que os indivíduos tornam-se sujeitos à medida em que se submetem ao Sujeito por excelência, crendo um dia habitar na Casa do Senhor, desde que seus atos façam por merecer isso.

Conforme foi exposto, voltamos ao pensamento de Althusser (2001, p. 101), que afirma que: "Deus se define a si mesmo, portanto, como o Sujeito por excelência, aquele que é por si e para si", e os indivíduos são a Ele submetidos, tornando-se seus interlocutores-interpelados. Como se percebe, a ideologia religiosa é dirigida aos indivíduos para transformá-los em sujeitos: homens e fiéis. Dessa forma, concordando com Grigoletto (2003, p. 38), acrescentamos que "temos uma relação de assujeitamento dos sujeitos ao Sujeito", o que constitui uma das mais fortes características do discurso religioso. E é nessa posição de submissão à ordem divina que o sujeito fiel, como, neste caso, o sujeito Davi, constrói e

expressa sua espiritualidade, criando um todo significativo revestido de saber e poder que se instaura na modalidade dos Salmos Bíblicos.

A essas considerações, acrescentem-se algumas outras sobre o papel da Igreja. Na visão de Almeida (2001, p. 31), a igreja "faz confluir os céus sobre a terra, o espiritual sobre o temporal na voz de seus agentes". Nesse sentido, a Igreja, apresentando-se como uma comunidade religiosa, como um templo, além de proporcionar ao fiel um espaço físico, no qual ele acredita encontrar os meios de salvação, também concede aos fatos religiosos, através de seus representantes, uma relação de causa e consequência, interpretando-os e atribuindo sentidos e valores morais. Entretanto, não se deve esquecer que o Discurso Religioso é regulado pelas Sagradas Escrituras, possuindo total autonomia, uma vez que não é permitido modificá-lo a quem faça uso dele. Dessa forma, comprova-se o poder da Palavra, que se faz presente para regular as relações entre os homens e Deus.

Por outro lado, em relação à Igreja, é considerada um dos principais Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), segundo Althusser (2001), que a concebe como uma instituição. Percebemos, então, que ela contribui de maneira bastante intensa no processo de reprodução ideológica cristã, uma vez que funciona predominantemente através da ideologia e, secundariamente, através de uma atenuada repressão mais direta. Isso significa dizer que a ideologia consiste num sistema de idéias dominantes cujo objetivo é influenciar os grupos sociais de uma determinada comunidade, para o que se serve de um discurso institucional próprio.

9 CAPÍTULO III - O SALTÉRIO

*" Confia no SENHOR e faze o bem;
habita na terra e alimenta-te da verdade.
Agrada-te do SENHOR,
e ele satisfará os desejos do teu coração.
Entrega o teu caminho ao SENHOR,
confia nele, e o mais ele fará."*

(Sl 37, 3-5)

9.1 OS SALMOS BÍBLICOS

Salmos são hinos de devoção para serem usados na vida pessoal e nos cultos religiosos, tendo sido escritos para serem cantados, acompanhados de instrumentos de corda, como a harpa; de instrumentos de sopro, como a flauta, a gaita, a corneta e a trombeta; de instrumentos de percussão, como o pandeiro e os címbalos.

Encontramos o significado da palavra “Salmos” nos seguintes termos:

Salmo. sm. (Mús.) entre os antigos hebreus, poema religioso para ser acompanhado por qualquer instrumento, de corda ou de sopro. (Rel.) oração em gênero poético, caracterizada por duplo ritmo, o das palavras e o das idéias, para ser acompanhada pelo Saltério XIII./ Do lat. ecles. psalmista - ׀, deriv. do gr. psalmós (sálmico 1873) [salmista] psalmista XIV./ Do lat. ecles. psalmodia, deriv. do gr. psalmō(í)dia / salmodiAR 1813 / Saltério sm. designação que os setenta (tradutores do Antigo Testamento em grego) deram ao hinário de Israel, isto é, aos salmos [saltério XIII, - eyro XIII / Do lat. psaltérium, deriv. do gr. psaltériom. (CUNHA, 2001, p. 700).

Em hebraico, o Livro dos Salmos denomina-se *Sepher Tehillim*, que quer dizer Livro de Louvores, e se encontra no Antigo Testamento, sendo considerado a obra mais gloriosa da Idade Áurea de Israel. Dentre as duzentas e oitenta e três citações do Antigo Testamento no Novo, cento e dezesseis são dos Salmos. Os gregos chamaram-no *Psalterion*, designação dada ao instrumento de cordas que acompanhava a recitação dos poemas. O termo hebraico, *mizmôr*, significa um poema que pode ser acompanhado de instrumento de corda ou de sopro, e corresponde ao termo grego *psalmós*, que indica uma melodia já existente para qual se escrevem versos. Portanto, ambas as terminologias qualificam a maioria dos Salmos do Antigo Testamento. A Septuaginta emprega a palavra grega *Psalmoi* como título desse livro, indicando poesia cantada com o acompanhamento de instrumentos musicais. Ela também o chama de *Psalterium*, ou seja, Coletânea de Canções, advindo dessa palavra a origem do termo *Saltério*. E o título latino é *Liber Psalmorum* que significa Livro dos Salmos.

Os Salmos podem ser considerados como respostas a Deus de pessoas que refletiram sobre sua vida, sobre a vida de seu povo e também sobre os planos do Senhor. De acordo com as Sagradas Escrituras, os salmistas são inspirados pelo Espírito Santo ao comporem seus textos. De qualquer forma, esse processo de criação, isto é, a especificação da forma como foram escritos os textos não é tarefa tão relevante para nossa pesquisa. O que realmente nos interessa é a existência de um enunciador desejando nos dizer algo, um sujeito-enunciativo que se coloca diante do Senhor e um motivo para cada salmo. São os motivos que levam o povo a orar. Até hoje, os mesmos motivos estão na origem das nossas orações e revelam a afinidade dos salmos com a nossa vida, dentre os que podemos citar, a história, o conflito entre fé e realidade, o sofrimento, a lei de Deus, as festas do povo, a busca da presença de Deus, a saudade, a penitência, a natureza e a esperança. Porém, a adoração e o louvor são seus temas centrais e encontram-se explicitamente entrelaçados no Sl 100, como podemos observar abaixo:

Hino de ingresso ao templo

(Salmo de ações de graças)

1 Celebrai com júbilo ao Senhor,
todas as terras.
2 Servi ao senhor com alegria,
apresentai-vos diante dele com cântico.
3 Sabei que o Senhor é Deus;
foi ele quem nos fez, e dele somos;
somos o seu povo
e rebanho do seu pastoreio.
4 Entrai por suas portas com ações de graças
e nos seus átrios, com hinos de louvor;
rendei-lhe graças e bendizei-lhe o nome.
5 Porque o Senhor é bom,
a sua misericórdia dura para sempre,
e, de geração em geração, a sua fidelidade.
(BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 607)

Como se vê, trata-se de um hino, isto é, de um gênero literário que nos mostra uma das maneiras pelas quais o povo costumava expressar-se na oração. Esse, em

especial, expressa a adoração e o louvor a Deus e ao templo. De acordo com Queiroz (1993), o Livro de Salmos exerce uma função importante na vida das pessoas, lembrando fatos históricos significativos, conservando a memória, trazendo apelos dos profetas e sábios, educando o povo, convidando para um contato mais próximo a Deus, reforçando a fé e aprofundando o compromisso da Aliança, animando a caminhada.

Josquin Des Prés foi o criador do salmo musicado, embora somente no séc. XVI, durante a Reforma Religiosa, os salmos passassem a ter relevância na liturgia. Com o surgimento da Reforma, Martinho Lutero, ao criar o coral, parafraseou vários salmos, levando os fiéis a participarem do ofício divino; Calvino, porém, permitiu inicialmente só o texto dos salmos no cântico sacro. Somente mais tarde, ao ouvir os corais luteranos compreendeu a importância da música sacra e resolveu incluir nos cultos o canto exclusivamente dos salmos traduzidos para o francês e metrificados, graças ao trabalho de Marot que traduziu e metrificou quarenta e nove salmos, e de Théodore de Bèze que versificou os cento e um salmos restantes. A coleção dos cento e cinquenta salmos musicados ficou pronta em 1562 e foi chamada de Saltério Huguenote.

9.1.1 A Divisão dos Livros

De acordo com as Sagradas Escrituras, o Saltério encontra-se dividido em cinco livros, cada um deles assinalado, no final, por uma doxologia, ou seja, por breves louvores a Deus. Indicava-se essa subdivisão, tanto na Septuaginta como no Hebraico, talvez para imitar a divisão do Pentateuco. Pentateuco é o nome por que são chamados os cinco primeiros Livros da Bíblia, entre os quais estão o Gênesis, o Êxodo, o Levítico, o Números e

o Deuteronômio. Esses livros contam a história do surgimento do povo de Deus, seus costumes e suas leis.

O Livro dos Salmos contém cento e cinquenta poemas de tamanhos diferentes, os quais eram usados pelo hebreus como cânticos litúrgicos. Mais tarde, a Igreja os incluiu na liturgia por serem poemas de grande força emocional. A diferença observada entre a numeração de alguns salmos nas edições católicas e protestantes deve-se ao fato de a tradição protestante estar mais ligada ao cânon hebraico e a católica mais ao cânon alexandrino, conhecido como dos LXX (Setenta) ou Septuaginta, seguindo a numeração grega. Essa última era a versão aceita pela Igreja Romana.

No estudo dos Salmos Bíblicos, adotamos as escrituras protestantes e observamos que o mais significativo é a sua classificação de acordo com os assuntos abordados. Apesar de o primeiro salmo do livro não fazer parte de nosso *corpus* de análise, gostaríamos de registrar a seguinte exaltação da palavra de Deus, com que o mesmo se inicia: "Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores". (Sl 1, 1). Nesse livro, encontramos a ocorrência de quatro formas de refrãos de louvor, que coincidentemente correspondem ao último salmo dos quatro primeiros livros, entre os quais o Sl 41, 13 (Anexo E) que pertence ao nosso *corpus* de análise e que diz: "Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel, da eternidade para a eternidade! Amém e amém!"; o Sl 72, 18-19 que traz: "Bendito seja o SENHOR Deus, o Deus de Israel, que só ele opera prodígios. Bendito para sempre o seu glorioso nome, e da sua glória se encha toda a terra. Amém e amém!"; o Sl 89, 52 que registra: "Bendito seja o SENHOR para sempre! Amém e amém!"; e o Sl 106, 48 que recita: "Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel, de eternidade a eternidade; e todo o povo diga: Amém! Aleluia!".

No Livro I, encontram-se os primeiros quarenta e um salmos, predominando as orações de fé na adversidade. Davi figura como principal autor e possível coligidor. Os cânticos de adoração formam o conteúdo básico desse livro que traz como possíveis datas de compilação os anos de 1020 a 970 a. C. A similaridade tópica aí encontrada relaciona-se com o primeiro Livro do Antigo Testamento, chamado Gênesis, que trata do homem e da criação. O Livro de Moisés denominado Gênesis narra o princípio de quase todas as coisas, incluindo o princípio do universo, da vida, do homem, do sábado, da morte, do casamento, do pecado, da redenção, da família, da literatura, das cidades, das artes, da linguagem e do sacrifício.

Desse primeiro livro, foram selecionados cinco salmos para serem analisados, entre os quais estão: o Sl 15 (Anexo A), que contém o retrato de um autêntico cavalheiro, o que vem justificado pelo fato de que os cidadãos dos céus deverão ser homens retos, sinceros, justos e honestos; o Sl 19 (Anexo B), que trata das glórias e das maravilhas da criação, além da perfeição e do poder das leis de Deus; o Sl 23 (Anexo C), chamado o Salmo do Pastor, composto por Davi, possivelmente quando ainda era menino, vigiando os rebanhos de seu pai; o Sl 37 (Anexo D), que retrata a confiança em Deus e o Sl 41 (Anexo E), que roga pelo livramento e pelo socorro divino.

O Livro II contém trinta e um salmos, do Sl 42 ao Sl 72, os quais trazem, como conteúdo básico, as condensações de experiências e problemas que são expressados simbolicamente em fatos concretos, conhecidos por hinos de interesse nacional, possuindo, portanto, suas raízes na tradição do povo. Seus autores principais são Davi e Corá e seus possíveis compiladores foram Ezequiel ou Josias, há cerca de 970 a 610 anos a. C. Relaciona-se esse livro ao segundo Livro do Antigo Testamento, chamado Êxodo, que trata da libertação e da redenção. O conceito de redenção é o ponto central do Livro de Moisés, denominado Êxodo, no qual Israel foi redimido da escravidão no Egito e levado a um relacionamento de

aliança com Deus; registra também, desde a redenção de Moisés no Nilo à presença redentora de Deus no tabernáculo.

Dentre esses salmos, foram escolhidos cinco para constituir parte do *corpus* dessa pesquisa, os quais são: o Sl 51 (Anexo F), que retrata o sofrimento de Davi, as conseqüências do seu pecado com Bate-Seba e a sua súplica por misericórdia; o Sl 54 (Anexo G), que traz a oração de Davi, em Zife, quando se escondia de Saul; o Sl 60 (Anexo H), que trata de revezes na guerra com os sírios e edomitas; o Sl 63 (Anexo I), que retrata o tempo em que Davi fugia para o deserto, conservando a certeza de ser restaurado e o Sl 69 (Anexo J), conhecido como o salmo do sofrimento.

O Livro III é composto por dezessete salmos, do Sl 73 ao Sl 89, tendo também como conteúdo básico os hinos de interesse nacional, isto é, textos que refletem situações de crise, de conflitos humanos, cujos autores procuravam exprimir o que estavam pensando, sentindo e vivendo. Asafe aparece como principal autor e como possíveis compiladores, Ezequiel ou Josias, que viveram por volta de 970 a 610 a. C.

Esse livro corresponde ao terceiro Livro do Antigo Testamento, chamado Levítico, que trata da adoração e do santuário. O Livro de Moisés, denominado Levítico, gira em torno do conceito da santidade de Deus e fala sobre a maneira como um povo ímpio pôde se achegar a ele de maneira aceitável e permanecer em relacionamento contínuo. Desse terceiro livro, apenas o Sl 86 (Anexo K) fará parte do *corpus* dessa pesquisa por ser o único salmo de Davi aí encontrado.

No Livro IV, encontramos também dezessete salmos, do Sl 90 ao Sl 106, os quais trazem, como conteúdo básico, os hinos de louvor e de gratidão a Deus. Nesses salmos, encontra-se um convite, uma exaltação, uma ordem ou qualquer outro motivo de glorificação. Seus autores são anônimos e seus possíveis compiladores foram Esdras ou Neemias, os quais viveram por volta do ano 430 a. C. Foram eles que restauraram a nacionalidade judaica. Esse

livro relaciona-se ao quarto Livro do Antigo Testamento, chamado Números, que trata do deserto e da peregrinação. Desse livro, selecionamos dois salmos: o Sl 101 (Anexo L), que nos traz o modelo de um bom rei e o Sl 103 (Anexo M), que nos fala sobre o poder miraculoso de Deus. Acredita-se que Davi o tenha escrito quando já se encontrava velho, sendo aquele no qual procurou resumir a maneira como Deus o tratou durante sua vida.

O Livro V é composto pelos quarenta e quatro últimos salmos, do Sl 107 ao Sl 150. Esses tratam principalmente de louvor e confiança na tribulação. Entre seus autores, destaca-se Davi e, como possível compilador, figura Esdras ou Neemias, por volta de 430 a. C. Relaciona-se ao quinto Livro do Antigo Testamento, chamado Deuteronômio, que trata das escrituras e do louvor. Nesse livro, encontram-se os salmos 119 e 117, dos quais o primeiro é considerado o salmo mais extenso e também o capítulo mais longo da Bíblia, enquanto que o segundo é tido como o salmo mais breve, além de ser, pela contagem do número de capítulos, o capítulo central da Bíblia. Por semelhante contagem de versículos, é o versículo oito do Sl 118, o versículo central da Bíblia. O último Salmo é uma doxologia de encerramento, tanto do Livro V quanto do Saltério como um todo.

Desse último livro, foram selecionados quatro salmos, entre eles: o Sl 110 (Anexo N), que trata do domínio e do sacerdócio eternos do rei vindouro; o Sl 122 (Anexo O), que é considerado um Cântico de Romagem, usado pelos peregrinos quando aproximavam-se da porta do templo, já dentro dos muros da cidade; o Sl 139 (Anexo P), que fala do infinito conhecimento de Deus e de Sua presença universal, pois afirma que nada se esconde dEle, além do Sl 145 (Anexo Q), trazendo os temas principais tratados no Livro de Salmos, fazendo um tipo de retrospecto.

9.1.2 A Classificação dos Salmos

Sem dúvida, torna-se difícil uma classificação detalhada dos Salmos por serem altamente poéticos e temáticos, às vezes, pelo fato de que um mesmo salmo pode tocar em diferentes temas. Entretanto, podem-se sugerir algumas categorias, como: Salmos do Homem Reto, representados pelos salmos de números 1, 15, 101, 112 e 133; Salmos Reais, formados pelos salmos de números 2, 21, 45, 72, 110 e 132; Salmos Penitenciais, figurados pelos salmos de números 32 e 51 juntamente com algumas porções dos salmos 38, 130 e 143; Salmos Imprecatórios, que pedem vingança contra os inimigos de Deus, constituídos pelos salmos de números 69, 101 e 137 e certas porções dos salmos 35, 55 e 58; Salmos Históricos, compostos pelos salmos de números 78, 81, 105 e 106; e Salmos de Revelação, instituídos pelos salmos de números 19 e 119.

Os Salmos Messiânicos, aplicados a Cristo no Novo Testamento, são os salmos bíblicos de númeroS 2, 8, 11, 22, 40, 41, 54, 68, 69, 89, 102, 109, 110 e 118. Alguns resultam de experiências pessoais, outros são preditivos, isto é, anunciam a vinda do Rei messiânico, como os salmos 2, 45 e 110. No Sl 2, o sujeito Ele é referido como Filho de Deus, e deve ser adorado; já no Sl 45, 6, o Messias aparece como Deus e no Sl 110 (Anexo N), Ele é representado como rei-sacerdote e Senhor de Davi. Além desses, encontram-se outros salmos que falam sobre os Seus sofrimentos, como no Sl 22, o Seu sacrifício, como no Sl 40, e a Sua ressurreição, como no Sl 16, 10 -11. No Sl 89, o Messias é referido como aquele que completará o Pacto Davídico, em cumprimento às esperanças de Israel.

9.2 O PERÍODO EM QUE OS SALMOS FORAM ESCRITOS

Os Salmos Bíblicos foram produzidos num período histórico bastante abrangente, tendo seu processo de formação durado aproximadamente mil anos: desde Moisés (século 13 a. C), profeta e legislador hebreu que conduziu os israelitas em sua saída do Egito, até a formação da comunidade pós-exílica sob a liderança de Esdras e Neemias (cerca de 430 anos a. C.). De acordo com Lello e Lello (1962), Esdras foi um famoso doutor judeu que reconduziu, da Babilônia para Jerusalém, mil setecentos e setenta e cinco dos seus compatriotas e restaurou a nacionalidade e a religião judaicas. Neemias e Esdras foram os restauradores da nacionalidade judaica. Neemias, quando governador de Jerusalém, obrigou os habitantes do lugar a prestar juramento e seguir fielmente as leis. Comenta-se que tenha formado uma biblioteca com obras das mais diversas partes do mundo. No A. T., encontramos um livro com seu nome, cuja autoria lhe é atribuída em parte.

Conforme relatos bíblicos registrados no Antigo Testamento, os hebreus, também conhecidos como israelitas ou judeus, foram perseguidos pelo exército do faraó após Moisés ter matado um egípcio. Foi então que Moisés refugiou-se no deserto de onde ordenou para Javé voltar e comandar a libertação dos israelitas, iniciando-se então o flagelo imposto por dez pragas. E dessa forma, ele liderou seu povo no êxodo do Egito e separou milagrosamente as águas do Mar Vermelho para permitir a travessia por seu leito com segurança. Os israelitas levaram mais de quarenta anos vagando pelo deserto do Sinai e durante este tempo Moisés recebeu de Javé os Dez Mandamentos, governou os hebreus errantes por muitos anos e morreu ao vislumbrar a "terra prometida".

Devido à sua abrangência cronológica e temática, os salmos foram escritos para determinadas ocasiões e solenidades, de acordo com Queiroz (1993). Focalizam diversos tipos de ambiente, retratando a cidade e o campo. Alguns foram feitos na Palestina, entre os quais destacamos o Sl 122 (Anexo O) que faz parte de nosso *corpus*; outros foram escritos na

Babilônia, durante o exílio, e se referem à história dos antepassados, nos quais estão refletidas várias situações de crises e problemas da sociedade da época.

Concordamos com Girard (1992, p. 80), para quem os Salmos Bíblicos funcionam, hoje, para nós, como "um espelho muito fiel dos numerosíssimos conflitos que tornam a nossa existência penosa demais". Além desse aspecto, eles nos mostram que a sua linguagem simbólica tem o poder de nos levar a refletir. E assim, cada vez que procuramos um salmo para recitar, colocamo-nos, de certa forma, no lugar de quem os criou e, de fato, nos dirigimos a Deus para agradecer ou para pedir algo de que muito necessitamos. Verifica-se, dessa forma, que tudo o que compõe a trama da nossa vida cotidiana se enraíza profundamente na experiência do povo da Bíblia.

9.2.1 A Civilização Hebraica

Conforme Petit (1980), a civilização dos hebreus desenvolveu-se há cerca de dois mil anos a. C. Foram eles que nos trouxeram a crença, os mitos, a ciência, as práticas sociais e as características marcantes dos povos de toda a região. Muitos estudiosos obtiveram informações históricas através da Bíblia que, mais tarde, foram confirmadas pelos arqueólogos. Segundo Gaarder et al (2000, p. 19)), "a religião sempre teve um aspecto intelectual", na qual o fiel encontra definições sobre a divindade, o sentido da sua vida, a maneira como a humanidade e o mundo foram criados. Essas idéias da religião são expressas em cerimônias religiosas e artísticas, destacando-se a linguagem. Os mitos tratam de histórias que normalmente acompanham um rito. Dessa forma, o rito frequentemente confirma o ato em que o mito se baseia. Portanto, o mito religioso possui um significado mais profundo do

que as lendas e os contos folclóricos. Ele sempre procura explicar alguma coisa, oferecendo às pessoas uma explicação geral da existência.

De acordo com a Bíblia e com recentes pesquisas arqueológicas, os hebreus são um povo semita originário da Mesopotâmia que, depois de passar pela Babilônia e pela Síria, estabeleceu-se em Canaã, a Terra Prometida - uma estreita faixa de terra cortada pelo rio Jordão, que mais tarde recebeu o nome de Palestina. Os hebreus, também conhecidos como israelitas ou judeus, após lutarem pela posse das terras contra os cananeus e filisteus, fixaram-se na Palestina, hoje conhecida como Israel. A Palestina era uma faixa de terras que ia da fértil planície do Rio Jordão até o Mar Mediterrâneo, como podemos observar no Mapa nº 1, desprovida de proteções naturais, facilitando o ataque de outros povos. Era cercada pela Síria, pela Fenícia e pelo Deserto da Arábia. Possuía áreas montanhosas e áridas, mas tinha suas costas para o Mar Mediterrâneo, o que favorecia o comércio com outros povos. Seu maior legado à humanidade é a Bíblia que conta, principalmente no A. T., os principais acontecimentos históricos e religiosos de seu povo.

A existência de um monoteísmo ético, isto é, a convicção de que existe um só Deus, e de uma religião em que o conhecimento era uma aproximação evidente com Deus, manteve viva a história desse povo. Eles criaram sua civilização sem um Estado próprio, pois sofreram perseguições, migrações, cativeiro e lutas, mas mesmo assim, vivendo espalhados pelo mundo, conseguiram preservar sua cultura. Os hebreus destacaram-se, além da sua religião, pelas brilhantes contribuições no campo da literatura, produzindo as mais ricas e vigorosas obras do Oriente Antigo. Seus melhores textos encontram-se no Antigo Testamento, dentre eles os quais se destacam, pela força literária, os Salmos Bíblicos e o Livro de Jó, considerados de autoria de Davi; e o Livro dos Provérbios e o Cântico dos Cânticos, atribuídos a Salomão.

Para facilitar o estudo da história política do povo hebreu, a mesma apresenta-se dividida em grandes fases ou períodos, conforme a seguinte linha do tempo:

CRONOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO		
	PERÍODO	DATA
Era Nômade		2.000 a. C.
Êxodo	Era dos Patriarcas	1.250 a. C.
	Era dos Juízes	1.010 a. C.
Cativeiro da Babilônia	Era dos Reis	935 a. C.
	Israel	539 a. C.
	Judá	586 a. C.
Díáspora	Comunidades Religiosas	70 a. C.

9.2.1.1 A Era dos Patriarcas

Conforme o A. T., Abraão, guiado por Deus, partiu da cidade de Ur, na Caldéia, em direção à Palestina em busca de uma terra fértil e espaçosa chamada Canaã. Nessa época, os hebreus estavam divididos em clãs e eram comandados por patriarcas. Abraão deu origem a Isaac e Jacó. Israel e os doze descendentes de Jacó deram origem às doze tribos de Israel, como podemos ver claramente no Mapa nº 3. Por muito tempo, os hebreus dedicaram-se à agricultura e ao pastoreio, porém, por volta do ano de 1750 a. C., uma grande seca, seguida de uma violenta crise na produção de alimentos fez com que muitos hebreus migrassem para o Egito e lá se fixassem nas proximidades do delta do Nilo e conseguissem certa prosperidade (observar o Mapa nº 2). Nesta época, o Egito era dominado pelos hicsos. Mas, quando as tropas egípcias expulsaram os hicsos, reduziram o povo hebreu à condição de escravos por quatrocentos anos. No entanto, no ano de 1250 a. C., libertados por Moisés, os hebreus fugiram do cativeiro egípcio, no chamado Êxodo, e vagaram no deserto por quarenta anos à procura da terra prometida por Jeová. Quando alcançaram o Monte Sinai,

Moisés recebeu de Deus os Dez Mandamentos, um conjunto de dez ensinamentos para a vida que deveria ser seguido pelos hebreus.

9.2.1.2 A Era dos Juízes

Segundo Boulos Júnior (1997), os hebreus encontraram a Palestina habitada por vários outros povos, entre eles os cananeus e os filisteus. Para comandá-los na luta pela posse da terra, os hebreus, que se encontravam divididos em doze tribos, escolheram vários juízes, considerados enviados de Deus para liderar a luta de conquista. Essa reconquista exigiu muita centralização do poder político e militar. Para isso, os juízes desempenhavam várias funções como chefes militares, políticos e religiosos para conduzirem a luta contra o inimigo. O primeiro juiz foi Josué, que sucedeu ao patriarca Moisés durante o Êxodo. Ele iniciou a luta para reconquistar a Palestina, que estava em poder dos filisteus e tomou a cidade de Jericó. Entre os destacados juízes, aparecem Sansão, conhecido por sua força extraordinária, e Samuel que, considerando importante unir mais ainda essas doze tribos para lutar contra o inimigo que ocupava suas terras, e diminuir as desavenças internas, decidiu, juntamente com seu povo, adotar a Monarquia e fundou o Reino de Israel, proclamando Saul como o rei dos hebreus por volta do ano de 1030 a. C.

9.2.1.3 A Era dos Reis

Saul, o primeiro rei, não conseguiu completar a tarefa de expulsar os filisteus e se suicidou. Davi foi seu sucessor, era um líder carismático que, segundo a Bíblia,

conseguiu vencer o gigante Golias e completar a conquista da Palestina. Depois de expulsar os filisteus, construiu um Estado forte, com exército e organização burocrática. Estabeleceu a capital do reino em Jerusalém e conquistou parte da Síria, conforme podemos ver no Mapa nº 4. Seu sucessor foi seu filho Salomão, a partir do ano de 966 a. C, destacando-se por sua grande habilidade política. No início de seu reinado foi considerado o mais rico e o mais justo de todos da época. Seu governo foi de paz e riqueza em razão do desenvolvimento comercial. Construiu grandes obras como o Templo de Jerusalém, que, segundo a tradição hebraica, guardava a Arca da Aliança, uma urna onde estavam colocadas as Tábuas da Lei com os Dez Mandamentos.

Entretanto, para construir as obras monumentais, Salomão precisou aumentar diversas vezes os impostos e retirou milhares de camponeses da lavoura, para servir como mão-de-obra nessas construções. O aumento da arrecadação serviu, também, para cobrir os gastos de sua esplendorosa corte que, além de possuir numerosos funcionários, abrigava setecentas esposas e trezentas concubinas. Dessa forma, o luxo e os abusos do poderoso governante, convivendo com a extrema pobreza dos camponeses e pastores, provocou a explosão de uma série de revoltas populares.

9.2.1.4 A Divisão do Reino Hebreu

Com a morte do rei Salomão, no ano de 926 a. C., e a cobrança de pesados impostos, o povo hebreu entrou em conflito e se dividiu. Formaram então o Reino de Israel, situado ao norte e constituído por dez tribos, cuja capital chamou-se Samaria; e o Reino de Judá, localizado ao sul, composto por duas tribos, tendo como capital Jerusalém e seus habitantes chamados judeus, como podemos observar no Mapa nº 5. Entretanto, a formação

desses reinos não melhorou a situação da maioria dos hebreus que, divididos e desarmonizados, não tiveram como resistir aos seus poderosos vizinhos. Entre os acontecimentos ocorridos nesse período, podemos destacar a conquista de Israel por Sargão II, rei dos assírios, no ano de 722 a. C. e o domínio de Judá por Nabucodonosor no ano de 586 a. C., que levam muitos hebreus cativos para a Babilônia, culminando na destruição do Templo de Jerusalém e o domínio do Império Assírio, conforme Mapa nº 6. Desse modo, os judeus permaneceram cativos até o ano de 539 a. C., quando nessa época, os persas, chefiados pelo rei Ciro II, conquistaram a Babilônia e permitiram o regresso dos judeus para a Palestina, onde eles reconstruíram o Templo de Jerusalém, como podemos observar no Mapa nº 7. Na região de Judá, os hebreus reconstruíram o Estado, chamado judeu, ainda sob o domínio persa. Tempos depois, a Palestina foi dominada, sucessivamente, pelos macedônios, egípcios e romanos, como podemos reconhecer no Mapa nº 8. A conquista da Palestina por Alexandre Magno, rei dos macedônios ocorreu em torno do ano de 333 a. C., já a conquista realizada pelos romanos aconteceu no ano de 63 d. C., e a destruição do novo Templo de Jerusalém data no ano 70 d. C.

Os judeus resistiram a diversas revoltas. Porém Tito, filho do imperador romano Vespasiano, dispersou-os pelo império romano no ano de 136 d. C., e o imperador Adriano os expulsou definitivamente da Palestina, promovendo a segunda Diáspora, isto é, a dispersão dos judeus pelo mundo. Embora estivessem espalhados pelo mundo, muitos judeus continuaram seguindo seus hábitos e suas tradições na esperança de um dia voltarem novamente a viver na Palestina. O retorno do povo judeu começou a acontecer em 1918 e a Diáspora só teve fim neste século, em 1948, quando os judeus voltaram a se reunir e formaram o Estado de Israel, por determinação da ONU (Organização das Nações Unidas), cujo território abrange uma parte da antiga Palestina. Essa decisão gerou muitos conflitos com os povos que habitavam a região, pois os judeus expulsaram milhões de palestinos, dando

início a um conflito que continua fazendo vítimas até hoje, apesar dos recentes acordos de paz.

9.2.1.5 A Economia e a Sociedade Hebraicas

Os hebreus, à medida em que foram conquistando as terras palestinas, deixaram de viver somente do pastoreio e, às margens do Rio Jordão, desenvolveram também o cultivo de cereais, videiras, oliveiras e figueiras. Antes da unificação em reino, todos cultivavam as terras, o gado e os gêneros agrícolas coletivamente, mas, com a formação do Estado Hebreu, tudo passou a se concentrar nas mãos de algumas pessoas mais próximas do rei, como os chefes das maiores famílias que, apoiadas no prestígio que possuíam, foram se apropriando dos bens que antes pertenciam à comunidade.

Com o surgimento da propriedade privada, muitos camponeses que ficaram sem terra passaram a pedir empréstimos aos grandes proprietários e, não conseguindo pagá-los, foram reduzidos à escravidão. Com a mão-de-obra farta, os grandes proprietários passaram a vender seus excedentes agropecuários para os mercados interno e externo. O comércio começou a crescer e a desenvolver-se cada vez mais, tornando-se ainda mais intenso nos reinados de Davi e de Salomão. A pirâmide social da sociedade hebraica apresentava-se organizada da seguinte forma: a base era ocupada por camponeses e escravos que sofriam com os pesados tributos, com os trabalhos forçados e com a obrigatoriedade do serviço militar; logo após, vinham os comerciantes e funcionários reais, chamados de burocratas; seguidos pelos proprietários e sacerdotes; e no topo da pirâmide encontrava-se o monarca.

Segundo Chouraqui (1980), na monarquia hebraica, a corte era composta pela família do rei, por suas mulheres, pelas concubinas, pelos escravos e pelos cortesãos, ou

seja, por pessoas que prestavam serviços ao rei. Havia cortesão com diferentes cargos e hierarquias. O mais importante deles era aquele ao qual cabia cuidar da casa do rei, do templo e do arsenal onde se guardavam as armas da tropa. Os reis hebreus, para exibir seus poderes, tinham muitas mulheres em seu harém, pois aquele que não mantivesse um harém era considerado um homem fraco e perdido. O próprio rei Davi, sujeito-enunciativo do nosso *corpus*, possuía, no início, dezessete mulheres, número que depois aumentou significativamente. Ao passo que, Salomão, seu filho, teve mais de setecentas esposas. O casamento do rei era um modo de fazer alianças políticas. Por isso, os reis hebreus se casavam com mulheres das mais importantes famílias do reino e com princesas dos povos vizinhos. Entre as esposas do rei destacava-se a rainha-mãe, aquela que concebera o príncipe-herdeiro, pois este tinha uma posição privilegiada entre todos os demais filhos do monarca.

9.2.1.6 A Religião Hebraica

Entre os povos antigos, os hebreus foram os únicos a adotar o monoteísmo na religião, isto é, a adorar um Deus único, enquanto que a maioria dos povos da antigüidade acreditavam na existência de vários deuses. Entretanto, a passagem para o monoteísmo foi um processo lento e gradual que começou somente no século VIII a. C. e só se consolidou graças às pregações dos profetas Isaías, Oséias e Amós. Os hebreus, ao adotar o monoteísmo ético, tiveram que seguir uma elevada conduta moral, aprendendo a fazer o bem, a respeitar o direito e a proteger o oprimido. Eles acreditavam e acreditam na vinda do Salvador, o Messias que irá libertá-los para a vida eterna. Atualmente, a religião hebraica é chamada de judaísmo e conhecida como salvacionista, e sua essência encontra-se na Torá, nome dado pelos hebreus aos cinco primeiros livros do A. T., conhecidos como Pentateuco. Embora, para os cristãos,

Jesus Cristo seja visto como o salvador, para os hebreus ele ainda não chegou e, portanto, continuam esperando a vinda do Messias.

Os hebreus realizavam diversas festas e cerimônias religiosas, como o *Sabat* (o sábado), considerado o sétimo dia da obra divina da criação do universo; a *Páscoa* (a passagem), que recorda o Êxodo, a saída dos hebreus do Egito; os *Tabernáculos* (onde os hebreus realizavam os sacrifícios), recordando a longa caminhada através do deserto, quando deixaram o Egito rumo à Palestina e o *Pentecostes* (cinquenta dias depois da Páscoa, comemorando a descida do Espírito Santo), que celebra o recebimento dos Dez Mandamentos por Moisés. Os princípios religiosos judaicos estão na *Bíblia* e no *Talmud*, este escrito por sábios sacerdotes como uma espécie de interpretação da Bíblia. A Bíblia é constituída de setenta diferentes livros que trazem, além da história, princípios morais, religiosos, filosóficos e jurídicos, considerados *palavras de Deus*. Na escrita, além da Bíblia, ainda se destaca a *Lei Mosaica*, que estabelecia alguns princípios morais como a igualdade de todos perante a lei e a proteção à propriedade privada, e também, algumas punições como a pena de morte. Dessa perspectiva, é interessante notar que o judaísmo influenciou profundamente o cristianismo que, desde a sua origem, mostrou-se preocupado com a construção de uma sociedade mais justa.

9.3 A AUTORIA DOS SALMOS

De acordo com os títulos encontrados nas Sagradas Escrituras, Davi foi o autor de setenta e três salmos, Asafe foi autor de doze, os filhos de Corá, de dez, Salomão, de dois, enquanto Moisés, Etã e Hemã teriam escrito apenas um salmo. Encontramos ainda, dentre eles, cinquenta salmos anônimos, que se pensa que possam ser atribuídos ao autor do

salmos precedente e outros a Esdras. Por outro lado, a Septuaginta Grega adiciona Ageu e Zacarias como autores de cinco salmos. Os títulos não indicam, de maneira segura, a autoria, porque "de", "a" e "para" são uma só preposição no hebraico; portanto, um Salmo "de" Davi pode ser de sua autoria, ou pode ter sido escrito "para" ele, ou ainda dedicado "a" ele. Como os títulos são muito antigos, presume-se que indiquem a autoria. Desse modo, respeitando a tradição, figura Davi como o seu principal autor. Porém, alguns críticos modernos contestam essa indicação.

No entanto, os Salmos de Davi são considerados, pelos cristãos, mais importantes do que o próprio reino fundado por ele. Nos seus salmos, ele procura retratar seu caráter, e neles, o povo de Deus também se vê retratado, palpitando aí suas lutas, pecados, aspirações, alegrias e vitórias. Até mesmo Cristo, quando agonizava na Cruz, empregou versículos salmistas em suas últimas palavras, dizendo: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? / Por que se acham longe de minha salvação as palavras de meu bramido?" (Sl 22, 1); "Nas tuas mãos, entrego o meu espírito; tu me remiste, Senhor, Deus da verdade." (Sl 31, 5). O Salmo 18, cujo título é atribuído a Davi, de acordo com 2 Samuel 22, 1, também teria sido escrito por ele. Os livros de Crônicas (1 Cr 16, 4-5; e 25, 1-5) mencionam que Davi reuniu coros para o templo e compôs salmos para os mesmos. Os enigmáticos termos musicais dos títulos têm sido freqüentemente associados nos livros de Crônicas com a obra de Davi (1 Cr 15, 20-21; e 16, 4); e também, os títulos dos Salmos 46; 12; 38; 105, 1; 148, 1; e outros.

9.3.1 A Vida de Davi

Davi é considerado, pelos cristãos, uma das figuras mais nobres da história e o mais famoso antepassado de Cristo. Sua vida foi marcada por ações alternadas entre o bem e o mal. Ao lado de feitos nobres e grandes conquistas, encontram-se registros de pecados terríveis por ele cometidos. Ninguém ilustra melhor do que ele a escala moral da natureza humana. Levando-se em conta as influências da época em que viveu e as tentações relacionadas a seu poder, quase que ilimitado, torna-se difícil de entender que o mesmo homem que escreve o Sl 23, 1 (Anexo C), "O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará", seria, de fato, capaz de mandar matar o soldado Urias, como retrata no Sl 51 (Anexo F), "Confissão e arrependimento". Para compreendermos melhor esse episódio, faremos uma rápida explanação dos fatos anteriores que deram origem ao salmo citado. Essas explicações encontram-se em Segundo Samuel, capítulo 11, versículos 1-27, onde se relata como o rei Davi cometeu o adultério com Bate-Seba, esposa de Urias. Conforme está exposto, no momento em que Davi soube da gravidez de Bate-Seba, logo pensou em livrar-se do soldado. Então, mandou colocá-lo, sozinho, na frente da batalha para que fosse ferido e morto. E isto, de fato, aconteceu; porém, Davi jamais pensou que suas transgressões seriam descobertas. Mas, o profeta Natã, sabendo de tudo, confrontou o rei sobre esse delito. E assim, Davi, tomando consciência de que nada se consegue esconder por muito tempo, sem hesitar, cheio de remorso, culpa e ansiedade, assumiu toda a responsabilidade, confessou e admitiu que o pecado fora todo seu. Desta forma, surgiu o Salmo Bíblico 51 (Anexo F) trazendo a confissão e o arrependimento do rei Davi. No entanto, de acordo com George (2003, p. 17), " ao longo de sua vida, Davi procurou ser um homem reto, e o desejo de seu coração era fazer a vontade de Deus".

A seguir apresenta-se uma breve retrospectiva sobre os fatos mais relevantes da vida de Davi.

RETROSPECTIVA DA VIDA DE DAVI SEGUNDO A BÍBLIA SAGRADA		
ACONTECIMENTOS	LOCALIZAÇÃO	PÁGINA
Samuel enviado a Jessé unge a Davi	1 Sm 16, 1-13	298-299
Davi tange sua harpa perante Saul	1 Sm 16, 14-23	299
Davi desafia e mata a Golias	1 Sm 17, 1-58	299-301
Davi desperta a inveja de Saul	1 Sm 18, 1-16	301-302
Saul intenta matar Davi pela astúcia	1 Sm 18, 17-19	302
Davi casa com Mical	1 Sm 18, 20-29	302
Jônatas intercede por Davi	1 Sm 19, 1-7	303
Saul procura, de novo, matar Davi	1 Sm 19, 8-11	303
Mical engana a seu pai e salva Davi	1 Sm 19, 12-17	303
A amizade entre Davi e Jônatas	1 Sm 20, 1-29	304-305
Saul irado contra Jônatas	1 Sm 20, 30-34	305
Jônatas despede-se de Davi	1 Sm 20, 35-43	305
Davi foge para Aquis, rei de Gate	1 Sm 21, 10-15	306
Davi esconde-se em Adulão e em Moabe	1 Sm 22, 1-5	306
Davi livra a Queila e refugia-se no deserto	1 Sm 23, 1-14	307-308
Davi e Jônatas renovam a aliança	1 Sm 23, 15-18	308
Davi poupa a vida de Saul em En-Gedi	1 Sm 24, 1-22	308-309
A morte de Samuel	1 Sm 25, 1	309
Davi e Nabal	1 Sm 25, 2-17	309-310
Abigail apazigua Davi	1 Sm 25, 18-35	310-311
A morte de Nabal	1 Sm 25, 36-38	311
Davi casa com Abigail	1 Sm 25, 39-44	311
Davi, outra vez, poupa a vida de Saul em Zife	1 Sm 26, 1-16	311-312
Saul, outra vez, se reconcilia com Davi	1 Sm 26, 17-25	312
Davi, outra vez, com Aquis, rei de Gate	1 Sm 27, 1-12	312-313
Davi derrota os amalequitas, livra os cativos e estabelece a lei	1 Sm 30, 1-31	315-316
A derrota de Israel e a morte de Saul e seus filhos	1 Sm 31, 1-7	316
Davi é aclamado rei de Judá	2 Sm 2, 1-7	318
Davi é ungido rei de todo o Israel	2 Sm 5, 1-5	321-322
Davi conquista Sião	2 Sm 5, 6-10	322
Davi derrota os filisteus	2 Sm 5, 17-25	322
Davi traz para Jerusalém a arca	2 Sm 6, 1-19	322-323
A aliança do SENHOR com Davi	2 Sm 7, 1-17	323
As ações de graças de Davi	2 Sm 7, 18-29	324-325
As diversas vitórias de Davi estendem o seu reino	2 Sm 8, 1-14	325
Davi derrota os amonitas e os siros	2 Sm 10, 1-19	326-327
Davi comete adultério com Bate-Seba	2 Sm 11, 1-5	327
Davi e Urias	2 Sm 11, 6-13	327
A morte de Urias	2 Sm 11, 14-25	327-328
Davi casa com Bate-Seba	2 Sm 11, 26-27	328
Natã repreende a Davi	2 Sm 12, 1-15	328
A morte do filho de Bate-Seba	2 Sm 12, 16-25	329
A revolta de Absalão e a fuga de Davi	2 Sm 15, 1-18	332
Davi volta para Jerusalém	2 Sm 19, 11-15	338
O cântico de Davi em ações de graças	2 Sm 22, 1-51	342-343

As últimas palavras de Davi	2 Sm 23, 1-7	343-344
O levantamento do censo de Judá e Israel	2 Sm 24, 1-9	345
Davi escolhe o castigo	2 Sm 24, 10-17	345-346
A velhice de Davi	1 Rs 1, 1-4	346
Salomão é constituído rei	1 Rs 1, 32-40	347-348
Davi dá instruções a Salomão e morre	1 Rs 2, 1-12	348

(A BÍBLIA SAGRADA, 1993).

Nos primeiros anos de vida, de acordo com 1 Sm 17, 12-15, Davi viveu perto de Belém, na fazenda de seu pai, onde pastoreava as ovelhas, e era o filho mais novo de oito irmãos. Com o passar dos anos, permaneceu na corte, porém, por pouco tempo, como harpista do rei Saul e depois retornou novamente ao campo.

Conforme 1 Sm 16, 13, Davi era um homem fiel e vivia conforme as mandamentos de Deus. Ainda de acordo com 1 Sm 16, 14-23; 17, 24-58; 18, 1-5 e 19, 1-11, sobressaía seu caráter polivalente, pois, em sua mocidade, além de atleta foi também músico. Ao matar o gigante Golias, Davi ganhou os louvores do povo e a admiração de Jônatas, filho de Saul. Mas, o rei Saul sentindo-se ameaçado, começou a perseguir Davi e mandou matá-lo. Todavia, Davi, durante sua fuga, contando com o apoio de Jônatas, fugiu para Gate, depois escondeu-se na caverna de Adulão e dali passou a Mispa de Moabe, segundo 1 Sm 21, 10-15 e 22, 1-5. Mas, foi no deserto de Zife, em Horesa, que Davi sentiu que o rei Saul ia lhe tirar a vida. Então, Jônatas, renovando a aliança com Davi, disse: "Não temas, porque a mão de Saul, meu pai, não te achará; porém tu reinarás sobre Israel, [...]", conforme 1 Sm 23, 17. Entretanto, os zifeus foram contar a Saul onde estava escondido Davi, consumando-se a traição, como afirma 1 Sm 23, 19-29. Quando Davi já se encontrava em En-Gedi, poupou a vida do rei pela primeira vez, pois Saul, com mais três mil homens, foi ao seu encalço. Ao se encontrarem numa caverna, Davi cortou a orla do manto de Saul, mas logo se arrependeu e disse aos seus homens: "O Senhor me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, isto é, que eu estenda a mão contra ele, pois é o ungido do Senhor.", conforme 1 Sm 24, 6. E assim,

Saul retirou-se da caverna e prosseguiu seu caminho. Contudo, Davi, outra vez poupa a vida de Saul, quando se encontrava no outeiro de Haquilá, defronte de Jesimom, pois, sabendo da vinda de Saul e seus homens, Davi ficou no deserto esperando-os e foi com Abisai ao local onde eles estavam acampados. Encontrando-os dormindo, Abisai disse a Davi: "Deus te entregou, hoje, nas mãos o teu inimigo; deixa-me, pois, agora, encravá-lo com a lança, ao chão, de um só golpe; não será preciso segundo", de acordo com 1 Sm 26, 8. Mas, Davi lhe respondeu dizendo: "Não o mates, pois quem haverá que estenda a mão contra o ungido do Senhor e fique inocente?", e acrescentou: "Tão certo como vive o Senhor, este o ferirá, ou o seu dia chegará em que morra, ou em que, descendo à batalha, seja morto", conforme 1 Sm 26, 9-10. Dessa forma, Saul, outra vez, se reconciliou com Davi.

Porém, com a derrota de Israel e a morte de Saul e seus três filhos, Davi tornou-se também rei, tendo reinado por sete anos em Hebrom, e tendo sido ungido pelo profeta Samuel, conforme 1 Sm 16, 12-13 e 2 Sm 5, 7. Mais tarde, foi escolhido rei de todo o território de Israel. Davi foi um guerreiro, um gênio militar e um grande estadista que levou sua nação ao mais alto poder. Entre seus feitos mais notáveis, destacam-se a tomada de Jerusalém como capital, a transferência da arca para lá, as vitórias militares, a expansão de seu reino e a construção do templo. Através de seus salmos, constata-se seu grande talento poético e musicista. Segundo 1 Cr 23, 5, Davi possuía uma orquestra de quatro mil instrumentalistas. Foi ele o criador da liturgia do templo, da qual os salmos faziam parte. Como general, conduziu com êxito seus militares e ainda hoje é considerado o maior rei de Israel. Em seus últimos dias, nomeou seu filho Salomão como seu sucessor.

Entre os dezessete salmos analisados neste trabalho, quatro deles especificam momentos importantes de sua vida. São eles o Sl 51 (Anexo F), que trata sobre a sua confissão e arrependimento; o Sl 54 (Anexo G), que reproduz seu apelo em busca do

socorro divino; o Sl 60 (Anexo H), que traz sua oração em tempos de guerra e o Sl 63 (Anexo I), registrando sua busca de Deus.

9.3.2 As Idéias Dominantes nos Salmos Bíblicos de Davi

Como se pode observar, metade dos Salmos Bíblicos são atribuídos a Davi, que é conhecido como o suave cantor de Israel. Pelos seus títulos, pode-se constatar que eles provêm quase todos do período áureo de Israel, isto é, de cerca de mil anos a. C. A maioria desses salmos expressam grandes verdades em estilo poético, tendo como objetivo atingir as cordas profundas do coração. Vale ressaltar que, na poesia hebraica, não se encontra rima, mas repetição de pensamento numa cláusula paralela que tem por função ajudar na interpretação de palavras obscuras, bem como na representação dramática. Percebe-se que os salmistas, em especial Davi, não escreviam apenas para si mesmos, mas para todas as pessoas, para que pudessem ilustrar suas orações e louvores como se fossem seus.

Entre as idéias dominantes nos Salmos Bíblicos de Davi, encontram-se a "confiança" que o levava diretamente a Deus; o "louvor", sempre presente em seus lábios, com o qual ele pedia e sempre agradecia; a palavra "regozijai-vos", justificada pelo fato de que suas constantes tribulações não podiam nunca ofuscar seu regozijo em Deus; a "benignidade e a misericórdia", com a qual referia-se à justiça, retidão e ira de Deus; a referência aos "ímpios", que o afligiam grandemente, bem como aos "inimigos" tanto pessoais como os de Israel ou de Deus.

10 CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS SALMOS BÍBLICOS

*"Cria em mim, ó Deus, um coração puro
e renova dentro de mim
um espírito inabalável.*

*Não me repulses da tua presença,
nem me retires o teu Santo Espírito."*

(Sl 51, 10-11)

10.1 PROCEDIMENTOS LINGÜÍSTICOS

De acordo com Orlandi (2001), os procedimentos da AD levam o analista a compreendê-los pela observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e sujeitos. Uma análise se faz por etapas; dessa forma, descreveremos o percurso que nos faz passar do texto ao discurso.

Nesse primeiro momento, faremos uma análise dos principais procedimentos lingüísticos que foram observados no *corpus* deste trabalho.

10.1.1 Vocativo e Imperativo

Entre as marcas lingüísticas encontradas nos dezessete Salmos Bíblicos analisados, destacam-se o vocativo e o imperativo pelo seu emprego constante, apresentando-se como característicos dessa forma de Discurso Religioso.

Segundo Dantas e Moreira (1974, p. 280), "vocativo é o termo isolado do resto da oração por vírgula ou sinal de exclamação, pelo qual o falante se dirige ao ouvinte - pessoa ou coisa personificada - para chamar-lhe a atenção". Costuma aparecer sozinho, tanto no início, como no meio ou no final da frase, podendo ocupar todas as posições e não se integra a nenhuma oração. Muitas vezes, é precedido pela interjeição de chamamento "ó" na linguagem literária.

Em nossa pesquisa o falante está representado pelo salmista que se dirige aos destinatários, Deus e o povo, para expressar suas idéias. O nosso salmista é um orador que possui *ethos*, isto é, possui uma maneira única de expressar-se, não apenas naquilo que diz explicitamente sobre si, mas principalmente o tipo de personalidade que demonstra através da

maneira como se exprime, para causar boa impressão. Dessa maneira, verificamos que o *ethos* está vinculado ao exercício da palavra e não ao indivíduo e que sua eficácia está relacionada ao fato de que, de certo modo, ele envolve a enunciação sem ser explicitado no enunciado.

Dos dezessete salmos aqui analisados, apenas três não contêm o vocativo, que são os seguintes: Sl 23, Sl 37 e Sl 110. Nos demais salmos, encontramos os seguintes vocativos: "...SENHOR...; ...Senhor...; ...ó Senhor...; ...ó Deus...; ...ó Deus de Israel...; ...ó Deus meu...; ...ó Deus meu e Rei...; ...ó minha alma...; ...ó Jerusalém..." que se repetem inúmeras vezes, como podemos identificar nos enunciados abaixo:

Salmo 15

15, 1 "Senhor"

Salmo 19

19, 14 "Senhor, rocha minha e redentor meu!"

Salmo 41

41, 4 "compadece-te de mim, Senhor; [...]"

41, 10 "Tu, porém, Senhor, compadece-te de mim [...]"

Salmo 51

51, 1 "Compadece-te de mim, ó Deus, [...]"

51, 10 "Cria em mim, ó Deus, um coração puro [...]"

51, 14 "Livra-me dos crimes de sangue, ó Deus, Deus da minha salvação, [...]"

51, 15 "Abre, Senhor, os meus lábios, [...]"

51, 17 " [...] não o desprezarás, ó Deus."

Salmo 54

54, 1 "Ó Deus, salva-me, [...]"

54, 2 "Escuta, ó Deus, a minha oração, [...]"

54, 6 " [...] louvarei o teu nome, ó Senhor, [...]"

Salmo 60

60, 1 "Ó Deus, tu nos rejeitaste e nos dispersaste; [...]"

60, 10 "Não nos rejeitaste, ó Deus? Tu não saís, ó Deus, com os nossos exércitos!"

Salmo 63

63, 1 "Ó Deus, tu és o meu Deus forte; [...]"

Salmo 69

69, 1 "Salva-me, ó Deus, [...]"

69, 5 "Tu, ó Deus, bem conheces a minha estultice, [...]"

- 69, 6 " [...], ó Senhor, Deus dos Exércitos: [...], ó Deus de Israel."

69, 13 " [...], Senhor, faça a ti, [...], a minha oração. Responde-me, ó Deus, [...]"

69, 16 "Responde-me, Senhor, [...]"

69, 29 " [...], ponha-me o teu socorro, ó Deus, [...]"

Salmo 86

- 86, 1 "Inclina, SENHOR, os ouvidos e responde-me, [...]"

86, 2 "[...] tu, ó Deus meu, salva o teu servo que em ti confia."

86, 3 "Compadece-te de mim, ó Senhor, pois a ti clamo de contínuo."

86, 4 "[...] porque a ti, Senhor, elevo a minha alma."

86, 5 "Pois tu, Senhor, és bom e compassivo; [...]"

86, 6 "Escuta, SENHOR, a minha oração [...]"

86, 8 "Não há entre os deuses semelhante a ti, Senhor; [...]"

86, 9 "[...], prostrar-se-ão diante de ti, Senhor, e glorificarão o teu nome."

86, 11 "Ensina-me, SENHOR, o teu caminho, [...]"

86, 12 "Dar-te-ei graças, Senhor, Deus meu, de todo o coração, [...]"

86, 14 "Ó Deus, os soberbos se têm levantado contra mim, [...]"

86, 15 "Mas tu, Senhor, és Deus compassivo e cheio de graça, [...]"

86, 17 "[...]; pois tu, SENHOR, me ajudas e me consolas."

Salmo 101

- 101, 1 "Cantarei a bondade e a justiça; a ti, SENHOR, cantarei."

Salmo 103

- 103, 1 "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, [...]"

103, 2 " Bendize, ó minha alma, ao Senhor, [...]"

103, 22 " Bendize, ó minha alma, ao Senhor."

Salmo 122

- 122, 2 " [...], ó Jerusalém!"

Salmo 139

- 139, 1 "Senhor, tu me sondas e me conheces."

139, 4 " [...], e tu, Senhor, já a conheces toda."

139, 17 " [...], ó Deus, são os teus pensamentos!"

139, 19 "Tomara, ó Deus, desses cabo do perverso; [...]"

139, 21 "Não aborreço eu, Senhor, os que te aborrecem?"

139, 23 "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, [...]"

Salmo 145

- 145, 1 "Exaltarte-ei, ó Deus meu e Rei; [...]"

145, 10 "Todas as tuas obras te renderão graças, Senhor; [...]"

Na maioria das vezes, o vocativo é usado nos salmos pelo (S2), Davi, para estabelecer contato com o ser superior, quando se dirige respeitosamente a Deus, o Senhor Absoluto, para pedir alguma coisa e colocar-se como digno de confiança. Apesar da posição

de rei ocupada pelo salmista dentro de sua sociedade, percebemos sua submissão sempre presente quando se dirige ao (S1), Deus, para pedir-lhe proteção. Identificamos, através desse comportamento, um modelo a seguir. Portanto, o poder de persuasão de um discurso consiste, em parte, em levar o interlocutor a se identificar com o enunciador investido de valores socialmente especificados e em fazê-lo agir da mesma forma.

No Salmo 122, 2, encontramos um apelo a "Jerusalém" precedido pela interjeição "ó" e, no Salmo 103, 1-2. 22, bem como um apelo a "minha alma", também precedido pela interjeição "ó". Nesses exemplos, a evocação se dá à cidade de "Jerusalém" para pedir paz e à "minha alma" para abençoar ao Senhor.

Quanto ao efeito produzido pela evocação das palavras, o vocativo assemelha-se ao imperativo, não somente sob o aspecto tonal, mas também pelo aspecto interpelativo, pois ambos servem para interpelar alguém, dirigindo-lhe a palavra. Em nossas análises, verifica-se a constante busca do sujeito Davi em aproximar-se do Senhor seu Deus. Essa busca acontece por motivos diversos: às vezes, para encontrar respostas para suas dúvidas e indagações, para pedir proteção e salvação para sua vida; outras vezes, para agradecer e louvar ao Senhor, para compartilhar sua fé e confiança no Senhor. Apesar dos motivos que levam o sujeito Davi a dirigir-se ao Senhor Deus não serem os mesmos, percebe-se que eles expressam um apego, isto é, uma afeição muito grande pelo Senhor, e também uma obediência, um respeito tão significativo que o colocam numa incessante submissão.

Conforme Benveniste (1995, p. 303), "o imperativo não é denotativo e não visa a comunicar um conteúdo: caracteriza-se como pragmático e visa agir sobre o ouvinte, a intimidar-lhe um comportamento." Etimologicamente, o nome do modo imperativo origina-se de imperar, isto é, ordenar, mandar. Associa-se a uma das faculdades primordiais da alma: a "vontade". Em termos semióticos, remete a uma das etapas da modalização do sujeito, que é a modalização passional, isto é, ao "fazer querer" ou ao "dever fazer".

Do *corpus* analisado, oito salmos apresentam seus verbos somente no imperativo afirmativo e quatro salmos apresentam seus verbos tanto no Imperativo Afirmativo como no Imperativo Negativo, como podemos identificar nos enunciados abaixo:

a) Salmos que apresentam verbos no modo Imperativo Afirmativo:

Salmo 41

41, 4 " [...]: compadece-te de mim, Senhor; sara a minha alma, [...]"

41, 10 " [...], compadece-te de mim e levanta-me, [...]"

Salmo 54

54, 1 "Ó Deus, salva-me, pelo teu nome, e faze-me justiça, pelo teu poder."

54, 2 "Escuta, ó Deus, a minha oração, dá ouvidos às palavras da minha boca."

Salmo 60

60, 1 " [...]; oh! Restabelece-nos!"

60, 2 " [...]; repara-lhe as brechas, [...]"

60, 5 " [...], salva com a tua destra e responde-nos."

60, 11 "Presta-nos auxílio na angústia, [...]"

Salmo 86

86, 1 "Inclina, SENHOR, os ouvidos [...]"

86, 2 "Preserva a minha alma, [...], salva o teu servo [...]"

86, 3 "Compadece-te de mim, ó Senhor, [...]"

86, 4 "Alegra a alma do teu servo [...]"

86, 6 "Escuta, SENHOR, a minha oração e atende à voz das minhas súplicas."

86, 11 "Ensina-me, SENHOR, o teu caminho, [...]"

86, 16 "Volta-te para mim e compadece-te de mim; concede a tua força ao teu servo e salva o filho da tua serva."

86, 17 "Mostra-me um sinal do teu favor, [...]"

Salmo 110

110, 1 "Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, [...]"

110, 2 "O Senhor enviará de Sião o cetro do seu poder, dizendo: Domina entre os teus inimigos."

Salmo 122

122, 6 "Orai pela paz de Jerusalém! Sejam prósperos os que te amam."

122, 7 "Reine paz dentro de teus muros e prosperidade nos teus palácios."

122, 8 " [...], eu peço: haja paz em ti!"

Salmo 139

139, 19 " [...]; apartai-vos, pois, de mim, homens de sangue."

139, 23 "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos;"

139, 24 "vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno."

Salmo 145

145, 21 "Profira a minha boca louvores ao Senhor, e toda carne louve o seu santo nome, para todo o sempre."

b)Salmos que apresentam verbos no modo Imperativo Afirmativo e Negativo:

Salmo 37 - Imperativo Afirmativo

37, 3 "Confia no Senhor e faze o bem; habita na terra e alimenta-te da verdade."

37, 4 "Agrada-te do Senhor, [...]"

37, 5 "Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, [...]"

37, 7 "Descansa no Senhor e espera nele, [...]"

37, 8 "Deixa a ira, abandona o furor; [...]"

37, 27 "Aparta-te do Mal e faze o bem, [...]"

37, 34 "Espera no Senhor, segue o seu caminho, [...]"

37, 37 "Observa o homem íntegro e atenta no que é reto; [...]"

Salmo 37 - Imperativo Negativo

37, 1 "Não te indignes [...], nem tenhas inveja [...]"

37, 7 " [...], não te irrites por causa do homem [...]"

37, 8 " [...]; não te impacientes; [...]"

Salmo 51 - Imperativo Afirmativo

51, 1 "Compadece-te de mim, ó Deus, [...] apaga as minhas transgressões"

51, 2 "Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado."

51, 7 "Purifica-me com hissopo, [...]; lava-me, [...]"

51, 8 "Faze-me ouvir júbilo e alegria, [...]"

51, 9 "Esconde o rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas iniquidades."

51, 10 "Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável."

51, 12 "Restitui-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário."

51, 14 "Livra-me dos crimes de sangue, ó Deus, [...]"

51, 15 "Abre, Senhor, os meus lábios, [...]"

51, 18 "Faze bem a Sião, [...]; edifica os muros de Jerusalém."

Salmo 51 - Imperativo Negativo

51, 11 "Não me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito."

51, 16 "Pois não te comprazes em sacrifícios; [...] e não te agradas de holocaustos."

Salmo 69 - Imperativo Afirmativo

69, 1 "Salva-me, ó Deus, [...]"

69, 13 "Responde-me, ó Deus, [...]"

69, 14 "livra-me do tremedal, [...]"

69, 16 "Responde-me, Senhor, [...]; volta-te para mim segundo a riqueza das tuas misericórdias."

69, 18 "Aproxima-te de minha alma e redime-a; resgata-me por causa dos meus inimigos."

69, 22 "Sua mesa torne-se-lhes diante deles em laço, [...]"

69, 23 "Obscureçam-se-lhes os olhos, [...]; e faze que sempre lhes vacile o dorso."

69, 24 "Derrama sobre eles a tua indignação, [...]"

69, 25 "Fique deserta a sua morada, [...]"

69, 27 "Soma-lhes iniquidade à iniquidade, [...]"

69, 28 "Sejam riscados do Livro dos Vivos [...]"

69, 29 " [...], ponha-me o teu socorro, ó Deus, [...]"

69, 34 "Louvem-no os céus e a terra, [...]"

Salmo 69 - Imperativo Negativo

69, 6 "Não sejam envergonhados por minha causa [...]"

69, 15 "Não me arraste a corrente das águas, nem me trague a voragem, nem se feche sobre mim a boca do poço."

69, 17 "Não escondas o rosto ao ter servo, [...]"

69, 23 " [...], para que não vejam; [...]"

69, 25 " [...], e não haja quem habite as suas tendas."

69, 27 " [...], e não gozem da tua absolvição."

69, 28 " [...] e não tenham registro com os justos."

Salmo 103 - Imperativo Afirmativo

103, 1 "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome."

103, 2 "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, [...]"

Salmo 103 - Imperativo Negativo

103, 2 " [...], e não te esqueças de nem um só de seus benefícios."

Como podemos perceber, a maioria dos salmos analisados apresentam-se no Imperativo Afirmativo, indicando explicitamente uma súplica, isto é, um pedido extremamente desejado que o sujeito Davi dirige a seus interlocutores, Deus e o povo. Isso se deve ao fato de que, em geral, quando empregamos o modo imperativo, temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a ação indicada pelo verbo. Na realidade, o afirmativo imperativo, marca uma ordem dada com energia, tendo valor de um futuro, pois a ação que exprime ainda está por se realizar.

Analisando atentamente o Imperativo Afirmativo nos Salmos Bíblicos, verificamos que ele expressa uma atitude de mando direcionada a dois sujeitos: na maioria das vezes ao (S1), Senhor e outras vezes ao (S3), povo. Quando se direciona ao Senhor, dá margem à formulação de um contrato fiduciário que visa colocar o sujeito em conjunção com

o objeto valor modal (dever, querer, poder e saber) para conduzi-lo à obtenção do objeto valor descritivo (reino dos céus), o que ocorre, por exemplo, no Sl 86:

- 86, 1 "Inclina, SENHOR, os ouvidos [...]"
 86, 2 "Preserva a minha alma, [...], salva o teu servo [...]"
 86, 3 "Compadece-te de mim, ó Senhor, [...]"
 86, 4 "Alegra a alma do teu servo [...]"
 86, 6 "Escuta, SENHOR, a minha oração e atende à voz das minhas súplicas."
 86, 11 "Ensina-me, SENHOR, o teu caminho, [...]"
 86, 16 "Volta-te para mim e compadece-te de mim; concede a tua força ao teu servo e salva o filho da tua serva."
 86, 17 "Mostra-me um sinal do teu favor, [...]"

Porém, quando se direciona ao povo, percebemos que o imperativo é usado para manipular as pessoas através da tentação, ação pela qual o manipulador propõe aos manipulados uma recompensa, ou seja, um objeto de valor positivo, com a finalidade de levá-los a fazer alguma coisa, como por exemplo, no Sl 37:

- 37, 3 "Confia no Senhor e faze o bem; habita na terra e alimenta-te da verdade."
 37, 4 "Agrada-te do Senhor, [...]"
 37, 5 "Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, [...]"
 37, 7 "Descansa no Senhor e espera nele, [...]"
 37, 8 "Deixa a ira, abandona o furor; [...]"
 37, 27 "Aparta-te do Mal e faze o bem, [...]"
 37, 34 "Espera no Senhor, segue o seu caminho, [...]"
 37, 37 "Observa o homem íntegro e atenta no que é reto; [...]"

Portanto, essa atitude de mando, em busca de um objeto-valor eufórico, se dá pelo fato do afirmativo ter parte de sua origem advinda do modo indicativo, no qual o conteúdo do enunciado é tomado, pelo falante, como certo.

Já o Imperativo Negativo, encontrado em quatro dos salmos analisados, exprime uma solicitação atenuada do enunciador, por ser expresso pelo subjuntivo, forma costumeiramente usada para indicar dúvidas e vacilações. Portanto, os empregos do Imperativo Negativo e do Subjuntivo relacionam-se à quebra de um contrato fiduciário, no

qual o (S2), Davi, não entra em conjunção com o (Ov), reino dos céus, quando há uma tentativa de manipulação ao (S1), Senhor. Desse modo, compreende-se que a ordem proibitiva seja mais branda que a ordem positiva, conforme se observa, por exemplo, no Sl 69:

- 69, 6 "Não sejam envergonhados por minha causa [...]"
 69, 15 "Não me arraste a corrente das águas, nem me trague a voragem, nem se feche sobre mim a boca do poço."
 69, 17 "Não escondas o rosto ao ter servo, [...]"
 69, 23 "[...], para que não vejam; [...]"
 69, 25 "[...], e não haja quem habite as suas tendas."
 69, 27 "[...], e não gozem da tua absolvição."
 69, 28 "[...] e não tenham registro com os justos."

Além desses verbos empregados no modo imperativo, apresentam-se outros tempos verbais do modo indicativo e subjuntivo em todos os salmos. Dentre eles, destacamos os que estão nos salmos: Sl 15, Sl 19, Sl 23, Sl 63 e Sl 101 que não enunciam verbos no modo imperativo, mas estão no presente e futuro do presente do modo indicativo e no presente do subjuntivo, como podemos observar abaixo:

SALMOS	MODOS	TEMPOS
15	Indicativo	Presente Futuro do Presente
19	Indicativo	Presente Futuro do Presente
	Subjuntivo	Presente
23	Indicativo	Presente Futuro do Presente
	Subjuntivo	Presente
63	Indicativo	Presente Futuro do Presente
	Subjuntivo	Presente
101	Indicativo	Presente Futuro do Presente
	Subjuntivo	Presente

Esses tempos (presente e futuro do presente) e modos (indicativo e subjuntivo) se repetem nos demais salmos que apresentam o modo imperativo, e nesses ainda aparecem outros tempos, conforme podemos observar abaixo:

SALMOS	MODOS	TEMPOS
37	Indicativo	Pretérito Perfeito Pretérito Mais-que-Perfeito
	Subjuntivo	Futuro
41	Indicativo	Pretérito Perfeito Pretérito Imperfeito
51	Indicativo	Pretérito Perfeito Futuro do Pretérito
54	Indicativo	Pretérito Perfeito
60	Indicativo	Pretérito Perfeito
69	Indicativo	Pretérito Perfeito
	Subjuntivo	Futuro
86	Indicativo	Pretérito Perfeito
103	Indicativo	Pretérito Perfeito
110	Indicativo	Pretérito Perfeito
122	Indicativo	Pretérito Perfeito
	Subjuntivo	Futuro
139	Indicativo	Pretérito Perfeito Pretérito Imperfeito Futuro do Pretérito

Segundo a proposta de Weinrich (1968), são os tempos verbais que distinguem os dois tipos de atitudes comunicativas: o mundo comentado (ou comentário) e o mundo narrado (ou relato). Conforme Koch (1998, p. 51), "no mundo comentado, o locutor responsabiliza-se, compromete-se com aquilo que enuncia"; enquanto que, no mundo narrado, o locutor "se distancia do seu discurso, não se compromete com relação ao dito: simplesmente relata fatos".

Em nossas análises percebemos, através das marcas verbais e do discurso direto, que há uma grande ligação do enunciador ao seu enunciado, pois ele emprega os tempos verbais do mundo comentado, deixando explícita a criação de um compromisso entre os interlocutores, isto é, alertando-os de que se trata de algo que os afeta diretamente e de que

o discurso aguarda a sua manifestação, pois o efeito esperado do mundo comentado é a resposta.

De acordo com Weinrich (1968), pertencem ao mundo comentado os seguintes tempos verbais: o presente, o futuro do presente, o pretérito perfeito composto e todas as locuções verbais formadas por esses tempos; e pertencem ao mundo narrado os demais tempos verbais. Observamos que a maioria dos verbos empregados nos Salmos Bíblicos pertencem ao mundo comentado. Além da atitude comunicativa, o sistema temporal do verbo no mundo comentado indica: o tempo base (representado pelo presente), a perspectiva retrospectiva (dada pelo pretérito perfeito composto) e a perspectiva prospectiva (fornecida pelo futuro do presente). Esses tempos verbais, além de transmitirem ao salmo uma considerável força argumentativa, comprometem o enunciador com aquilo que enuncia e revelam uma atitude receptiva e atenta da parte do enunciatário. Dentre eles, o presente constitui o principal tempo do mundo comentado, designando uma atitude comunicativa de engajamento e de compromisso.

10.1.2 Antítese

A antítese (do grego *antíthesis*, anti + tese = oposição) consiste em contrapor uma palavra ou uma frase a outra, de significação oposta. De acordo com Ducrot e Todorov (2001, p. 254), chama-se antítese a "aproximação de duas palavras antônimas (isto é, que comportam um sema oposto)". Entende-se por antônimo as unidades de sentido contrários, constituindo uma noção de contrário que se define geralmente em relação a termos vizinhos: os complementares (macho *versus* fêmea) e os recíprocos (vender *versus* comprar). Para defini-los, usa-se normalmente a operação de comparação, que põe em evidência uma

das suas características, a gradação. Estabelece-se a gradação de certos termos de maneira implícita, o que resulta da comparação de um ponto que não é explicitado. Devido à polarização das oposições inerentes à expressão do juízo pode-se ter a impressão de que são absolutas as qualidades opostas, traduzidas pelos antônimos, o que, na verdade, não é bem assim, pois as propriedades dos antônimos (bonito *versus* feio, bom *versus* mau) são independentes uma da outra, enquanto que, para os complementares, a negação de uma das orações implica a negação de outra oração.

Neste sentido, Lopes (1999), explica que os antônimos possuem sentidos opostos por contrariedade ou por contraditoriedade:

Julgamos que a relação lógica da contrariedade é a que se estabelece entre dois termos, A e B, quando A possui a característica semântica (sema) /s/ que está ausente do outro termo, B, sendo essa ausência notada /-s/. Já a relação lógica de contraditoriedade é a que se estabelece entre dois termos, A e B, quando A possui a característica /s/ e B possui a característica /não s/ (a contraditoriedade afirma e nega, ao mesmo tempo, uma mesma característica; a contrariedade, no entanto, afirma a presença/ausência da mesma característica). Em resumo: /s/ vs /-s/ = relação de contrariedade; /s/ vs /não s/ = relação de contraditoriedade.(1999, p. 255).

Conforme Platão e Fiorin (2002, p. 142), "a antítese é o expediente que consiste em estabelecer ao longo do texto oposições entre temas e figuras". Os Salmos Bíblicos são elaborados com oposições de palavras ou expressões cujos sentidos são contrários, para melhor ressaltar o contraste entre o certo e o errado. Eles mostram que a antítese existe no nível da expressão, isto é, no nível discursivo e que há diferentes maneiras de combinar temas e figuras para chamar a atenção do interlocutor, criando-se efeitos de sentido diversos, pois as figuras organizam-se em percursos para manifestar determinado tema.

Segundo Garcia (1978, p. 77), "antítese é uma figura de retórica que consiste em opor a uma idéia outra de sentido contrário". A antítese é tanto mais expressiva

quanto menor o número de palavras em que se traduz. Se, além da oposição de sentido, há identidade de sons, maior ainda é o seu efeito. O paralelismo métrico contribui também para a expressividade. De modo geral, o uso da antítese parece reflexo da própria realidade que, por ser múltipla, é em si mesma contrastante.

Um dos pontos de partida para a realização das análises dos Salmos Bíblicos é salientar as diferenças entre temas e figuras, nas quais encontramos:

ANTÍTESES		
SALMOS	MUNDO DA DIVINDADE	MUNDO DO HOMEM
Sl 15	justiça; vive com integridade; fala a verdade;	injustiça; difama com sua língua; lança injúria;
Sl 19	não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; a lei do SENHOR é perfeita; o testemunho do SENHOR é fiel; os preceitos do SENHOR são retos; o mandamento do SENHOR é puro; o temor do SENHOR é límpido; os juízos do SENHOR são verdadeiros.	por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras;
Sl 23	não falta nada;	falta tudo;
Sl 37	benfeitor; justo; abençoa;	malfeitor; ímpio; amaldiçoa;
Sl 41	amigos;	inimigos;
Sl 51	purificação;	transgressão;
Sl 54	ajudador;	insolente;
Sl 60	livres;	oprimidos;
Sl 63	força;	fraqueza;
Sl 69	fidelidade; inocente;	infidelidade; culpado;
Sl 86	confiar; salvar;	desconfiar; condenar;
Sl 101	justo;	ímpio;
Sl 103	perdão;	pecado;
Sl 110	amigos;	inimigos;
Sl 122	prosperidade;	decadência;
Sl 139	conhecimento;	ignorância;
Sl 145	bondade;	maldade;

Portanto, a antítese é uma figura de pensamento, um modo de expressão que consiste em opor duas palavras, no mesmo enunciado, ou em grupos de palavras de sentido oposto. Identifica-se freqüentemente seu uso nas formas adversativas, quando encontramos uma negação à qual se opõe uma afirmação, ou vice-versa.

10.1.3 Articuladores Textuais

Os articuladores textuais, que também são chamados de operadores de discurso, são recursos lingüísticos que dão encadeamento aos segmentos textuais. Entre eles, são analisados, neste trabalho, os operadores, os modalizadores e os intensificadores argumentativos.

10.1.3.1 Operadores Argumentativos

Entendemos por operadores argumentativos os articuladores que têm por função acentuar a força argumentativa dos enunciados. Segundo Koch (1998), constituem marcas lingüísticas relevantes da enunciação que direcionam a argumentatividade e contam para conduzir o interlocutor a determinadas conclusões.

Na classe dos operadores argumentativos, apresentam-se palavras de diversas classes gramaticais, dentre as quais trabalharemos a conjunção e o advérbio. A conjunção, além de funcionar como um conectivo que liga orações, no nível lingüístico assume outros papéis, como o de operador argumentativo, função do nível discursivo. O mesmo ocorre com o advérbio, o qual, no nível lingüístico, é definido como a palavra que

modifica o sentido de um verbo, de um adjetivo ou do próprio advérbio. No nível discursivo, porém, ele pode assumir o papel de um modificador ou de um intensificador.

Apresentamos, a seguir, uma relação dos seis principais operadores argumentativos presentes nos salmos analisados, os segmentos textuais em que foram constatadas as ocorrências e os efeitos de sentido que desencadeiam:

- O operador argumentativo "e"

Ocorrências do "e" nos seguintes Salmos Bíblicos:	
Sl 15, 2. 4	Sl 19, 1-4. 6-10. 13-14
Sl 23,4. 6	Sl 37, 2-7. 10-12. 14-15. 19-23. 25-30. 32. 34. 36-37. 40
Sl 41, 2. 5. 8. 10.12	Sl 51, 1-10. 12-17. 19
Sl 54, 1. 3. 7	Sl 60, 1. 3. 5-6
Sl 63, 2. 5-6. 10	Sl 69, 2. 5. 7-12. 14. 18-29. 31-36
Sl 86, 1. 5-6. 8-17	Sl 101, 1. 5
Sl 103, 1-2. 4. 6-8. 14. 16-20	Sl 110, 4. 7
Sl 122, 7-8	Sl 139, 1-5. 9-12. 14-17. 20-21. 23-24
Sl 145, 1-16. 19. 21.	

a) O elemento "e" é um operador que tem, entre outras funções, a de somar argumentos a favor de uma mesma conclusão. Dessa forma, o enunciador utiliza-o para acrescentar pensamentos similares determinados pelas variações contextuais a um mesmo sentido de argumentação, como podemos observar, entre outros, nos seguintes salmos:

Sl 19, 1 "Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos";
 Sl 41, 2 "O SENHOR o protege, preserva-lhe a vida e o faz feliz na terra; não o entrega à discrição dos seus inimigos";
 Sl 54, 1 "Ó Deus, salva-me, pelo teu nome, e faze-me justiça, pelo teu poder".

Portanto, o segundo enunciado coordenado reitera a direção argumentativa evidenciada no primeiro através de um movimento ininterrupto que proporciona um efeito maior de convencimento.

b) Além da relação de adição entre os segmentos coordenados, o emprego constante da partícula "e" pelo sujeito enunciativo nos Salmos Bíblicos objetiva manter uma relação semântica marcada pela idéia de contraste, como se observa, por exemplo, nos salmos a seguir:

Sl 37, 25 "Fui moço e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão";

Sl 69, 21 "Por alimento me deram fel e na minha sede me deram a beber vinagre";

Sl 37, 22 "Aqueles a quem o SENHOR abençoa possuirão a terra; e serão exterminados aqueles a quem amaldiçoa".

Nesses exemplos, o operador "e" expressa contraste com o enunciado que ele inicia contrariando o enunciado anterior, verificam-se os contrastes marcados pelo operador "e" entre: moço *versus* velho; alimento *versus* sede e abençoa *versus* amaldiçoa.

c) Usa-se também o operador "e" para estabelecer uma relação de causa-conseqüência, como podemos observar nos salmos:

Sl 23, 6 "Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na Casa do SENHOR para todo o sempre";

Sl 37, 2 "Pois eles dentro em breve definharão como a relva e murcharão como a erva verde"; Sl 51, 10 "Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável".

Constatamos, através desses exemplos, as seguintes causas e conseqüências respectivamente: quem for bondoso e misericordioso habitará na Casa do Senhor; quem definhar como a relva murchará como a erva verde e quem criar um coração puro renovará um espírito inabalável.

d) Ainda destacamos o constante emprego repetitivo do operador "e" nas fórmulas paralelísticas, usado para facilitar a passagem de uma idéia a outra, característica bastante marcante no Discurso Religioso, como ocorre nos seguintes exemplos:

Sl 15, 2 "O que vive com integridade, e pratica a justiça, e, de coração, fala a verdade";
 Sl 19,8 "Os preceitos do SENHOR são retos e alegram o coração; o mandamento do SENHOR é puro e ilumina os olhos";
 Sl 51, 19 "Então, te agradecerás dos sacrifícios de justiça, dos holocaustos e das ofertas queimadas; e sobre o teu altar se oferecerão novilhos".

A presença do operador "e" transmite a idéia de movimento ininterrupto, uma idéia de simultaneidade, evidenciando, nesses exemplos, uma linguagem de ordem sentimental, enquanto que sua ausência mostraria cada uma dessas idéias de forma lenta e separada, enfraquecendo o valor afetivo pretendido pelo enunciador.

- **O operador argumentativo "nem"**

Ocorrências do "nem" nos Salmos Bíblicos:	
Sl 15, 3. 5	Sl 19, 3
Sl 37, 1. 25. 33	Sl 51, 11
Sl 69, 6. 15	Sl 103, 2. 9-10
Sl 139, 16	

O elemento conjuntivo "nem", conjunção coordenada aditiva igual a "e não", é um operador que soma argumentos negativos a favor de uma mesma conclusão. Do mesmo modo que o elemento "e", o "nem" também marca uma relação de adição entre os segmentos coordenados, com a diferença que adiciona argumentos negativos ou privativos, evidenciando seu caráter negativo, como podemos observar nos salmos:

Sl 15, 3 "o que não difama com sua língua, não faz mal ao próximo, **nem** lança injúria contra o seu vizinho";
 Sl 19, 3 "Não há linguagem, **nem** há palavras, e deles não se ouve nenhum som";
 Sl 37, 1 "Não te indignes por causa dos malfeitores, **nem** tenhas inveja dos que praticam a iniquidade".

Nesses exemplos, o elemento "nem" tem o significado de "e também não", caracterizando uma relação de soma entre os enunciados coordenados, cujo efeito é o de

acrescentar uma nova informação ao primeiro enunciado já marcado pelo operador "não" e também ressaltar enfaticamente a propriedade negativa do objeto descrito.

- **O operador argumentativo "não"**

Ocorrências do "não" nos Salmos Bíblicos:	
Sl 15, 3-5	Sl 19, 3. 13
Sl 23, 4	Sl 37, 1. 7-8. 10. 19. 21. 24. 28. 31. 33. 36
Sl 41, 2. 8. 11	Sl 41, 2. 8. 11
Sl 51, 11. 16-17	Sl 54, 3
Sl 60, 10	Sl 69, 2. 4-6. 14-15. 17. 20. 23. 25. 27-28. 33
Sl 86, 8. 14	Sl 101, 3-5. 7
Sl 103, 2. 9-10. 16	Sl 110, 4
Sl 139, 4. 6. 12. 15. 21	

a) O elemento "não" opera o processo de negação. É considerado, por excelência, o articulador usado para negar. Nos exemplos a seguir, podemos verificar que ele aparece tanto no meio como no início dos enunciados:

Sl 15, 5 "o que **não** empresta o seu dinheiro com usura, nem aceita suborno contra o inocente. Quem deste modo procede **não** será jamais abalado";
 Sl 19, 3 "**Não** há linguagem, nem há palavras, e deles **não** se ouve nenhum som";
 Sl 51, 11 "**Não** me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito";
 Sl 41, 2 "O SENHOR o protege, preserva-lhe a vida e o faz feliz na terra; **não** o entrega à discrição dos seus inimigos".

Além das posições diferentes ocupadas pelo elemento "não", o emprego dos operadores "nem, jamais e nenhum" servem para adicionar segmentos uns aos outros, ao mesmo tempo em que acentuam o valor negativo dos enunciados, como podemos verificar:

Sl 15, 3 "[...], não faz mal ao próximo **nem** lança injúria contra o seu vizinho";
 Sl 15, 5 "[...] Quem deste modo procede não será **jamais** abalado";
 Sl 19, 3 "Não há linguagem, **nem** há palavras, e deles não se ouve **nenhum** som";
 Sl 37, 1 "Não te indignes por causa dos malfeitores, **nem** tenhas inveja dos que praticam a iniquidade";
 Sl 37, 25 "Fui moço e já, agora, sou velho, porém **jamais** vi o justo desamparado, **nem** a sua descendência a mendigar o pão";

Sl 51, 11 "Não me repulses da tua presença, **nem** me retires o teu Santo Espírito";
 Sl 69, 6 "Não sejam envergonhados por **minha** causa os que esperam em ti, ó SENHOR, Deus dos Exércitos; **nem** por **minha** causa sofram vexame os que te buscam, ó Deus de Israel";
 Sl 103, 2 "Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e não te esqueças de **nem** um só de seus benefícios";
 Sl 139, 16 "Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando **nem** um deles havia ainda";
 Sl 139, 18 "Se os contasse, excedem os grãos de areia; contaria, contaria, sem **jamais** chegar ao fim".

b) Nas ocorrências a seguir, encontramos o operador "não" acompanhado do advérbio de tempo "já":

Sl 37, 10 "Mais um pouco de tempo, e já **não** existirá o ímpio; procurarás o seu lugar e não o acharás";
 Sl 37, 36 "Passei, e eis que desaparecera; procurei-o, e já **não** foi encontrado";
 Sl 41, 8 "Peste maligna deu nele, e: Caiu de cama, já **não** há de levantar-se".

Nesses enunciados, evidencia-se que a negação está condicionada a um momento da enunciação, produzindo um efeito dotado de intencionalidade.

- **O operador argumentativo "nada"**

Ocorrências do "nada" nos seguintes Salmos Bíblicos:	
Sl 19,6	Sl 23, 1
Sl 86, 8	Sl 101, 3

Segundo Cunha (1979), o operador "nada" é o quantificador pronominal universal negativo que equivale a "nenhuma coisa". Constitui complemento ou adjunto negativo que serve para afirmar que certos objetos, eventos, idéias não se encontram em determinadas situações. Para Koch (2002), trata-se de uma negação plena, como podemos observar nos seguintes exemplos:

Sl 19, 6 "Principia numa extremidade dos céus, e até à outra vai o seu percurso; e **nada** refoge ao seu calor";

Sl 23, 1 "O SENHOR é o meu pastor; **nada** me faltará";
 Sl 86, 8 "Não há entre os deuses semelhante a ti, Senhor; e **nada** existe que se compare às tuas obras";
 Sl 101, 3 "Não porei coisa injusta diante dos meus olhos; aborreço o proceder dos que se desviam; **nada** disto se me pegará".

Quando se tem escalas orientadas no sentido de uma negação plena, o quantificador "nada" resume a não existência de algo, dando seqüência ao discurso para a negação total, serve, portanto, para ressaltar valores permanentes, definitivos, recurso estratégico relevante no jogo discursivo da religião.

- **O operador argumentativo "mas"**

Ocorrências do "mas" nos Salmos Bíblicos:	
Sl 15, 4	Sl 37, 9. 11. 17. 28. 33
Sl 69, 20	Sl 86, 15
Sl 103, 17	

O elemento "mas" é o operador argumentativo por excelência por contrapor argumentos orientados para conclusões opostas, marcando uma relação de desigualdade entre os enunciados, como podemos identificar nos seguintes exemplos:

Sl 15, 4 "o que, a seus olhos, tem por desprezível ao réprobo, **mas** honra aos que temem ao SENHOR; o que jura com dano próprio e não se retrata";
 Sl 37, 9 "Porque os malfeitores serão exterminados, **mas** os que esperam no SENHOR possuirão a terra";
 Sl 37, 17 "Pois os braços dos ímpios serão quebrados, **mas** os justos, o SENHOR os sustém".

Nesses versículos, destacamos a oposição de enunciados como: o réprobo *versus* o inocente, os malfeitores *versus* os bons e os ímpios *versus* os justos. O enunciador apresenta primeiramente um conjunto de argumentos disfóricos, com os quais não concorda

para, logo em seguida, colocar argumentos eufóricos, introduzidos pelo operador "mas", aos quais adere para direcionar o interlocutor a inclinar-se nessa mesma direção.

Além desses exemplos, evidenciam-se outros enunciados que iniciam o capítulo com o operador "mas", não eliminando o enunciado anterior mas se contrapondo a ele, como podemos observar em:

Sl 37,11 "**Mas** os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz";

Sl 86,15 "**Mas** tu, Senhor, és Deus compassivo e cheio de graça, paciente e grande em misericórdia e em verdade";

Sl 103, 17 "**Mas** a misericórdia do SENHOR é de eternidade a eternidade, sobre os que o temem, e a sua justiça, sobre os filhos dos filhos".

Nesses exemplos, a contraposição se dá com os capítulos anteriores, que são respectivamente os salmos: Sl 37,10, Sl 86, 14 e Sl 103, 15-16. Na seqüência desses capítulos interligados pelo elemento "mas", estabelecem-se as seguintes oposições: o ímpio *versus* o manso, os soberbos *versus* Deus e os dias do homem *versus* a eternidade do Senhor.

- **O operador argumentativo "porque"**

Ocorrências do "porque" nos Salmos Bíblicos:	
Sl 23, 4	Sl 37, 9. 24. 40
Sl 41, 4	Sl 54, 6
Sl 60, 12	Sl 63, 3. 7
Sl 69, 1. 33. 35	Sl 86, 4

O elemento "porque" é um operador argumentativo característico das construções causais e explicativas. Usa-se normalmente posposto à oração principal, para expressar valor informacional ligado a um conteúdo novo, como podemos observar nas seguintes ocorrências:

Sl 23, 4 "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, **porque** tu estás comigo; o teu bordão e o teu cajado me consolam";

Sl 37, 24 "se cair, não ficará prostrado, **porque** o SENHOR o segura pela mão";

Sl 41, 4 "Disse eu: compadece-te de mim, SENHOR; sara a minha alma, **porque** pequei contra ti".

Nesses exemplos, o operador "porque" liga os enunciados que representam a causa dos efeitos referidos na primeira oração. Isto é, se Deus está comigo não temerei o mal; se o Senhor o segura pela mão não ficarei prostrado ao cair; se eu pequei contra Deus, ele fará sarar a minha alma. Desta forma como se apresentam os enunciados, quer se destacar os efeitos, isto é, chamar a atenção para eles e não para as causas que os provocam.

Destacamos, a seguir, alguns exemplos de enunciados que se iniciam com o operador "porque":

Sl 37, 9 "**Porque** os malfeitores serão exterminados, mas os que esperam no SENHOR possuirão a terra";

Sl 63, 3 "**Porque** a tua graça é melhor do que a vida; os meus lábios te louvam";

Sl 63, 7 "**Porque** tu me tens sido auxílio; à sombra das tuas asas, eu canto jubiloso".

Neles, o operador "porque" introduz uma justificativa aos enunciados posteriores e uma explicação relacionada aos capítulos anteriores, estabelecendo uma relação lógico-semântica de causalidade entre um fato antecedente e um fato conseqüente.

10.1.3.2 Modalizadores

Segundo Koch (2002, p. 136), "consideram-se modalizadores todos os elementos lingüísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao

seu discurso". Esses modalizadores podem vir sob diversas formas de expressão, entre as quais se destacam alguns advérbios ou locuções adverbiais (*talvez, provavelmente, certamente, possivelmente, etc*); verbos auxiliares modais (*poder, dever, etc*); locuções formadas por auxiliar + infinitivo (*ter de + infinitivo, etc*) e orações modalizadoras (*tenho a certeza de que..., etc*). Essas expressões somam-se ao conteúdo proposicional, indicando o modo segundo o qual o destinatário deve interpretá-lo.

Segundo Oliveira (1991, p. 25), é por meio da modalização que o locutor coloca sua preferência pessoal, seus conteúdos psíquicos dentro do enunciado. Essa forma de enunciação realiza-se por meio dos modalizadores, os quais são definidos pela autora como “marcadores lingüísticos vinculados ao momento da enunciação que também direcionam as intenções e atitudes do locutor, denotando o grau de engajamento deste com a mensagem que deseja passar”.

Apresentamos, a seguir, os dois principais modalizadores encontrados no *corpus* analisado, indicando os textos em que aparecem e os efeitos de sentido que desencadeiam.

- **O modalizador "certamente"**

Ocorrências de "certamente" nos Salmos Bíblicos:	
Sl 23, 6	Sl 37, 8

O elemento "certamente" é um advérbio modalizador epistêmico que expressa uma avaliação passada pelo conhecimento do enunciador, modalizando o conteúdo de uma asserção, para indicar uma crença ou uma opinião, implicando num julgamento de verdade; conforme podemos observar nos seguintes exemplos:

Sl 23, 6 "Bondade e misericórdia **certamente** me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do SENHOR para todo o sempre";
 Sl 37, 8 " Deixa a ira, abandona o furor; não te impacientes; **certamente**, isso acabará mal".

Percebe-se que aí o modalizador "certamente" exprime, o modo perfeito, a certeza do enunciador, marcando sua adesão ao que diz, o que é mediado pelo seu saber em relação às coisas. No Sl 23, 6, o salmista afirma, com convicção, que bondade e misericórdia estarão presentes em todos os dias de sua vida e conseqüentemente alcançará a vida eterna. Nesse primeiro exemplo, o modalizador "certamente", além de intensificar um acréscimo afetivo, transmite o efeito de um retardador, porque permite demonstrar com maior nitidez aquilo de que se está falando. No Sl 37, 8, o salmista, primeiramente, dá um conselho para que se abandone a ira e o furor, para depois afirmar intensivamente que quem os cultivar, acabará mal. Nesse segundo exemplo, o modalizador "certamente" apresenta-se entre vírgulas com o objetivo de acentuar seu valor expressivo.

- **O modalizador "voluntariamente"**

Ocorrências de "voluntariamente" nos Salmos Bíblicos:	
Sl 54, 6	Sl 110, 3

O modalizador "voluntariamente" expressa a naturalidade dos fatos, sempre ligados ao saber do enunciador, como podemos observar nos seguintes exemplos:

Sl 54, 6 "Oferecer-te-ei **voluntariamente** sacrifícios; louvarei o teu nome, ó SENHOR, porque é bom";
 Sl 110, 3 "Apresentar-se-á **voluntariamente** o teu povo, no dia do teu poder; com santos ornamentos, como o orvalho emergindo da aurora, serão os teus jovens".

Nesse caso, o modalizador "voluntariamente" estabelece um proceder espontâneo, derivado da própria vontade. No Sl 54, 6, o enunciador diz que oferecerá sacrifícios voluntariamente ao Senhor; enquanto que no Sl 110, 3, diz que apresentar-se-á voluntariamente o povo de Deus. Dessa forma, podemos constatar que os advérbios terminados em "mente" conseguem expressar com grande fidelidade a natureza do ato, produzindo um efeito, não apenas de modo, mas de continuidade e movimentação.

10.1.3.3 Intensificadores

A intensificação é um recurso semântico utilizado para ressaltar o significado de uma palavra, de uma expressão ou de um texto, ressaltando seu caráter discursivo-argumentativo.

Apresentamos, a seguir, os dois principais intensificadores encontrados nos salmos analisados, identificando os textos em que foram constatadas as ocorrências e os efeitos de sentido que produzem:

- **O intensificador "muito(a)(s)"**

Ocorrências de "muito(a)(s)" nos Salmos Bíblicos:	
Sl 19, 10	Sl 37, 16
Sl 69, 31	Sl 139, 14
Sl 145, 7	

O elemento "muito" é um intensificador que pode ter diversas funções nos enunciados, como podemos observar nos seguintes exemplos:

- Sl 19, 10 "São mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado; e são mais doces do que o mel e o destilar dos favos";
- Sl 37, 16 "Mais vale o pouco do justo que a abundância de muitos ímpios;
- Sl 69, 31 "Será isso muito mais agradável ao SENHOR do que um boi ou um novilho com chifres e unhas";
- Sl 139, 14 "Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem;
- Sl 145, 7 "Divulgarão a memória de tua muita bondade e com júbilo celebrarão a tua justiça".

Nos exemplos Sl 19,10; Sl 37, 16 e Sl 145,7, o elemento "muito(a)(s)" aparece como um pronome adjetivo indefinido cuja função, nos dois primeiros exemplos, é a de intensificar o sentido dos substantivos "ouro, ímpios e bondade", além de estabelecer uma comparação. Nos exemplos Sl 69, 31 e Sl 139, 14, o elemento "muito" aparece como um advérbio de intensidade que tem a função de modificar o sentido dos advérbios "mais e bem".

- **O intensificador "mais"**

Ocorrências de "mais" nos Salmos Bíblicos:	
Sl 19, 10	Sl 37, 10. 16
Sl 51, 7	Sl 69, 4. 31
Sl 86, 13	Sl 139, 8

O elemento "mais" é um intensificador que pode ocupar diferentes funções nos enunciados, como podemos verificar nos exemplos:

- Sl 19, 10 "São mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado; e são mais doces do que o mel e o destilar dos favos";
- Sl 37, 10 "Mais um pouco de tempo, e já não existirá o ímpio; procurarás o seu lugar e não o acharás";
- Sl 37, 16 "Mais vale o pouco do justo que a abundância de muitos ímpios";
- Sl 51, 7 "Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve"; Sl 69, 4 "São mais que os cabelos de minha cabeça os que, sem razão, me odeiam; são poderosos os meus destruidores, os que com falsos motivos são meus inimigos; por isso, tenho de restituir o que não furtei";
- Sl 69, 31 "Será isso muito mais agradável ao SENHOR do que um boi ou um novilho com chifres e unhas";
- Sl 86, 13 "Pois grande é a tua misericórdia para comigo, e me livraste a alma do mais profundo poder da morte";

Sl 139, 8 "Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no **mais** profundo abismo, lá estás também".

Nos exemplos Sl 19,10; Sl 51, 7; Sl 69, 31; Sl 86, 13 e 139, 8, o elemento "mais" aparece como um advérbio que tem a função de intensificar o sentido dos adjetivos "desejáveis, doces, alvo, agradável e profundo", além de estabelecer comparações. Nos exemplos: Sl 37, 16 e Sl 69, 4, ocupa o lugar de um advérbio que tem a função de intensificar o sentido dos verbos "valer e ser", além de estabelecer uma comparação de superioridade. Já no Sl 37, 10, o "mais" funciona como um advérbio de intensidade que modifica o sentido do advérbio "pouco".

Através das comparações do emprego que faz desses intensificadores, podemos constatar que, com seu emprego, o salmista quer nos mostrar a diferença entre os valores do mundo e os valores do reino do céu e ainda deixar claro sua opção pelos valores divinos.

10.2 PROCEDIMENTOS DISCURSIVOS

Num segundo momento, serão realizadas as análises discursivas dos poemas religiosos denominados pelas Sagradas Escrituras de Salmos Bíblicos. É importante, aqui, retomarem-se algumas questões básicas relacionadas com as pesquisas sobre texto/discurso e enunciado/enunciação.

Sabemos que todo e qualquer texto insere-se num determinado momento histórico e é permeado pelas condições de produção desse contexto; assim também o discurso é o efeito de sentidos produzidos numa determinada situação de interlocução. Dessa forma,

para entendermos adequadamente um texto, precisamos investigar as suas condições de produção e identificar os mecanismos utilizados em sua criação para chegarmos ao reconhecimento da produção de significação. Isso porque, para cada texto, do ponto de vista de seus mecanismos internos, produz-se uma realidade única.

No caso dos Salmos Bíblicos, é necessário considerarmos sua condição de textos temáticos em forma de poemas. Entendemos por poema um agrupamento de estrofes ou versos; e por verso cada uma das linhas melódicas que forma o texto poético. Em nossa análise, cada versículo corresponde a um verso. Reconhecemos o ritmo, movimento que se repete com intervalos regulares dos tempos fortes e fracos, como um dos elementos mais importantes do texto poético. Para conseguir esse efeito, o poeta, ou especificamente, em nossa análise, o salmista, utiliza-se da repetição regular de sons, com acentos fortes e fracos, podendo repetir palavras ou repetir sons finais das palavras. Além do ritmo, ele aproveita o recurso da disposição gráfica das palavras para expressar suas idéias e sentimentos, conforme podemos constatar nos salmos abaixo relacionados:

Salmo 15

Sl 15, 1 "Quem [...] no teu [...] Quem [...] no teu [...]";
 Sl 15, 2 "[...] integridade, e [...] e [...] verdade";
 Sl 15, 3 "[...] não [...] sua [...] não [...] nem [...] seu [...]";
 Sl 15, 4 "o que [...] o que [...]";
 Sl 15, 5 "[...] não [...] nem [...] não [...]";

Salmo 19

Sl 19, 2 "[...] dia [...] a outro dia [...] noite [...] a outra noite";
 Sl 19, 3 "Não há [...] nem há [...] não [...] nenhum [...]";
 Sl 19, 4 "[...] sua [...] suas [...]";
 Sl 19, 5 "[...] como [...] seus [...] como [...] seu [...]";
 Sl 19, 6 "[...] e [...] seu [...] e [...] seu [...]";
 Sl 19, 7 "[...] do SENHOR é [...] e [...] do SENHOR é [...] e [...]";
 Sl 19, 8 "[...] preceitos do SENHOR são retos e [...] coração [...] do SENHOR é [...] e [...]";
 Sl 19, 9 "[...] do SENHOR é [...] e [...] do SENHOR são [...] e [...]";
 Sl 19, 10 "São mais [...] do que ouro [...] mais do que [...] ouro [...] e são mais [...] do que [...] e [...]";
 Sl 19, 14 " [...] meus [...] e [...] meu [...] minha e [...] meu!";

Salmo 23

Sl 23, 2 " [...] me [...] Leva-me [...]";

Sl 23, 3 "refrigera-me [...] Guia-me [...]";
 Sl 23, 4 "[...] da [...] da [...] o teu [...] o teu [...]";
 Sl 23, 5 "Preparas-me [...] meus [...] unges-me [...] meu [...]";
 Sl 23, 6 "[...] e [...] todos [...] e [...] todo [...]";

Salmo 37

Sl 37, 1 "Não te indignes [...] dos [...] nem tenhas [...] dos [...]";
 Sl 37, 2 "[...] definharão como a relva [...] murcharão como a erva [...]";
 Sl 37, 5 "[...] nele [...] ele [...]";
 Sl 37, 6 "[...] a tua [...] como a [...] o teu [...] como o [...]";
 Sl 37, 7 "[...] por causa do [...] seu [...] por causa do [...] seus [...]";
 Sl 37, 9 "[...] serão [...] possuirão [...]";
 Sl 37, 10 "[...] e já não existirá [...] procurarás [...] e não o acharás";
 Sl 37, 11 "[...] herdarão [...] deleitarão [...]";
 Sl 37, 12 "[...] contra [...] contra [...]";
 Sl 37, 14 "[...] e [...] para abater [...] para matar [...]";
 Sl 37, 15 "[...] coração [...] serão [...]";
 Sl 37, 19 "[...] serão [...] nos dias do [...] nos dias da [...] fartarão";
 Sl 37, 20 "[...] perecerão, e [...] serão [...] serão [...] e se desfarão [...]";
 Sl 37, 21 "[...] e [...] e [...]";
 Sl 37, 22 "Aqueles a quem [...] abençoa possuirão [...] serão [...] aqueles a quem amaldiçoa";
 Sl 37, 24 "[...] não [...] mão";
 Sl 37, 25 "[...] sou [...] sua [...]";
 Sl 37, 26 "[...] e [...] e [...]";
 Sl 37, 27 "[...] e [...] e será perpétua a tua morada";
 Sl 37, 28 "[...] serão [...] será [...]";
 Sl 37, 29 "[...] herdarão [...] habitarão [...]";
 Sl 37, 30 "[...] justo [...] justo";
 Sl 37, 31 "[...] coração [...] seu [...] seus [...] não [...] vacilarão";
 Sl 37, 33 "[...] não o deixará [...] nem o condenará [...]";
 Sl 37, 34 "[...] exaltará [...] presenciáras [...]";
 Sl 37, 36 "Passei [...] eis [...] procurei-o [...]";
 Sl 37, 37 "Observa o homem [...] atenta [...] o homem [...]";
 Sl 37, 38 "[...] serão [...] será [...]";
 Sl 37, 39 "[...] salvação [...] tribulação";
 Sl 37, 40 "[...] os ajuda e os livra; livra-os [...] e os salva [...]";

Salmo 41

Sl 41, 5 "[...] meus [...] mim [...] morrerá [...] perecerá [...]";
 Sl 41, 7 "[...] mim rosnam [...] me odeiam; engendram [...] mim [...]";
 Sl 41, 9 "[...] meu [...] meu [...] mim [...]";
 Sl 41, 10 "[...] compadece-te de mim e levanta-me [...]";
 Sl 41, 11 "[...] mim [...] mim [...]";
 Sl 41, 12 "[...] mim [...] me [...] minha [...] me [...]";
 Sl 41, 13 "[...] da eternidade para a eternidade! Amém e amém!";

Salmo 51

Sl 51, 1 "[...] mim [...] segundo [...] tua [...] segundo [...] tuas [...] minhas [...]";
 Sl 51, 2 "Lava-me [...] minha [...] purifica-me [...] meu [...]";
 Sl 51, 3 "[...] [minhas [...] meu [...] mim]";
 Sl 51, 4 "[...] contra ti, contra ti [...] os teus olhos [...] justo no teu falar [...] puro no teu julgar";
 Sl 51, 5 "[...] me [...] minha [...]";
 Sl 51, 6 "[...] comprazes [...] fazes [...]";
 Sl 51, 7 "Purifica-me [...] e ficarei [...] lava-me, e ficarei [...]";
 Sl 51, 9 "Esconde [...] meus [...] apaga [...] minhas [...]";

Sl 51, 10 "[...] mim [...] um [...] mim um [...]";
 Sl 51, 11 "Não me repulses da tua [...] nem me retires o teu [...]";
 Sl 51, 12 "Restitui-me [...] sustenta-me [...]";
 Sl 51, 13 "Então [...] transgressores os teus [...] pecadores se converterão a ti";
 Sl 51, 14 "[...] ó Deus, Deus [...] minha [...] minha [...]";
 Sl 51, 15 "[...] meus lábios [...] minha boca [...] teus [...]";
 Sl 51, 16 "[...] não te comprazes em sacrifícios [...] não te agradas de holocaustos";
 Sl 51, 17 "Sacrifícios agradáveis a Deus [...] são [...] coração [...] ó Deus";
 Sl 51, 19 "Então, te [...] dos sacrifícios [...] dos holocaustos e das ofertas queimadas; e [...] teu [...] oferecerão [...]";

Salmo 54

Sl 54, 1 "[...] salva-me, pelo teu [...] faze-me [...] pelo teu [...]";
 Sl 54, 2 "[...] minha [...] minha [...]";
 Sl 54, 3 "[...] mim [...] levantam os insolentes [...] os violentos procuram tirar-me [...]";
 Sl 54, 4 "[...] é o meu [...] é quem me [...]";
 Sl 54, 6 "Oferecer-te-ei [...] louvarei [...]";
 Sl 54, 7 "[...] me [...] meus [...] meus [...]";

Salmo 60

Sl 60, 1 "[...] tu nos rejeitaste e nos dispersaste; tens [...] Restabelece-nos!";
 Sl 60, 2 "Abalaste a [...] fendeste-a [...]";
 Sl 60, 3 "Fizeste o [...] deste a [...]";
 Sl 60, 5 "[...] teus [...] tua [...]";
 Sl 60, 6 "[...] Exultarei; dividirei [...] medirei [...]";
 Sl 60, 7 "Meu é [...] meu é [...] é [...] minha [...] é o meu [...]";
 Sl 60, 8 "[...] minha [...] sobre [...] atirarei a minha [...] sobre [...] jubilarei";
 Sl 60, 9 "Quem me conduzirá [...] Quem me guiará [...]";
 Sl 60, 10 "Não nos [...] ó Deus [...] não [...] ó Deus [...] nossos [...]";

Salmo 63

Sl 63, 1 "Ó Deus [...] meu Deus [...] te [...] minha [...] tem [...] ti; meu [...] te [...] sem [...]";
 Sl 63, 2 "[...] a tua [...] a tua [...]";
 Sl 63, 5 "[...] de [...] e de [...] a minha [...] e [...] a minha [...]";
 Sl 63, 6 "[...] meu leito [...] ti me [...] em ti medito [...]";
 Sl 63, 7 "[...] tu [...] tuas [...]";
 Sl 63, 8 "[...] minha [...] a ti; a tua [...] me [...]";
 Sl 63, 10 "Serão [...] poder [...] virão a ser [...]";
 Sl 63, 11 "[...] gloriar-se-á [...] tapará [...]";

Salmo 69

Sl 69, 1 "Salva-me [...] me [...]";
 Sl 69, 2 "Estou [...] dá pé; estou [...]";
 Sl 69, 3 "[...] clamar [...] meus [...] esperar por meu [...]";
 Sl 69, 4 "São [...] minha [...] me [...] são [...] meus [...] são meus [...] não [...]";
 Sl 69, 5 "Tu [...] conheces a minha [...] as minhas culpas não te são ocultas";
 Sl 69, 6 "Não sejam [...] por minha causa os que esperam em ti [...] Deus [...] nem por minha causa sofram [...] os que te buscam. Ó Deus [...]";
 Sl 69, 7 "[...] de [...] de [...]";
 Sl 69, 8 "Tornei-me [...] a meus [...] minha [...]";
 Sl 69, 9 "[...] tua [...] me [...] te [...] mim";
 Sl 69, 10 "[...] em [...] minha [...] me [...] em [...]";
 Sl 69, 11 "[...] de [...] de [...]";
 Sl 69, 12 "Tagarelam [...] assentam [...]";
 Sl 69, 13 "[...] a mim [...] a ti [...] a minha [...] Responde-me [...] pela [...] tua [...] pela tua [...]";

Sl 69, 14 "livra-me do [...] para que não me [...] dos que me [...] das [...] das [...]";
 Sl 69, 15 "Não me arraste [...] nem me trague [...] nem se feche sobre mim [...]";
 Sl 69, 16 "Responde-me [...] tua [...] volta-te para mim [...] tuas [...]";
 Sl 69, 18 "Aproxima-te [...] minha [...] resgata-me [...] meus [...]";
 Sl 69, 19 "Tu [...] a minha [...] a minha [...] o meu [...] os meus [...] tua [...]";
 Sl 69, 20 "[...] e [...] por [...] por [...] e [...]";
 Sl 69, 21 "[...] me deram [...] minha [...] me deram [...]";
 Sl 69, 22 "[...] em [...] em [...]";
 Sl 69, 23 "Obscureçam-se-lhes [...] que [...] que [...] lhes [...]";
 Sl 69, 24 "[...] tua [...] tua [...]";
 Sl 69, 25 "Fique [...] a sua [...] habite as suas [...]";
 Sl 69, 26 "[...] perseguem a quem [...] feriste [...] acrescentam [...] a quem golpeaste";
 Sl 69, 27 "[...] iniquidade à iniquidade [...] não [...] absolvição";
 Sl 69, 28 "Sejam riscados do livro dos vivos [...] tenham registro com os justos";
 Sl 69, 29 "[...] mim [...] ponha-me [...]";
 Sl 69, 30 "Louvarei com [...] exaltá-lo-ei com [...]";
 Sl 69, 31 "[...] um boi [...] um novilho [...]";
 Sl 69, 32 "Vejam isso [...] alegrem [...] vós [...] que [...] que o vosso [...]";
 Sl 69, 34 "[...] os [...] e [...] os [...] e [...]";
 Sl 69, 35 "[...] salvará Sião e edificará [...] de Judá, e [...] habitarão e hão [...]";

Salmo 86

Sl 86, 1 "[...] e [...] e [...]";
 Sl 86, 2 "Preserva a minha [...] tu [...] meu [...] teu [...] ti confia";
 Sl 86, 3 "Compadece-te de mim [...] ti [...] de [...]";
 Sl 86, 4 "[...] a alma do teu [...] ti [...] a minha alma";
 Sl 86, 6 "Escuta [...] minha [...] atende [...] minhas [...]";
 Sl 86, 7 "[...] minha [...] me [...]";
 Sl 86, 8 "Não há [...] a ti [...] nada existe [...] ás tuas [...]";
 Sl 86, 9 "[...] virão, prostrar-se-ão [...] ti [...] glorificarão [...] teu [...]";
 Sl 86, 10 "[...] tu és [...] tu és [...]";
 Sl 86, 11 "Ensina-me [...] o teu [...] tua [...] dispõe-me [...] o teu nome";
 Sl 86, 12 "Dar-te-ei [...] meu [...] glorificarei [...] o teu nome";
 Sl 86, 14 "[...] contra mim [...] contra a minha [...]";
 Sl 86, 15 "[...] e [...] e [...] em [...] e em [...]";
 Sl 86, 16 "Volta-te para mim e compadece-te de mim [...] tua [...] teu servo [...] tua serva";
 Sl 86, 17 "Mostra-me [...] teu [...] e se envergonhem [...] me aborrecem [...] tu [...] me ajudas e me consolas";

Salmo 101

Sl 101, 1 "Cantarei a [...] a [...] a [...] cantarei";
 Sl 101, 2 "Atentarei [...] perfeição [...] terei coração [...]";
 Sl 101, 3 "Não [...] meus [...] nada [...] me [...]";
 Sl 101, 4 "[...] o coração [...] não [...] o [...]";
 Sl 101, 5 "[...] que [...] o [...] destruirei; o que [...] coração [...] não o suportarei";
 Sl 101, 6 "Os meus [...] os [...] que [...] comigo; o que [...] me [...]";
 Sl 101, 7 "Não há [...] minha [...] o que [...] o que [...] não permanecerá [...] meus [...]";
 Sl 101, 8 "Manhã após manhã [...]";

Salmo 103

Sl 103, 1 "Bendize, ó minha alma, [...] mim bendiga [...]";
 Sl 103, 2 "[...] não [...] de nem [...] de [...]";
 Sl 103, 3 "[...] todas as tuas iniquidades [...] todas as tuas enfermidades";
 Sl 103, 4 "[...] tua [...] e te [...] e [...]";
 Sl 103, 5 "[...] de bens a tua [...] de [...] a tua [...]";

Sl 103, 7 "[...] os seus [...] os seus [...]";
 Sl 103, 10 "Não nos [...] os nossos [...] nem nos [...] as nossas [...]";
 Sl 103, 12 "[...] Oriente do Ocidente [...] nós as nossas [...]";
 Sl 103, 13 "[...] se compadece [...] se compadece";
 Sl 103, 14 "[...] conhece [...] sabe [...]";
 Sl 103, 15 "[...] como [...] como [...]";
 Sl 103, 17 "[...] eternidade a eternidade, sobre [...] sobre os filhos dos filhos";
 Sl 103, 18 "para com os que guardam a sua [...] para com os que se lembram dos seus [...] e os cumprem";
 Sl 103, 19 "[...] o seu trono, e o seu reino [...]";
 Sl 103, 20 "Bendizei [...] seus [...] executais as suas [...] obedeceis [...]";
 Sl 103, 21 "Bendizei [...] seus [...] seus [...] fazeis a sua [...]";
 Sl 103, 22 "Bendizei ao SENHOR [...] suas [...] seu [...] Bendize [...] ao SENHOR";

Salmo 110

Sl 110, 1 "[...] SENHOR ao meu senhor [...] minha [...] teus [...] teus [...]";
 Sl 110, 3 "[...] teu [...] teu [...] teus [...]";

Salmo 122

Sl 122, 4 "[...] as tribos, as tribos do SENHOR [...] do SENHOR";
 Sl 122, 5 "[...] os tronos [...] os tronos [...]";
 Sl 122, 6 "[...] Sejam [...] amam";
 Sl 122, 7 "[...] teus [...] teus [...]";

Salmo 139

Sl 139, 1 "[...] tu me sondas e me conheces";
 Sl 139, 2 "[...] quando me assento e quando me levanto [...] meus [...]";
 Sl 139, 3 "[...] o meu andar e o meu deitar e [...] os meus [...]";
 Sl 139, 5 "[...] me [...] por trás e por [...] e [...] mim [...]";
 Sl 139, 7 "Para onde me ausentarei do teu [...] Para onde fugirei da tua [...]";
 Sl 139, 8 "Se subo [...] lá estás; se faço [...] lá estás [...]";
 Sl 139, 10 "[...] me haverá [...] a tua [...] a tua [...] me susterá";
 Sl 139, 11 "[...] me [...] mim [...]";
 Sl 139, 12 "[...] trevas não te serão [...] trevas [...] são [...]";
 Sl 139, 13 "[...] tu formaste [...] tu me teceste [...] minha [...]";
 Sl 139, 14 "[...] te [...] me formaste; as tuas [...] minha [...]";
 Sl 139, 16 "[...] teus [...] me viram [...] ainda [...] e no teu [...] foram [...] meus [...] cada um deles [...] e [...] nem um deles [...] ainda";
 Sl 139, 18 "[...] contaria, contaria [...]";
 Sl 139, 20 "[...] ti [...] teus [...]";
 Sl 139, 21 "Não aborreço [...] os que te aborrecem? [...] E não abomino os que contra ti se levantam?";
 Sl 139, 23 "Sonda-me [...] e conhece o meu [...] prova-me e conhece os meus [...]";
 Sl 139, 24 "[...] mim [...] caminho [...] guia-me pelo caminho [...]";

Salmo 145

Sl 145, 1 "Exaltar-te-ei [...] meu e Rei; bendirei o teu [...]";
 Sl 145, 2 "Todos os [...] bendirei e louvarei [...] todo o [...]";
 Sl 145, 4 "[...] geração louvará a outra geração as tuas [...] anunciará os teus [...]";
 Sl 145, 5 "[...] tua [...] tuas [...]";
 Sl 145, 6 "Falar-se-á [...] teus [...] e contarei a tua [...]";
 Sl 145, 7 "Divulgarão [...] tua [...] celebrarão a tua [...]";
 Sl 145, 9 "[...] todos [...] as suas [...] todas as suas [...]";
 Sl 145, 10 "[...] tuas [...] renderão [...] teus [...] bendirão";
 Sl 145, 11 "Falarão [...] teu [...] confessarão o teu [...]";
 Sl 145, 12 "[...] teus [...] teu [...]";

Sl 145, 13 "O teu [...] todos [...] e o teu [...] por todas [...] em todas as suas [...] em todas as suas [...]";
 Sl 145, 15 "[...] ti [...] tu [...]";
 Sl 145, 16 "Abres [...] satisfazes [...]";
 Sl 145, 17 "[...] todos os seus [...] todas as suas [...]";
 Sl 145, 18 "[...] de todos os que o invocam, de todos os que o invocam [...]".

Dependendo da temática, os salmos apresentam-se como poemas líricos ou épicos. O poema lírico é um tipo de texto que visa comunicar o mundo interior da pessoa que o escreveu, procurando retratar o estado do eu interior do poeta, principalmente quanto a algum sentimento que o domina. Estes textos, antigamente, eram declamados ao som de um instrumento musical. O poema lírico não apresenta fatos do mundo exterior, mas descreve apenas o espaço interior do "eu" poético. No poema lírico, a linguagem tem como função transportar a emoção do poeta ao leitor. Dessa forma, o salmista usa, muitas vezes, determinadas comparações para explicar melhor os seus sentimentos, como podemos verificar nos salmos:

Salmo 19

Sl 19, 10 "São mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado; e são mais doces do que o mel e o destilar dos favos";

Salmo 37

Sl 37, 16 "Mais vale o pouco do justo que a abundância de muitos ímpios";
 Sl 37, 21 "O ímpio pede emprestado e não paga; o justo, porém, se compadece e dá";
 Sl 37, 22 "Aqueles a quem o SENHOR abençoa possuirão a terra; e serão exterminados aqueles a quem amaldiçoa";
 Sl 37, 28 "Pois o SENHOR ama a justiça e não desampara os seus santos; serão preservados para sempre, mas a descendência dos ímpios será exterminada";

Salmo 51

Sl 51, 7 "Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve";

Salmo 69

Sl 69, 4 "São mais que os cabelos de minha cabeça os que, sem razão, me odeiam; [...]";
 Sl 69, 31 "Será isso muito mais agradável ao SENHOR do que um boi ou um novilho com chifres e unhas";

Salmo 86

Sl 86, 8 "Não há entre os deuses semelhante a ti, Senhor; e nada existe que se compare às tuas obras";
 Sl 86, 10 "Pois tu és grande e operas maravilhas; só tu és Deus!";

Salmo 103

Sl 103, 9 "Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira";

Sl 103, 10 "Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades";

Sl 103, 13 "Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem";

Sl 103, 15 "Quanto ao homem, os seus dias são como a relva; como a flor do campo, assim ele floresce";

Salmo 122

Sl 122, 3-4 "Jerusalém, que estás construída como cidade compacta, para onde sobem as tribos, as tribos do SENHOR, como convém a Israel, para renderem graças ao nome do SENHOR";

No poema épico, o tema está fora do "eu" do poeta, não aparecendo nele, portanto, nenhum problema do íntimo do poeta, mas sim, um fato do mundo exterior, ou seja, um problema universal que envolve a todos os seres humanos.

Destacamos a seguinte distinção entre as duas formas de poema, o lírico e o épico:

No primeiro caso trata-se da expressão de um estado de espírito, de um breve instante de beleza, sensação e / ou emoção, construída, via de regra, em pequenos blocos de linhas poéticas. Trata-se de uma experiência individual, intuitiva e solitária (é a forma literária específica do estado amoroso, do sentimento, da solidão, da interrogação existencialista, das indagações metafísicas etc.). Já a Épica, em sua expressão mais pura, encontra-se na poesia narrativa grega, que revela o poeta em face de um mundo de ações elevadas e heróicas, onde os homens - seres de exceção - vencem as forças adversas que se lhe queiram opor, sempre. (COELHO, 1976, p. 42-43).

Passamos a seguir a tratar da definição de enunciado/enunciação. Segundo Maingueneau (2001, p. 56), "o enunciado se opõe a enunciação, da mesma forma que o *produto se opõe ao ato de produzir*; nesta perspectiva, o enunciado é a marca verbal do acontecimento que é a enunciação". Além disso, a enunciação está presente no interior do enunciado, por ser ela a essência histórica e produtora desse enunciado. Sendo assim, a enunciação apresenta-se sempre pressuposta, isto é, os pressupostos de um enunciado são uma

espécie de contexto imanente; são as informações que ele contém fora da mensagem propriamente dita e que o falante apresenta como indiscutíveis e evidentes.

De acordo com Oliveira (1991, p. 15), podemos dizer que, " o enunciado é um objeto, é concreto e a enunciação, um acontecimento, um processo". Portanto, entende-se por enunciação o processo de produção de sentido a partir da utilização de um sistema lingüístico particular, levando-se em consideração, não só os aspectos especificamente lingüísticos, como também os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos, que determinam e regulam a atividade verbal, além do modo como os falantes fazem uso das marcas de pessoa, tempo e espaço nos enunciados que produzem. E por enunciado, entende-se o resultado da produção discursiva num contexto particular, pois o mesmo corresponde a uma parte de discurso associada ao contexto em que é enunciada.

10.2.1 Percursos Gerativos de Sentido

Conforme Barros (1999, p. 8), "para construir o sentido de um texto, a semiótica concebe o seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo." Especificamente em nossa pesquisa, para compreendermos o sentido dos Salmos Bíblicos devemos identificar um percurso que obedece às seguintes etapas: a primeira refere-se às estruturas fundamentais, na qual o sentido parte do abstrato seguindo em direção ao concreto; nela encontramos as categorias semânticas que estão na base da construção de um texto, fundamentando-se numa oposição. A segunda aborda as estruturas narrativas onde encontramos os enunciados de estado que estabelecem uma relação de junção entre um sujeito e um objeto, e os enunciados de fazer que mostram as transformações de um enunciado de estado a outro. A terceira relaciona-se às estruturas discursivas, o mais próximo da

manifestação textual, no qual, a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação, a sintaxe organiza as relações entre enunciado e discurso e a semântica estabelece os temas e as figuras que revestem o conteúdo.

Iniciaremos percorrendo o caminho da produção textual, partindo do primeiro nível, o mais abstrato: o das estruturas fundamentais. Nele, as categorias semânticas fundamentam-se numa oposição e, para que haja, entre dois termos, algo em comum é necessário que se estabeleça algum confronto de sentido. Dessa forma, considerando-se nosso *corpus* de análise em sua totalidade, podemos afirmar que as oposições semânticas identificadas pertencem a duas categorias fundamentais, determinadas como eufóricas quando se referem a valores positivos e disfóricas, quando remetem a valores negativos, conforme podemos observar a seguir:

OPOSIÇÕES SEMÂNTICAS		
SALMOS	VALORES EUFÓRICOS DO MUNDO DA DIVINDADE	VALORES DISFÓRICOS DO MUNDO DO HOMEM
Sl 15	integridade	desonestidade
Sl 23	proteção	desamparo
Sl 37	bons	maus
Sl 41	amigo	inimigo
Sl 51, Sl 103	perdão	condenação
Sl 54	salvação vida	perdição morte
Sl 60, Sl 122	paz	guerra
Sl 63	busca	perda
Sl 69	liberdade	opressão
Sl 86	súplica	omissão
Sl 101	perfeição	destruição
Sl 110, Sl 139	poder	fragilidade
Sl 145	bondade	maldade

Segundo a Teoria Semiótica greimasiana, é no nível das estruturas fundamentais que se encontram as oposições semânticas, sendo a partir das mesmas que se

constrói o sentido principal do texto. Frequentemente, encontramos nos salmos pares de contrários que são usados para ressaltar os valores eufóricos.

Dessa forma, podemos reunir todas essas oposições semânticas encontradas nos Salmos Bíblicos e centralizá-las num eixo de oposição assentado no contraste entre o Bem *versus* o Mal, o que constitui a categoria semântica fundamental do Discurso Religioso, pois nele tudo gira em torno da oposição centralizada entre o Bem, categoria de valor eufórico e positivo, em contraposição ao Mal, categoria de valor disfórico e negativo, pois se trata de dois termos opostos que mantêm entre si uma relação de contrariedade.

No segundo nível, o das estruturas narrativas, os elementos das oposições semânticas identificadas no nível fundamental são assumidos como valores e circulam entre os sujeitos. Podemos dizer que, para os sujeitos fiéis, o discurso religioso representa uma promessa, um compromisso firmado entre o (S) fiel e o (S1) Senhor, através de um contrato fiduciário fundamentado na fé; enquanto que, para os sujeitos não-fiéis, pode retratar uma ameaça, um castigo. Sendo assim, resta ao (S3), povo, escolher entre o caminho do bem ou o do mal.

Nas estruturas narrativas, temos dois tipos de enunciados: os de estado e os de fazer. Os enunciados de estado estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto; enquanto que os enunciados de fazer mostram as transformações, as passagens de um enunciado de estado a outro no decorrer do percurso narrativo. Esses enunciados de estado e de fazer estão organizados hierarquicamente, nos Salmos Bíblicos, em quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção.

Na fase de manipulação, o (S2) Davi, sujeito manipulador, posiciona-se diante do (S1) Senhor, o julgador, em posição de súplica, procurando levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa. A manipulação identificada no *corpus* é feita por meio da sedução, pois o sujeito manipulador procura levar o manipulado a fazer, manifestando um juízo

positivo sobre a competência deste. Assim, por meio dessa manipulação, o destinatador-manipulador propõe um contrato de confiança e pode exercer a persuasão para convencer o destinatador-julgador a aceitá-la. Portanto, é nesse momento que se estabelece o contrato fiduciário, no qual o sujeito manipulador acredita receber a sanção retributiva da vida eterna que deverá ser proporcionada a ele pelo sujeito julgador.

Ao verificar-se a realização desse contrato fiduciário nos Salmos Bíblicos analisados, identifica-se nele um duplo percurso. Isto é, temos um primeiro percurso que se relaciona aos sujeitos actantes (S1) Senhor e (S2) Davi, no qual reconhecemos o percurso do sujeito Davi que, em busca da salvação eterna, dirige-se ao Sujeito Senhor, que possui competência para realizar tal transformação na performance, por ser dotado de um saber e de um poder fazer. Esse percurso se mantém em toda a trajetória salmista, já que a constatação de que a transformação se realizou não aparece explicitamente enunciada.

Num segundo percurso, temos um sujeito que se apresenta como um exemplo a ser seguido, representado pelo (S2), Davi, e que utiliza uma maneira peculiar de persuadir, sem se dirigir diretamente ao outro (S3), povo, que constitui um enunciatário que não aparece enunciado, construindo efeitos de sentido que levam os destinatários a crerem no seu discurso e a se sentirem livres para buscar a salvação eterna, embora não se apresente de forma explícita o resultado contratual esperado.

No terceiro nível, o das estruturas discursivas, as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhes dão concretude. Dessa forma, a busca pela vida eterna aparece no nível discursivo através de estruturas diversas: conforme cada situação apresentada, há um tipo diferente de ocorrência concreta. O salmista utiliza variações discursivas para mostrar que mudam os espaços, os tempos e as circunstâncias, mas não se altera a busca pelo (Ov) definido como, vida eterna. Assim, o enunciador, ao produzir seu discurso, deixa marcas no enunciado que constrói, conforme podemos perceber no *corpus*

analisado, colocando o sujeito da enunciação "eu" no interior do enunciado para realizar a produção discursiva, no espaço do *aqui* e no tempo do *agora*.

Na maioria dos salmos analisados, encontramos o efeito de proximidade, de subjetividade, resultante da presença da primeira pessoa verbal que nos apresenta os fatos vividos, criando-se, assim, a ilusão de verdade.

Após estas considerações, passamos às análises dos conteúdos temáticos encontrados nos Salmos Bíblicos, adotando a classificação básica encontrada na Bíblia de Estudo das Profecias, traduzida em português por Almeida (2001).

10.2.1.1 Cânticos de Adoração

Os Cânticos de Adoração são poemas religiosos que têm por objetivo demonstrar o desejo de adorar, cultuar e amar a Deus; neles predominam as orações de fé na adversidade, isto é, em tempos angustiosos, infelizes. Entre eles, encontram-se cinco salmos que fazem parte de nosso *corpus*. São eles: o **SI 15** - O cidadão dos céus; o **SI 19** - A excelência da criação e da palavra de Deus; o **SI 23** - O SENHOR é o meu pastor; o **SI 37** - Temporária, a felicidade dos perversos e o **SI 41** - A calúnia dos inimigos e o socorro de Deus.

Num primeiro momento faremos um breve comentário sobre os cinco salmos de adoração e posteriormente apresentaremos uma análise mais profunda do SI 23 - O SENHOR é o meu pastor, que tão bem representa os Cânticos de Adoração:

O **SI 15** inicia-se com o seguinte questionamento: SI 15, 1 ("Quem, SENHOR, habitará no teu tabernáculo? Quem há de morar no teu santo monte?") para, em seguida, apresentar a resposta em forma de lição: SI 15, 2 ("O que vive com integridade, e

pratica a justiça"). Nesse salmo, predomina a marca da terceira pessoa do singular, com o enunciador usando o vocativo "SENHOR" para se dirigir diretamente a Ele. Encontramos, ainda, uma descrição de como devem ser os verdadeiros cidadãos dos céus: retos, sinceros, justos e honestos; preceitua-se que não se deve prejudicar a alguém com palavras, mas cumprir-se o que foi jurado e recusar-se toda forma de suborno.

O **Sl 19** apresenta um louvor generalizado, com o salmista tentando elevar o nome do SENHOR e enaltecê-lo por sua grandeza. Nesse salmo, temos a marca da terceira pessoa do singular e do plural. Encontram-se ainda manifestações de louvor às glórias e às maravilhas da criação, à perfeição e aos poderes das leis de Deus.

O **Sl 37** foi escrito em forma de acróstico, em que o primeiro versículo, ou a primeira linha, começa com a primeira letra do alfabeto hebraico, o segundo, com a segunda letra, e assim sucessivamente. Trata-se de um salmo didático e de sabedoria, no qual o leitor é exortado e instruído a andar no caminho da justiça. Temos nele as marcas da segunda e da terceira pessoa verbais.

O **Sl 41** traz a marca da primeira pessoa do singular, tratando-se de um salmo de gratidão individual, no qual o salmista apresenta-se como desamparado, consumido pelo pecado, sentindo sua saúde, sua família e seus sonhos destruírem-se, bem como registra o ódio de seu filho Absalão e de um grupo de pessoas que não gostam dele.

Salmo 23 - O Senhor é o meu pastor

O **Sl 23** constrói-se em função de um programa narrativo simples, isto é, onde não há uma complexidade nem uma hierarquia extensa de programas, constituindo-se de um único programa principal que faz com que tudo gire em torno da proteção divina. Apresenta-nos um cântico de adoração de muita fé, com o que se propõe a nos sustentar e dar

apoio em períodos da mais profunda necessidade. Nesse salmo, encontramos a marca da primeira pessoa do singular e o SENHOR é apresentado como o Pastor, o Guia, o Protetor do seu povo.

A) A oposição: /proteção/ versus /desamparo/

No nível das estruturas fundamentais, esse salmo parte da oposição entre /proteção/ versus /desamparo/. Percebe-se que, entre estes dois termos, há algo em comum para que seja firmada essa diferença. Estabelece-se, portanto, uma relação marcada pela onipotência divina que pode proteger ou desamparar os homens, e estes podem assumir ou não as qualidades do homem que têm fé por meio de articulações com Deus, buscando salvação e vida eterna.

No encadeamento mais amplo do enunciado do salmo, a proteção é considerada como um valor positivo, ou seja, /eufórico/, pois o SENHOR é o alimento espiritual, a proteção divina, a orientação, a restauração; enquanto que o desamparo é visto como um valor negativo, ou seja, /disfórico/, isto é, carente de segurança, de providência e desprovido da presença divina.

B) Os sujeitos do percurso narrativo

Apresentam-se dois sujeitos diferentes, chamados transitivos, entre os quais ocorre uma transferência de valores, na qual vem figurativizada a idéia de proteção: o sujeito de fazer (S1) representado pelo Sujeito SENHOR, e o sujeito de estado (S2) representado pelo

sujeito Davi. Esse está em conjunção (I) com o objeto valor (Ov) proteção, amparo, conforto, vida eterna, bem que apenas pode ser concedido por aquele. Apesar de Davi já estar em conjunção com o (Ov) proteção, ele projeta para o futuro uma maior e eterna proteção divina, como podemos observar nos versículos que compõe o salmo.

Há, portanto, um programa de aquisição de objeto-valor concomitante e outro não-concomitante de posterioridade, com marcas do mundo comentado. Conforme Koch (1998), o locutor responsabiliza-se, compromete-se com aquilo que enuncia quando utiliza tempos verbais do mundo comentado, criando uma tensão entre os interlocutores diretamente envolvidos no discurso. Empregam-se os tempos verbais do comentário, pois a maioria dos verbos apresentam-se no presente do indicativo, que é coincidente com o momento do fazer enunciativo; há também, quatro ocorrências de futuro do presente do indicativo e, por conseguinte, posteriores ao momento da enunciação, caracterizando uma perspectiva prospectiva, como podemos observar nos versículos: 1 ("faltará"), 4 ("temerei"), 6 ("seguirão e habitarei"). O uso desses tempos do mundo comentado torna o salmo explicitamente argumentativo, buscando atingir as inquietações do ouvinte e conduzi-lo a uma atitude receptiva, tensa, além de exigir dele uma reação direta. Davi, o sujeito de estado, usando o discurso direto, revela seu comprometimento com aquilo que enuncia, o que enfatiza os efeitos de sentido de realidade.

Os valores modais encontrados na análise do salmo são os de querer, saber, poder e ter, o que podemos perceber no percurso narrativo do (S2), Davi, o qual está voltado para a obtenção de uma maior proteção divina, o que se constata na capacidade que demonstra de conhecer o caminho por onde vir a adquiri-la, revelando sabedoria, poder para crer e fé na palavra do (S1), SENHOR. Dessa forma, seu programa de competência constitui-se numa parte do programa principal cuja performance é a aquisição da proteção divina.

Além do percurso do sujeito, deve-se considerar também o percurso do

destinador-manipulador e o do destinador-julgador. E é através da manipulação que o destinador propõe um contrato fiduciário e exerce a persuasão para convencer o destinatário a aceitá-lo. No salmo analisado, constatam-se dois percursos de manipulação por sedução, um dos quais direcionado diretamente ao (S1), SENHOR, e o outro direcionado indiretamente ao (S3), povo, que poderão ser sujeitos cristãos ou não, induzindo-os para que acreditem na palavra da salvação. Essa manipulação realiza-se através de valores euforizantes, positivos, segundo os quais o sujeito Davi desenvolve uma maneira peculiar de persuadir, que consiste em evitar dirigir-se diretamente ao povo, com o que ele constrói efeitos de sentidos que os faz crer em seu discurso, levando-os a sentirem-se livres para quererem a proteção divina.

É o percurso do destinador-julgador que responde pela sanção do sujeito, podendo essa sanção ser interpretativa ou retributiva. Na sanção interpretativa, o sujeito é julgado pelo destinador por suas ações e pelos valores com que se relaciona. Na presente análise, os estados podem ser definidos como verdadeiros, pois os processos de significação são estabelecidos por uma determinada sociedade, regulados por uma exterioridade sócio-histórica e ideológica que determina as regularidades lingüísticas significativas e que, embora estando no plano virtual, desencadeiam a conformidade do sujeito com o sistema de valores que representa e com os estabelecidos com o destinador-manipulador. Dessa forma, poderíamos dizer que o (S2), Davi, responsável pelos valores do discurso e capaz de levar o enunciatário a querer, saber, poder, ter e fazer, conseguiu cumprir o compromisso assumido na manipulação, graças aos recursos e mecanismos utilizados em seu enunciado, ainda que a reação do enunciatário possa não ser aquela que se espera.

Na sanção retributiva, o sujeito, reconhecido como cumpridor dos compromissos assumidos, recebe uma recompensa ou uma punição quando não consegue executar sua parte no contrato. No salmo analisado, pode-se dizer que a retribuição é positiva, pois o (S2), Davi, já está em conjunção com o (Ov), proteção, e tudo indica que será ainda

mais positiva posteriormente, como podemos observar no versículo seis com o emprego do modalizador "certamente". Em geral, os advérbios representam, de forma marcante, a modalização sob a qual ele deve ser interpretado e podem implicar num julgamento de verdade. Davi poderá ser recompensado eternamente, assim como também todo destinatário que acreditar e quiser a proteção divina, pois projeta-se a segurança de um futuro em eterna conjunção com o objeto valor.

C)A discursividade do salmo bíblico

O nível discursivo, cujas estruturas são mais específicas e também mais enriquecidas semanticamente, é aquele que se encontra mais próximo da manifestação textual. Nele, observa-se de que modo o sujeito da enunciação, através de suas escolhas de pessoa, tempo, espaço, figuras e temas, transforma a sua narrativa em discurso. A sintaxe discursiva explica as relações do sujeito da enunciação com o discurso-enunciado e também as relações que se estabelecem entre enunciador e enunciatário.

No salmo, o (S2), Davi, faz uma série de opções para projetar o seu discurso, tendo em vista os efeitos de sentido que deseja produzir, procurando chamar a atenção e seduzir o enunciatário. E este, por sua vez, deve captar o verdadeiro sentido, dentro de seu fazer interpretativo.

Destaca-se, como efeito básico produzido nesse Salmo Bíblico 23, a impressão de intimidade, a identificação e a proximidade da enunciação, com estratégia cuja finalidade é convencer de sua verdade. O texto em questão inicia-se com uma debragem actancial enunciativa marcada pelo pronome possessivo "meu" e pelo pronome pessoal oblíquo "me" já no primeiro versículo, o que produz um efeito de realidade, de subjetividade

na visão dos fatos vividos e nomeados por quem os viveu. A essa consideração, acrescenta Fiorin o seguinte (2001, p. 43): "debreagem enunciativa é aquela em que se instalam no enunciado os actantes da enunciação (*eu/tu*), o espaço da enunciação (*aqui*) e o tempo da enunciação (*agora*)". Percebe-se a predominância desta debreagem nos versículos seguintes, a qual vem marcada pelo pronome pessoal oblíquo "me", nos versículos: 1, 2, 3, 4, 5 e 6; pelo pronome pessoal reto "eu" no versículo 4; pelo pronome possessivo "meu(s)" nos versículos 1 e 5; e "minha" no versículo seis.

Na enunciação enunciada, predomina a debreagem temporal enunciativa, que é marcada pela concomitância em quase todos os versículos, com exceção do último, o que indica um acontecimento que se realiza no momento da enunciação e comunica a impressão de ser um fato constante, como podemos observar no versículo 1, "é"; no 2, "faz e leva"; no 3, "refrigera-me e guia-me"; no 4, "estás e consolam"; no 5, "preparas, unges e transborda".

Destaca-se a debreagem temporal marcada pela não-concomitância de posterioridade em relação ao momento da enunciação, pelos verbos encontrados nos versículos: 1, ("faltará"), 4 ("temerei"), 6 ("habitarei e seguirão"); os quais projetam pontos de vista para frente em relação ao momento do fazer enunciativo. Ressalte-se, também, a ocorrência de uma debreagem temporal concomitante ao momento da enunciação, com o verbo andar, no versículo 4 ("ande"), enunciando uma oração subordinada adverbial, introduzida pelo adjunto adverbial de concessão "ainda que". Esse operador contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias; ao empregá-lo, o enunciador utiliza o recurso de antecipação, isto é, anuncia que o argumento introduzido por "ainda que" vai ser anulado.

Há uma referência a "Ele", no versículo dois, e duas ao "SENHOR", nos versículos um e seis, registrando-se uma debreagem actancial enunciativa em terceira pessoa que

torna, nesse momento, o discurso objetivo e projeta o actante do enunciado. No entanto, ocorre uma embreagem actancial enunciativa no versículo quatro, marcada pelo pronome pessoal reto "tu" e pelo pronome possessivo "teu" que desencadeia um efeito de identificação entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação. O enunciador substitui o "SENHOR" por "tu", em que "SENHOR" não é mais um "ele", mas um "tu", em vista da neutralização dos dois termos, o enunciativo e o enuncivo. Essa projeção enunciativa correspondente ao lugar de /Davi/ *versus* ao do /SENHOR/, chamando a atenção do enunciatário, por se instalarem os dois actantes da enunciação, o eu e o tu, numa debreagem actancial enunciativa.

Grande parte dos efeitos semânticos do discurso resultam principalmente da tematização (elementos abstratos) e da figurativização (elementos concretos). Conforme afirma Fiorin (2000, p. 65), "os discursos figurativos têm uma função descritiva ou representativa, enquanto os temáticos têm uma função predicativa ou interpretativa". No estudo em questão, os temas centrais são a proteção, a fé e a eternidade, além de contarmos também com os da abundância, da justiça e do perigo. Como figuras predominantes, temos a do Pastor, como protetor e eterno, e a das ovelhas, como carentes de cuidado; entretanto, ainda encontramos outras como: os campos, os pastos, as águas, a morte, o bordão, o cajado, a mesa, a festa, a ceia, o alimento, o cálice e a Casa do SENHOR.

Considerando-se que os percursos figurativos recobrem percursos temáticos e percursos narrativos, podemos identificar, no salmo analisado, quatro cenas enunciativas: a vida no campo, o perigo, a ceia e a eternidade, dentro de um tema maior e predominante que é o da proteção.

Num primeiro momento, nos versículos de 1 a 3, retrata-se a vida no campo, onde a figura do pastor e das ovelhas reveste o percurso temático da proteção, do cuidado do pastor com seu rebanho. Vale a pena transcrever o texto de Meyer (1993, p. 277), "o rebanho não guarda o pastor, mas o pastor guarda o rebanho. Esqueçamo-nos de nós e confiemo-nos a

ele com tudo, em tudo e por tudo". O (S2), Davi, passou os anos de sua mocidade levando rebanhos a pastos mais verdes e protegendo-os do perigo. Para ele, o uso de tal ilustração, além de alusivo, é perfeitamente natural. Com a expressão "O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará", no primeiro versículo, o verbo ser, empregado no presente do indicativo, consegue dar a idéia de permanência, de continuidade, de duração, pois Davi se refere ao SENHOR que era, que é e que sempre será. E essa foi a forma que o (S2) encontrou para dizer que o SENHOR dá-lhe tudo de que precisa e livra-o de todos os perigos. Davi projeta, na figura do SENHOR, um salvador pessoal, ao chamá-lo de "meu pastor". Ao contrário de objetos frios e sem vida, o pastor anda pelo campo com suas ovelhas, cuidando de todas as suas necessidades. Davi argumenta que, independentemente das circunstâncias, "nada lhe faltará", e que, em todas as dificuldades, Deus o ajudará a encontrar descanso e refrigério, levando-o aos "pastos verdejantes e às águas de descanso", conforme encontramos nos versículos dois e três.

Num segundo momento, de acordo com o versículo 4, insinua-se o perigo e menciona-se a morte. Porém, constata-se que Davi não tinha medo de caminhar "pelo vale da sombra da morte". Com o uso dessa metáfora, estão subentendidos todos os caminhos perigosos e indevidos pelos quais possa vir a andar. O enunciador deixa transparecer, com seu "bordão" e através dos mecanismos persuasivos usados, que o "SENHOR" está com ele, protegendo-o de seus "adversários" e arrebatando-o das profundidades com o seu "cajado".

No terceiro momento, com a presença do versículo 5, temos a ceia. O SENHOR prepara uma "mesa" com alimento e bebida, mesmo no meio do ódio, "na presença dos adversários", para festejar a celebração da vida e também perdoar seus inimigos; com isso, se estabelece uma relação de semelhança com a ceia de Cristo e seus discípulos, na noite em que foi traído. Já a expressão "unges-me a cabeça com óleo", pode-se referir à unção de Davi, como também ao óleo que os pastores usavam sobre os arranhões e ferimentos dos

animais para afastar os parasitas e as infecções.

No quarto e último momento, através do versículo 6, enuncia-se a "eternidade", a certeza da vida eterna na "Casa do SENHOR". O enunciador, utilizando-se de modalizadores como "certamente", demonstra plena confiança na bondade e misericórdia de Deus, pela certeza de que "habitará na Casa do SENHOR para todo o sempre".

Podemos concluir que o Salmo Bíblico 23, conhecido como "O Cântico do Pastor" contém, em sua produção, uma carga de sentidos que expressa a intencionalidade de seu enunciador em manipular, através da sedução, os seus enunciatários (S1), SENHOR e (S3), povo, para o que utiliza recursos argumentativos que possam convencê-los a querer, saber, poder e ter para si a proteção divina e a tão almejada vida eterna.

10.2.1.2 Hinos de Interesse Nacional

Os Hinos de Interesse Nacional refletem situações de crise, de conflitos humanos, identificando-se com as preocupações da nação. Eles estão distribuídos no segundo e terceiro livros de salmos, dos quais seis fazem parte de nosso *corpus*. São eles o **SI 51** - Confissão e arrependimento, o **SI 54** - Apelo para o socorro divino, o **SI 60** - Oração em tempos de guerra, o **SI 63** - Buscando a Deus, o **SI 69** - O lamento do Messias e o **SI 86** - Súplica e confiança.

Primeiramente faremos um comentário sobre os seis salmos de interesse nacional, após o que apresentaremos uma análise aprofundada do SI 51 - Confissão e arrependimento, que representa significativamente os Hinos de Interesse Nacional:

No **SI 54**, temos outro lamento individual, no qual o salmista revela ter superado a dor de ser traído e nos mostra o caminho da recuperação. Sua primeira atitude em

face da traição foi assumir a responsabilidade pela sua vida. Ele reagiu à traição dos seus inimigos apelando para o poder do nome de Deus.

No **SI 60**, encontramos uma lamentação coletiva, em um tempo em que o salmista vivia uma situação de guerra, retratando a luta contra os siros da Mesopotâmia e os siros de Zobá, e quando Joabe, regressando, derrotou doze mil homens de Edom, no Vale do Sal. Esse movimento audacioso diante do inimigo era acompanhado por um apelo à libertação de Israel.

No **SI 63**, encontramos outra lamentação individual, em que o salmista coloca-se na primeira pessoa do singular para declarar sua busca por Deus, retratando os momentos turbulentos vividos quando andava pelo deserto de Judá depois de fugir de Jerusalém.

No **SI 69**, temos mais uma lamentação individual. Trata-se de um salmo imprecatório, onde se invoca o julgamento divino sobre os inimigos de alguém, clamando pela justiça divina; pede-se que Deus puna os ímpios e, assim, mantenha sua justiça, condenando o pecado.

No **SI 86**, encontramos um apelo por misericórdia, no qual o salmista coloca-se diante do Senhor por meio da primeira pessoa do singular, confessando estar com a alma em grande aflição. Dirige-se a Deus com frases conhecidas, sem se preocupar em criar novas formas de expressão; a base de sustentação é a fé que se apóia sobre a bondade de Deus.

Salmo 51 - Confissão e arrependimento

No **SI 51**, encontramos a marca da primeira pessoa do singular. Trata-se de uma lamentação individual, na qual temos a confissão e o arrependimento do salmista que

expõe seu problema e clama por misericórdia, pedindo sua restauração e implorando a Deus que o liberte e o defenda. Para permitir um melhor entendimento do salmo, faremos uma rápida explanação dos episódios anteriores que deram origem a ele. Essas explicações encontram-se, segundo Samuel, nos capítulos 11 e 12 na Bíblia Sagrada (1993), que nos relata o adultério de Davi com Bate-Seba, esposa do soldado Urias. Conforme está exposto, no momento em que Davi soube da gravidez de Bate-Seba, imediatamente, pensou em livrar-se de Urias, mandando colocá-lo na frente da batalha para que fosse ferido e morto. E isso realmente aconteceu, porém, Davi jamais pensou que suas transgressões seriam descobertas, mas o profeta Natã, sabendo de tudo, repreendeu-o. E assim, Davi, tomando conhecimento de que nada se consegue esconder por muito tempo, sem hesitar, cheio de remorso, culpa e ansiedade, assumiu toda a responsabilidade: chorou, confessou e admitiu que o pecado fora todo seu. Desta forma, surgiu o Salmo Bíblico 51, que trata da confissão e do arrependimento do rei Davi.

A) A oposição: /perdão/ versus /condenação/

O salmo analisado parte da oposição entre /perdão/ versus /condenação/. O primeiro é tomado como um valor positivo /eufórico/ e o segundo, visto como um valor negativo /disfórico/. Estabelece-se uma relação marcada pela onipotência divina que pode perdoar ou condenar os homens, e esses podem assumir ou não as qualidades de homens que têm fé, graças às articulações com Deus, em busca de perdão, purificação e redenção.

B) Os sujeitos do percurso narrativo

Como vimos até aqui nesta análise, tudo gira em torno da busca do perdão divino. Apresentam-se três sujeitos transitivos, entre os quais ocorre uma transferência de valores, na qual vem tematizada a idéia de perdão: o sujeito de fazer (S1) representado por Deus, e os sujeitos de estado: Davi (S2) e o povo (S3). Davi, encontrando-se em disjunção (Y) com o objeto valor (Ov) perdão, purificação e redenção, parte para obter a conjunção (I) desse objeto, e então, dirige-se a Deus, (S1), por meio da sedução, suplicando por misericórdia e revelando seu comprometimento com aquilo que enuncia, com o que se produzem os efeitos discursivos de verdade.

O percurso gerativo do texto parte do pecado de Davi, que se projeta na transgressão da lei e de tudo aquilo que está em conflito com o que a palavra de Deus proíbe ou ordena. Após o pecado, Davi é tomado por um grande sentimento de culpa e, arrependido de tudo que fez, dirige-se a Deus em confissão, declarando sua total culpabilidade e seu pedido de perdão.

Os valores modais encontrados no salmo são os de querer, saber, poder e ter, o que podemos perceber no percurso narrativo do (S2), Davi, voltado para a obtenção do perdão divino, na capacidade que demonstra por saber o caminho para adquiri-la, depois do diálogo que manteve com Natã, em que revela conhecer, crer e ter fé no perdão do Senhor. Nesse pedido de redenção, Davi solicita para que sejam apagadas todas as suas transgressões e purificados todos os seus pecados, como podemos observar nos versículos 1, 2, e 3. E assim, na esperança de ser perdoado, estabelece um contrato com Deus em forma de promessa de retribuição, dizendo que encaminhará e ensinará aos transgressores os caminhos do Senhor, como constatamos no versículo 13.

Além do percurso dos sujeitos, deve-se considerar também os percursos do destinador-manipulador e o do destinador-julgador, pois é por meio da manipulação que o

destinador-manipulador Davi, num duplo percurso, propõe um contrato fiduciário e exerce a persuasão para convencer seus interlocutores: (S1) Deus e o (S3) povo. Neste salmo, constata-se uma manipulação por sedução, na qual o (S2), Davi, manipula sutilmente seus destinatários, dirigindo-se ao (S1), Deus, em busca do perdão e persuadindo o (S3), povo, cristão ou não, a seguir seu exemplo de vida.

Davi desenvolve uma maneira bastante peculiar de persuadir, ao simular um diálogo virtual com Deus, colocando-se como ser inferior e construindo efeitos de sentido que levam o povo a sentir-se livre para firmar ou não o contrato fiduciário que visa estabelecer, ou seja, o de ir em busca do perdão divino, acreditando e seguindo nos caminhos do Senhor.

C) A discursividade do salmo bíblico

O Salmo Bíblico 51 inicia-se com uma debreagem enunciativa actancial, como podemos constatar no versículo 1 ("Compadecer-te de **mim**, ó Deus"), a qual se mantém até o final. Não são encontrados embreantes, pois não há referência à situação de enunciação. O (S2), Davi, manifesta-se como eu no enunciado, responsabilizando-se pelo ato de fala realizado e pelo enunciado em si. Observa-se, de início, também no versículo 1, a presença do vocativo "**ó Deus**", termo solene que se repete por mais três vezes nos versículos 10, 14 e 17; já no versículo 15, temos sua substituição pelo vocativo "**Senhor**". Como se sabe, em geral, os vocativos servem para chamar pessoas e se deixam preceder pela interjeição "ó" na linguagem literária. No salmo, o referido vocativo é usado pelo (S2) para estabelecer contato com o ser superior, quando se dirige ao (S1), o Todo-Poderoso, com muito respeito, para pedir misericórdia e colocar-se como digno de confiança, procedimento que revela a dimensão interlocutiva predominante.

Nesse salmo, a maioria dos verbos apresentam-se no Imperativo Afirmativo e funcionam explicitamente como uma súplica, isto é, como um pedido extremamente desejado do (S2), Davi, ao (S1), dirigido ao interlocutor Divino, como podemos perceber em: "compadece-te e apaga", no versículo 1; "lava-me e purifica-me", no versículo 2; "purifica-me e lava-me", no versículo 7; "faze-me", no versículo 8; "esconde e apaga", no versículo 9; "cria e renova", no versículo 10; "restitui-me e sustenta-me", no versículo 12; "livra-me", no versículo 14; "abre", no versículo 15 e "faze e edifica", no versículo 18. O Imperativo Negativo também se faz presente, como podemos observar nos versículos 11, com "não me repulses, nem me retires", e 16, com "não te comprazes, não te agradas", onde expressam uma solicitação atenuada do (S2).

Além desses verbos empregados no modo Imperativo, apresentam-se também os tempos verbais do mundo comentado. Conforme Fiorin (2001), o presente indica a contemporaneidade entre o evento narrado e o momento da narração, marcado no salmo nos versículos: 3 ("conheço e está"), 4 ("é"), 6 ("comprazes e fazes") e 17 ("são"). Já o pretérito perfeito, sendo retrospectivo, marca uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente, como podemos observar nos versículos: 4 ("pequei e fiz"), 5 ("nasci e concebeu") e 8 ("esmagaste"). O futuro do presente, caracterizado, por sua vez, como prospectivo, indica uma posterioridade do momento do acontecimento em relação a um momento de referência presente, como constatamos nos versículos: 4 ("serás"), 7 ("ficarei"), 13 ("ensinarei e converterão"), 14 ("exaltará"), 15 ("manifestará"), 17 ("desprezarás") e 19 ("agradarás e oferecerão"). Essas formas verbais, além de acentuarem a força argumentativa do discurso desse salmo, reafirmam o comprometimento do enunciador com aquilo que ele enuncia, ao mesmo tempo em que conduzem o enunciatário a uma atitude receptiva e atenta.

Verifica-se, ainda, a marcante reiteração do operador argumentativo "e", usado praticamente em todos os versículos, com exceção do de número 18. Como ensina Koch (1998), o operador "e" soma argumentos a favor de uma mesma conclusão, acrescentando idéias que vão tecendo o salmo. Nos versículos 3 e 16, temos a presença do operador "pois", responsável pelo encadeamento de um novo segmento discursivo cuja função é a de introduzir uma conclusão referente a argumentos apresentados anteriormente nos enunciados, acarretando o efeito de sentido de justificar o enunciado anterior.

No texto em análise, pode ser observado também o emprego estratégico da adjetivação, como nos versículos: 4 ("mau, justo e puro"), 7 ("limpo e alvo"), 10 ("puro e inabalável"), 11 ("santo"), 12 ("voluntário"), 17 ("agradáveis, quebrantado, compungido e contrito"), 18 ("boa") e 19 ("queimadas"). Percebe-se que esses adjetivos se impõem como termos imprescindíveis ao lado do substantivo, descrevendo ou estabelecendo contrastes, comparações ou intensificações de sentido. Portanto, para persuadir e seduzir, o salmo lança mão de estratégias lingüísticas de qualificação e exaltação de algumas das figuras que se encontram presentes no texto. Na seleção vocabular, temos o uso de eufemismos, isto é, de palavras que atenuam os sentidos considerados desagradáveis em certos vocábulos como no versículo 17, onde aparece "quebrantado e contrito", em vez de "debilitado e arrependido"; o mesmo se dá no versículo 7, onde encontramos o emprego de sinônimos que apresentam uma semelhança geral de sentido com as expressões "limpo e alvo".

Destacam-se, nesse salmo, alguns advérbios que chamam a atenção por sua expressividade, como podemos observar nos versículos: 2, em que o modalizador de intensidade "completamente" exprime, de modo perfeito, a natureza do ato; 3, em que "sempre" indica o aspecto durativo contínuo, dando-nos a idéia de movimentação; 4, com "somente" exprimindo limitação; 7, onde o intensificador "mais" estabelece uma relação de superioridade entre o termo comparante "alvo" e o termo comparado "neve"; 13 e 19, onde o

"então" indica concomitância enunciativa, apresentando-se como um operador que denota relação de conclusão, o que vem implícito na oração conseqüente; 16, em que "do contrário" constitui mecanismo argumentativo que, na realidade, não se opõe, mas orienta na mesma direção. Temos também a palavra "eis", presente no versículo 6, considerada advérbio, equivalente a "aquí está", que de acordo com Almeida (1983, p. 332) deveria classificar-se como "palavra que denota designação", pois o "eis" tem força de verbo e rege acusativo, dando-nos uma idéia de grande expressividade.

Constatamos a presença repetitiva de marcas pessoais com o dêitico pessoal "eu", nos versículos 3, 5 e 16, funcionando como a projeção da figura do (S2) em seu discurso. Apresentam-se dois casos de omissão desse mesmo pronome nos versículos 7 e 13, o que ocorre porque as desinências verbais bastam para indicar a pessoa verbal. Encontram-se também os dêiticos pessoais "mim", nos versículos 1, 3 e 10 e "me", nos versículos 2, 5, 6, 7, 8, 11, 12 e 14, que se referem ao (S2), Davi, assim como os dêiticos pessoais "te", nos versículos 1, 6, 16 e 19 e "ti", nos versículos 4 e 13, que representam a figura do interlocutor no discurso. A presença destes dêiticos pessoais confere maior ênfase à necessidade do enunciador de referir pelo discurso e à possibilidade do interlocutor de correferir, ou seja, de interagir com aquilo que lhe é proposto.

Neste texto, apresentam-se os pronomes possessivos em primeira pessoa "meu(s)", nos versículos 2, 3, 9 e 15 e "minha(s)", nos versículos 1, 2, 3, 5, 9, 14 e 15; e em segunda pessoa "teu(s)", nos versículos 4, 11, 13, 15 e 16 e "tua(s)", nos versículos 1, 11, 12, 14 e 18, que concordam com o substantivo, para designar o objeto possuído e, em pessoa, com o possuidor do objeto em causa.

Os procedimentos semânticos do discurso aparecem principalmente na tematização (elementos abstratos) e na figurativização (elementos concretos). Neste salmo, os temas principais são o pecado, a culpa, o arrependimento, a confissão, o pedido de perdão, a

purificação e a promessa retributiva de Davi. Entre as figuras, destacam-se Deus, como o Todo-Poderoso; os pecadores, representados por Davi e pelo povo; os olhos; o hissopo; a neve; os ossos; o coração; o espírito; a boca; Sião; os muros de Jerusalém; o altar e os novilhos.

Considerando-se que os percursos figurativos recobrem percursos temáticos e percursos narrativos, podemos identificar, no salmo analisado, um único quadro cênico, caracterizado num espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido no momento em que o (S2), Davi, havendo pecado, encontra-se completamente arrependido e, carregando um enorme sentimento de culpa, dirige-se ao (S1), Deus, fazendo a confissão de seus pecados e os pedidos de perdão e redenção.

O pecado significa as transgressões aos preceitos religiosos, assim no versículo 1 encontramos "apaga as minhas transgressões", declaração com que o sujeito Davi nos mostra a rebelião aberta contra Deus, palavras com que, conscientemente, declara ter cometido certos atos, mesmo sabendo que estes eram errados, o que causa a separação entre ele e Deus e ocasiona um sentimento de culpa e pesar em relação às injustiças cometidas. O pecado o havia consumado de modo semelhante à dor de um osso quebrado, conforme podemos constatar no versículo 8 ("Faze-me ouvir júbilo e alegria, para que exultem os ossos que esmagaste"). Esse rompimento com Deus se fez sentir na dor física representada pela figura ilustrativa dos ossos, a qual leva Davi a sentir-se como se realmente eles estivessem esmagados. Arrependido, o (S2), Davi, parte em busca de ajuda, ao dirigir-se ao (S1), Deus, e inicia sua confissão, sua declaração de culpabilidade, proclamando sua adesão aos princípios religiosos. Quanto à confissão, podemos ainda destacar que, apesar de Davi possuir os poderes que tinha como rei, sua atitude ao admitir humildemente sua culpa e confessá-la foi um exemplo de coragem e motivação para que muitos pecadores, homens comuns do povo, também confessassem suas culpas, fossem em busca do perdão divino e passassem a seguir

suas vidas com retidão, no caminho do Senhor. A figura de Deus reveste o percurso temático do Senhor todo poderoso, única fonte competente para perdoar, incondicionalmente, todos os pecadores.

Ao ilustrar seu texto com a figura dos "olhos", no versículo 4, o enunciador nos passa a idéia de que os olhos do Senhor estão por toda parte, de que eles conseguem enxergar todas as coisas e nada se pode esconder perante sua face, nem mesmo a maldade.

Davi, músico desde a infância, não conseguia mais apreciar a música devido a seu pecado. Este havia destruído suas canções e sua vida. Para restabelecer seu relacionamento com Deus, ele derrama sua alma partida diante do Senhor, conforme podemos constatar nesse salmo. No versículo 2, Davi pede para ser lavado de suas iniquidades e purificado do seu pecado. O termo hebraico traduzido por lavar tem o sentido de esmagar, referindo a todas as crueldades, perversidades e injustiças cometidas. Já purificar significa perdoar os pecados, tornar-se puro, isto é, imaculado, inocente, através do perdão divino que apaga as transgressões e não as lembra mais. Esse termo encontramos no versículo 7 ("Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve"), por meio das figuras do hissopo e da neve. Hissopo é uma planta medicinal cujo ramo era usado para aspergir o sangue do cordeiro nos umbrais das portas dos israelitas na noite da instituição da páscoa; acreditava-se que, depois de aplicado o sangue, a casa estava protegida do anjo da morte. A neve, é claro, simboliza a purificação, a pureza da alma.

Entre as súplicas de Davi, encontramos a do versículo 10, onde diz "cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável", fazendo menção ao "coração" e ao "espírito". O coração de Davi, centro do sentimento moral, necessitava de renovação e seu espírito, princípio imortal do ser humano, precisava encontrar-se constante, inquebrável, fixo para que sentisse novamente paz em sua vida.

Identifica-se, no versículo 13 ("Então ensinarei aos transgressores os teus caminhos, e os pecadores se converterão a ti"), uma manipulação por tentação, em que o manipulador propõe ao manipulado uma recompensa, revestida em forma de promessa retributiva. Davi, ao dirigir-se a Deus, propõe ensinar aos transgressores o caminho do Senhor, desde que lhe seja concedido o perdão divino.

No versículo 15, temos o enunciado ("Abre, Senhor, os meus lábios, e a minha boca manifestará os teus louvores"), em que a referência da figurativização "boca", entre outras funções, está ligada ao efeito de poder que tem a palavra no discurso religioso. Encontramos em Marcos, no capítulo 13, versículo 31 na Bíblia Sagrada (1993, p. 63): "Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão". A figura tem um sentido denso para a religião, que faz com que a língua seja definida como sendo fogo, atribuindo-se a ela o fato de ser carregada de veneno, considerando-se que nenhum homem seja capaz de domá-la. Com ela, bendizemos ao Senhor como também amaldiçoamos nossos semelhantes. Por isso, Davi pede ao Senhor que, de sua boca apenas procedam palavras de louvor.

Davi, no versículo 18 ("Faze bem a Sião, segundo a tua boa vontade; edifica os muros de Jerusalém"), coloca-se aberto à palavra da profecia, olha para o futuro e pede ao Senhor proteção para a cidade de Sião, conquistada por ele e edificada ao redor para trazer segurança e demonstrar o cuidado que tinha com seu povo. Mais do que o papel social de condutor para a salvação espiritual, coloca-se, assim, na posição daquele que tem igualmente competência enunciativa para apresentar-se como líder pragmático no plano temporal.

O enunciator coloca, no versículo 19, as figuras do "altar e dos novilhos". Quando se refere ao "altar", quer evidenciar um lugar santo, digno de veneração; e, quando fala em "novilhos", atribui a esses animais valores considerados sagrados, os quais eram ofertados a Deus, razão pela qual não deviam ter nenhum defeito físico para que fossem realmente aceitas como oferta.

Finalizando, podemos dizer que, no salmo analisado, depois de se enunciar o problema humano e o grito de um apelo, destaca-se a confissão de Davi e o seu pedido de redenção. Trata-se, portanto, de um salmo de libertação moral, de lamentação pessoal, endereçado diretamente a Deus, com o qual se implora a intercessão Dele para se obter liberdade e defesa.

10.2.1.3 Hinos de Louvor

Os Hinos de Louvor são hinos de gratidão a Deus, nos quais encontramos a exaltação, ou seja, o ato de glorificar e elogiar Deus. Encontram-se no quarto e no quinto livros de salmos, dentre os quais, destacamos os seis salmos que compõem nosso *corpus*: o **SI 101** - Modelo de bom rei, o **SI 103** - A misericórdia de Deus, o **SI 110** - O reino e o sacerdócio do Messias, o **SI 122** - Oração pela paz de Jerusalém, o **SI 139** - Deus onisciente e onipotente e o **SI 145** - A bondade, grandeza e providência de Deus.

A seguir faremos um comentário sobre os seis salmos de louvor e, posteriormente, apresentaremos a análise do SI 139 - Deus onisciente e onipotente, que tão bem caracteriza o Hino de Louvor:

O **SI 101** destina-se aos governadores. Aí, o salmista enuncia os princípios que deveriam nortear seu governo, buscando o caminho da perfeição, escolhendo os amigos com rigoroso cuidado, de modo que corações perversos e pessoas ímpias se afastassem dele; garante que não se relacionaria com pessoas que caluniassem o seu próximo ou que demonstrassem, com seus olhares altivos, coração soberbo.

O **SI 103** traz uma mensagem de louvor generalizado, exprimindo, como nenhum outro, as abundantes misericórdias do Senhor. O salmista quer elevar o nome do

Senhor e enaltecê-lo por sua grandeza, colocando-se, na maioria desses versículos, diante dele por meio da primeira pessoa do singular e utilizando verbos no tempo do presente.

O **SI 110** retrata os reinados tanto do rei terreno quanto do celeste, asseverando que o nosso Rei-sacerdote está à direita de Deus. O salmista fala do Messias como "meu Senhor". A inferência reafirma a divindade do Senhor de modo incontestável, ao enunciar que o cetro do seu poder, o símbolo do seu governo, vai desde Sião até aos últimos limites do espaço e do tempo.

O **SI 122** trata da peregrinação, sendo conhecido também como "Cânticos de Sião". Esse salmo era cantado pelos peregrinos que viajavam a Jerusalém para as três festas religiosas anuais: Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos. O salmista enuncia a alegria de ir à Casa do Senhor, explicitando três razões pelas quais se deve orar pela paz de Jerusalém: para que prosperem os que a amam; os que moram dentro de seus muros são nossos irmãos e amigos; e por estar ali a casa de Deus, edificada para habitação dele.

O **SI 145** retrata a insondável grandeza de Deus e a sua farta provisão. O salmista enuncia: "O Senhor é fiel em todas as suas palavras, e santo em todas as suas obras", enaltece o Senhor dizendo que ele é "grande, benigno, bom, justo, guarda" e ressalta que o principal aspecto de sua obra é a criação e a sustentação de um universo de seres felizes que subsistem por causa do seu amoroso cuidado.

Salmo 139 - Deus onisciente e onipotente

O **SI 139** retrata o infinito conhecimento de Deus e sua presença universal. Ele conhece cada pensamento, cada palavra e cada ato nosso, por isso nada se pode esconder dele. O salmista clama para que Deus nos guie "pelo caminho eterno".

A) A oposição: /onipotência divina/ *versus* /fragilidade humana/

O salmo trabalha com a oposição básica: /onipotência divina/ *versus* /fragilidade humana/. Essa oposição regula e ordena os elementos que aparecem no texto.

B) Os sujeitos do percurso narrativo

No salmo apresenta-se o (S1), SENHOR, como um ser onipotente (que tudo pode), onisciente (que tudo sabe) e onipresente (que está presente em todos os lugares), considerado o Todo-Poderoso, que está acima de tudo e além da compreensão humana. E o (S2), Davi, como um ser cristão que se dirige ao (S1) através de um apelo para que o SENHOR o sonde e olhe para o seu coração a fim de ver como ele realmente é e o guie para o caminho eterno.

O salmo inicia com uma debreagem actancial enunciativa, apresentando, portanto, um discurso em primeira pessoa, marcado pela subjetividade no qual o (S2), Davi, apresenta-se como "eu" dirigindo-se diretamente ao (S1) como podemos observar na maioria dos versículos: 1, 2, 4, 5, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 23, 24, com "me"; 2, 3, 13, 15, 16, 23, com "meu(s)"; 5, 6, 11, 17, 19, 22, 24 com "mim"; 8, 13, 14, com "minha"; 11e 21 com "eu".

Este salmo exemplifica significativamente os Hinos de Louvor, verificamos que em seus versículos, o (S2), Davi, reconhece a onisciência do SENHOR, crê que Ele conhece todos os seus pensamentos, sabe de todas as suas ações antes mesmo de executá-las e é capaz de atendê-lo e guiá-lo ao caminho eterno. Em todo o percurso narrativo, Davi louva ao SENHOR enaltecendo-o, reforçando Sua onipresença, demonstrando toda a sua fé e sua busca ao (Ov), caminho eterno. Encontramos passagens que descrevem simbolicamente o

(S1) como tendo membros semelhantes aos dos seres humanos: ouvidos, olhos, braços e outros. Essas expressões são usadas para nos dar maior clareza, a fim de ajudar a visualizar uma aparência. Com essas expressões, as Escrituras têm em mente as propriedades espirituais correspondentes de Deus, como por exemplo: os ouvidos e os olhos simbolizam Sua orientação e direção para tudo (onisciente), as mãos e os braços simbolizam Seu poder de realizar tudo (onipotência) e o coração representa Seu amor.

Reconhecemos novamente dois percursos, um direcionado explicitamente ao SENHOR, através do uso dos vocativos: "SENHOR" nos versículos 1, 4 e 21 e "ó Deus" nos versículos 17, 19 e 23, e outro direcionado implicitamente ao povo, esperando que este faça o esperado, isto é, que sintam-se seduzidos e vá em busca do (Ov), caminho eterno.

O discurso instaura um agora, momento da enunciação, pois a maioria dos verbos apresentam-se no presente, marcando uma coincidência entre o momento do acontecimento e o momento de referência, como podemos observar nos versículos: 1 ("sondas, conheces"), 2 ("assento, levanto, penetras"), 3 ("esquadrinhas, conheces"), 4 ("conheces"), 5 ("cercas, pões"), 6 ("é, posso"), 8 ("subo, estás, faço"), 9 ("tomo, detenho"), 11 ("digo"), 12 ("são"), 14 ("dou, são, sabe"), 17 ("são, é"), 18 ("excedem"), 20 ("rebelam, falam"), 21 ("aborreço, aborrecem, abomino, levantam"), 22 ("aborreço-os, são") e 24 ("há").

Encontram-se verbos no futuro do presente que indicam uma posterioridade ao momento do acontecimento em relação a um momento de referência presente, nos versículos: 7 ("ausentarei, fugirei"), 10 ("haverá, susterá"), 11 ("encobrirão, fará") e 12 ("serão"). Identificamos verbos empregados no pretérito perfeito, marcando uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente, nos versículos: 13 ("formaste, teceste"), 14 ("formaste"), 15 ("foram, fui") e 16 ("viram, foram").

Destacam-se também os verbos empregados no imperativo afirmativo nos versículos: 19 ("apartai-vos"), 23 ("sonda-me, conhece, prova-me") e 24 ("vê, guia-me").

Temos ainda o emprego do pretérito imperfeito no versículo 16 ("havia"), a ocorrência de pretérito do subjuntivo no versículo 18 ("contasse") e o uso do futuro do pretérito no versículo 18 ("contaria").

C) A discursividade do salmo bíblico

No nível discursivo identificamos seis momentos enunciativos: a onisciência de Deus, a onipresença de Deus, o poder de criação de Deus, os pensamentos de Deus e os do enunciador, o antagonismo dos santos ao mal e o retorno a onisciência.

Num primeiro momento, o salmista dirige-se ao SENHOR referindo-se a Sua onisciência, como podemos ver nos versículos de 1 a 6. Davi recorre a verbos como "assentar" e "levantar" no versículo 2 para indicar momentos de sua vida. Usa "assentar" quando quer se referir aos períodos de cansaço, de falha e de deficiência. Quando quer falar sobre seus momentos mais fortes, mais felizes e mais santos usa "levantar". No versículo 5 encontramos "por trás", "sobre mim" e "por diante" dando-nos a idéia de passado, presente e futuro ao lado do SENHOR, pois Ele coloca sobre o (S2), Davi, a Sua mão protegendo-o e defendendo-o de todos os perigos.

No versículo 7 inicia-se a segunda cena enunciativa e estende-se até o versículo 12, na qual encontramos a onipresença de Deus. Nesse sentido, observamos que é impossível fugir Dele. Certamente, essa idéia é terrível para aqueles sujeitos que não se encontram em paz com Ele, mas agradável para os que o amam.

Evidencia-se, como um terceiro momento, o poder de criação de Deus com o versículo 13 ("Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe").

Nenhuma mente finita pode compreender completamente a existência, o poder, a sabedoria ou as obras do Ser infinito. Todavia as obras da criação testificam o poder da grandeza de Deus.

Num quarto momento encontram-se os pensamentos de Deus e os do enunciador nos versículos de 14 a 18. No versículo 14, dá-se graças ao poder criativo de Deus. Já nos versículos 15 e 16, o enunciador fala do princípio da vida descrevendo a formação da natureza física. Nos versículos 17 e 18 enuncia-se o valor positivo e infinito dos pensamentos de Deus.

Com os versículos 19 a 22 identificamos a quinta cena enunciativa que nos mostra o antagonismo dos santos ao mal. Quanto mais eles meditam nos preciosos pensamentos de Deus, mais desejam ser libertos da tirania do mal, quer seja o mal praticado pelos perversos, ou o mal do interior do coração.

O salmo encerra com a retomada do primeiro momento glorificando a onisciência divina e o apelo do enunciador clamando para que Deus guie-o "pelo caminho eterno", como podemos constatar nos versículos 23 e 24.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário afirmar, ao final desta pesquisa, nossa consciência de não ter respondido a todas as questões em torno do assunto trabalhado, ou seja, aqueles relativos à enunciação de salmos bíblicos. Mesmo assim, entretanto, não é demais ressaltar-se que, ao longo da mesma, procuramos registrar enfoques importantes que pudessem, de alguma forma, vir a contribuir para esse intento.

Nossa pesquisa começa com o estudo dos referenciais teóricos da Análise do Discurso, da Enunciação e da Semiótica, que nos dão subsídios para a busca dos objetivos propostos, quais sejam, os de: identificar os efeitos de sentido criados pelas marcas enunciativas, investigar o jogo da interlocução entre enunciador e enunciatário, examinar os mecanismos internos e externos, delimitando o contexto histórico-social da enunciação e a formação ideológica. Vimos que a AD trata do discurso, isto é, da prática da linguagem, das condições de produção, das formações discursivas e ideológicas, buscando explicar os caminhos da criação dos significados e compreender a significação da língua, sendo uma das principais funções do analista do discurso descobrir os efeitos de sentido das palavras e das frases, dentro do processo sócio-histórico em que são produzidas, considerando a formação ideológica correspondente às diferentes classes sociais a que o texto remete e aos compromissos enunciativos subjacentes. A Enunciação apresenta-se como a manifestação explícita do enunciado. Já a Semiótica faz julgamentos sobre o ser e suas relações com os objetos semióticos, instaurando noções de querer, dever, poder e saber, e examina internamente a construção do texto, levando em conta seu percurso gerativo para explicar os sentidos que o mesmo produz.

Destacamos a faculdade humana de acreditar em um ser superior que contribui para explicar a importância do Discurso Religioso na vida social da humanidade por

sua grande força persuasiva e possibilidade de invadir a intimidade, alterando e produzindo comportamentos que repercutem direta e indiretamente na vida privada e pública do homem.

Continuamos nosso percurso realizando um estudo sobre a discursividade religiosa. Enfocamos primeiramente o Livro Sagrado, fazendo comentários sobre suas diversas traduções e funções. Num segundo momento, caracterizamos o Discurso Religioso enquanto discurso institucional, como tendo caráter monossêmico, por colocar impedimentos à possibilidade de resposta, bem como seu aspecto também persuasivo, face à intencionalidade de convencimento que apresenta. Além disso, destacamos suas principais propriedades, quais sejam: a de apresentar o sujeito reprodutor de seu discurso como *tu*, que se representa por um pregador que se transforma em mero receptor, assim como a de mostrar uma assimetria entre os planos espiritual e temporal e também a não-reversibilidade. A seguir, apresentamos as marcas mais relevantes desse discurso, destacando-se o uso de antítese e o mecanismo da negação. Finalizamos esse segundo capítulo falando sobre a ideologia religiosa que se encaminha aos indivíduos para convertê-los em sujeitos.

No terceiro capítulo, fizemos uma abordagem da divisão e da classificação dos Salmos Bíblicos, descrevendo a localização de nosso *corpus* de análise. Dando seqüência ao estudo, realizamos uma pesquisa sobre a época em que foram escritos os salmos e colocamos alguns dos aspectos relevantes sobre a civilização hebraica, a vida e as idéias dominantes nos Salmos Bíblicos de Davi.

Acrescentamos a relevância da figura de Davi como homem público, segundo o coração de Deus, que não teve medo de verbalizar seu amor por Ele, num período histórico em que estado e religião eram inseparáveis.

No quarto capítulo, analisamos os Salmos Bíblicos. Primeiramente, enfocando o funcionamento dos procedimentos lingüísticos aí presentes e os efeitos de sentido decorrentes. Verificou-se, então, o predomínio do vocativo, recurso utilizado pelo

salmista para estabelecer contato com o Senhor Deus e do imperativo, que serve para indicar um apelo aos interlocutores: Deus e povo. Destacamos, a seguir, o uso da antítese e dos articuladores textuais que direcionam a argumentatividade que recai sobre a interpretação do enunciatário. Num segundo momento, analisamos os procedimentos discursivos, diferenciando, inicialmente, texto de discurso e enunciação de enunciado. Entendemos por texto um conjunto de frases com unidade semântica, e por discurso uma significação mais ampla por requerer conhecimentos ideológicos que se estabelecem em instância superior ao texto. A enunciação é vista como o ato da produção, da manifestação explícita do enunciado e este apresenta-se como o resultado de uma enunciação. Em seguida, enfocamos os percursos gerativos de sentido e a importância dos três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. O nível fundamental é visto como a base geradora da significação primordial do texto; no nível fundamental, definem-se as estruturas profundas de valores relacionados a um indivíduo ou a uma sociedade; por meio disso, ressaltamos as condições da existência dos objetos semióticos. O nível narrativo, esquema organizador da narrativa, configura-se a partir do enriquecimento da estrutura profunda. No nível narrativo, as estruturas de superfície integram uma gramática semiótica que determina, em forma discursiva, os conteúdos capazes de manifestação. O nível discursivo é a última instância do percurso de geração de sentido, que particulariza e distingue os textos. No nível discursivo, as estruturas de manifestação dão origem e constituem as bases dos significantes.

Para finalizar nosso estudo, analisamos os três conteúdos temáticos encontrados nos Salmos Bíblicos: Cânticos de Adoração, Hinos de Interesse Nacional e Hinos de Louvor. Pelo seu estudo, foi possível determinar a orientação de sentidos existentes nos salmos, como também revelar os mecanismos discursivos envolvidos no processo de persuasão predominante neles. Os primeiros destinam-se a manifestar diferentes formas de adoração a Deus, os segundos revelam estados de crise e conflitos humanos e os terceiros

dirigem louvores ao Senhor. Apesar dessa divisão dos conteúdos temáticos, percebemos que se repete nos Salmos Bíblicos um duplo percurso gerativo de sentido: uma enunciação direcionada diretamente ao Sujeito Deus em busca da vida eterna; e outra direcionada ao sujeito povo como um modelo a ser seguido para que se obtenha o objeto valor sagrado.

Como resultado da realização da pesquisa, podemos dizer que os Salmos Bíblicos, apesar de representarem uma das modalidades discursivas do Discurso Religioso, não se apresentam como uma forma autoritária de discurso. Contém em sua produção, entretanto, uma carga de sentidos que expressa a intencionalidade de um enunciador que manipula, através da sedução, os seus enunciatários, tentando convencê-los a querer, saber, poder, fazer, dever e ter, voltando-se para objetos de valor como "proteção, perdão e vida eterna".

Esperamos, com o trabalho aqui exposto, que essa pesquisa venha a contribuir aos estudos lingüísticos e as áreas correlatas de influência, como a Religião, a História, a Filosofia, a Sociologia e a Psicanálise.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA SAGRADA - Antigo e Novo Testamento - Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- ABADÍA, José Pedro Tosaus. *A bíblia como literatura*; tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia de estudo das profecias*. Belo Horizonte: Atos, 2001.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 32. ed. São Paulo: Saraiva, 1983.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro; introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*; tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História geral: antiga e medieval*. v. 1. São Paulo: FTD, 1997.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1993. (Coleção Pesquisas).
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia?* 2. ed. ver. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos; 13).
- CHOURAQUI, André. *Os homens da bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 15. ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios, 17).
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Editora Quíron, 1976.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DANTAS e MOREIRA, José Maria de Souza; Almir. *Língua(guem), literatura e comunicação*. Rio de Janeiro: F. Alves Editora S.A., 1974.
- DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

FIORIN, José Luiz *Linguagem e ideologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001. (Série Princípios, 137).

_____. *Elementos de análise do discurso*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2000. (Repensando a Língua Portuguesa).

_____. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6. ed. São Paulo: Forense, 2002.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*; tradução de Isa Mara Lando; revisão técnica e apêndice de Antônio Flavio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 7. ed. Rio de Janeiro: Instituto de Documentação Editora Fundação Getúlio Vargas, 1978.

GEORGE, Jim. *Um homem segundo o coração de Deus*; tradução de Maria Emília de Oliveira. Campinas, SP: Editora United Press, 2003.

GIRARD, Marc. *Como ler o livro dos salmos: espelho da vida do povo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

GREIMAS, Julien Algirdas. *Sobre o sentido*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

_____; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1978.

GRIGOLETTO, Evandra. *Sob o rótulo do novo, a presença do velho: análise do funcionamento da repetição e das relações divino/temporal no discurso da renovação carismática católica*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. *Argumentação e linguagem*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LELLO, José; LELLO, Edgar. *Dicionário prático ilustrado*. Edição atualizada. v. 3; Porto: Editora Lello e Irmãos, 1962.

LOPES, Edward. *Discurso, texto e significação: uma teoria do interpretante*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

_____. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*; tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MEYER, F. B. *Comentário bíblico devocional: velho testamento*. Venda Nova, MG: Editora Betânia, 1993.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina.(org.). Análise do discurso. In: _____. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2, p. 101- 142.

OLIVEIRA, Esther Gomes de. *Elementos enunciativos textuais: análise de um conto de Judith Grossmann*. 1991. 189 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas: Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2002.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*; tradução de Eni Pulcinelli Orlandi [et al.], 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

PETIT, Paul. *História antiga*. São Paulo: Difel, 1980.

PLATÃO, Francisco Savioli; FIORIN, José Luiz. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

QUEIROZ, Dom Antônio Celso de. *Sabedoria e poesia do povo de Deus*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SOCIEDADE BRASILEIRA BÍBLICA. Disponível em: <<http://www.ssb.org.br.html>> 2003. Google - Pesquisando páginas na web. Acesso em: 27 jul. 2003.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

WEINRICH, Harald. (1964) *Tempus. Besprochene und Erzähite Welt*. Trad. esp. Ed Gredos, Madrid, 1968.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

A BÍBLIA SAGRADA - Antigo e Novo Testamento - Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ABADÍA, José Pedro Tosaus. *A bíblia como literatura*; tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 6. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia de estudo das profecias*. Belo Horizonte: Atos, 2001.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 32. ed. São Paulo: Saraiva, 1983.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro; introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso: história e literatura*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios, 246).

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*; tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARBOSA, Pedro Luis Navarro. O discurso político da religião: um estudo introdutório da ideologia religiosa cristã. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ, 9., 1995, Umuarama. Anais. Londrina: Ed. UEL, 1996, p. 40-46.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

_____; FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*; tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

_____. *Problemas de lingüística geral II*; tradução de Eduardo Guimarães ... [et al.]; revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História geral: antiga e medieval*. v. 1. São Paulo: FTD, 1997.

BRAITH, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1993. (Coleção Pesquisas).

BURNS, Edward McNall. *História da Civilização Ocidental*. Tradução de Lourival Gomes Machado, Lourdes Santos Machado e Leonel Vallandro. 23. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

CADERNOS DE LINGUAGEM E SOCIEDADE. Brasília, DF: Thesaurus Editora de Brasília Ltda. v. 3, n. 1, 1997.

CHABROL, C.; MARIN, L. *Semiótica narrativa dos textos bíblicos*; tradução de Katia Hakim Chalita; revisão técnica de Aluizio Ramos Trinta. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1980.

CHALHUB, Samira. *Funções da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2001. (Série Princípios, 119).

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia?* 2. ed. ver. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos, 13).

CHOURAQUI, André. *Os homens da bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 15. ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios, 17).

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Editora Quíron, 1976.

COURTÉS, Joseph. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1979.

DANTAS e MOREIRA, José Maria de Souza; Almir. *Língua(guem), literatura e comunicação*. Rio de Janeiro: F. Alves Editora S.A., 1974.

DIJK, Teun Adrianus Van. *Cognição, discurso e interação*; (org. e apresentação de Ingedore V. Koch) 4. ed. São Paulo: Contexto, 2002. (Caminhos da Lingüística).

DUCROT, Oswald. *Dizer e não dizer: princípios de lingüística semântica*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 15. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.

_____. *Tratado geral de semiótica*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FIORIN, José Luiz *Linguagem e ideologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001. (Série Princípios, 137).

_____. *Elementos de análise do discurso*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2000. (Repensando a Língua Portuguesa).

_____. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____; PLATÃO, Francisco Savioli. *Para entender o texto: leitura e redação*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6. ed. São Paulo: Forense, 2002.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*; tradução de Isa Mara Lando; revisão técnica e apêndice de Antônio Flavio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GADET, F e HAK, T (org.) *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1993.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 7. ed. Rio de Janeiro: Instituto de Documentação Editora Fundação Getúlio Vargas, 1978.

GEORGE, Jim. *Um homem segundo o coração de Deus*; tradução de Maria Emília de Oliveira. Campinas, SP: Editora United Press, 2003.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GIRARD, Marc. *Como ler o livro dos salmos: espelho da vida do povo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

GREGOLIN, Maria do Rosário V. (org.) *Filigranas do discurso: as vozes da história*. Araraquara: FCL / Laboratório Editorial / UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000.

_____; BARONAS, Roberto (orgs.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos, SP: Claraluz, 2001.

GREIMAS, Julien Algirdas. *Sobre o sentido*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

_____; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1978.

GRIGOLETTO, Evandra. *Sob o rótulo do novo, a presença do velho: análise do funcionamento da repetição e das relações divino/temporal no discurso da renovação carismática católica*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2003.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

_____. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1990.

KAUFMANN, Yehezkel. *A religião de Israel: do início ao exílio babilônico*; tradução de Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo: Associação Universitária de Cultura Judaica, 1989. (Coleção Estudos; v. 114).

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 4. ed.. São Paulo: Contexto, 1998. . (Repensando a Língua Portuguesa).

_____. *A coesão textual*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 1999. (Repensando a Língua Portuguesa).

_____. *Argumentação e linguagem*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____; FÁVERO, Leonor Lopes. *Linguística textual: uma introdução*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Série Gramática Portuguesa na Pesquisa e no Ensino; 9).

_____; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999. (Biblioteca da Educação - Série 5 - Estudos de Linguagem; 4).

_____; _____. *A coerência textual*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 1999. (Repensando a Língua Portuguesa).

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*; tradução de Maria Fausta P. de Castro; com um posfácio de Oswald Ducrot. Campinas, SP: Unicamp, 1992. (Coleção Repertórios).

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. *Normas da ABNT: comentadas para trabalho científicos*. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2003.

LELLO, José; LELLO, Edgar. *Dicionário prático ilustrado*. Edição atualizada. v. 3; Porto: Editora Lello e Irmãos, 1962.

LOPES, Edward. *Discurso, texto e significação: uma teoria do interpretante*. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 3. ed. Porto Alegre, RS: Globo, 1979.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*; tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*; tradução de Freda Indurski; revisão dos originais da tradução de Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. *Os termos-chave da análise do discurso*. Lisboa: Gradiva, 1997.

MEYER, F. B. *Comentário bíblico devocional: velho testamento*. Venda Nova, MG: Editora Betânia, 1993.

MÜLLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. *Normas e padrões para teses, dissertações e monografias*. 5. ed. atual. Londrina: Eduel, 2003.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina.(org.). *Análise do discurso*. In: _____. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2, p. 101- 142.

NASCIMENTO, Edna Maria F. S. ; LEONEL, Maria Célia. Campo lexical, modalização e massificação do discurso religioso. *Revista ANPOLL*, São Paulo, 2001, n. 10, p. 101-120, jan./jun.2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Esther Gomes de. *Elementos enunciativos textuais: análise de um conto de Judith Grossmann*. 1991. 189 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas: Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2002.

_____. (org.). *Palavra, fé, poder*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. *As ilusões na (da) linguagem, Foucault vivo*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*; tradução de Eni Pulcinelli Orlandi [et al.], 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*; tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*; tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PETIT, Paul. *História antiga*. São Paulo: Difel, 1980.

PILETTI & PILETTI, Nelson e Claudino. *História e vida - da Pré-História à Idade Média*.v. 3. São Paulo: Ática, 1995.

PLATÃO, Francisco Savioli; FIORIN, José Luiz. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Para entender o texto: leitura e redação*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1999.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Texto e linguagem).

_____. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba, PR: Criar Edições Ltda, 2002.

QUEIROZ, Dom Antônio Celso de. *Sabedoria e poesia do povo de Deus*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

RENZO, Ana Maria Di [et al.]. *Sociedade e discurso*. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.

ROCHA, Regina. *A enunciação dos provérbios: descrições em francês e português*. São Paulo: ANNABLUME, 1995. (Coleção Timbre; 1).

SANTOS, Leonor Werneck. *Discurso, coesão e argumentação*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

SOCIEDADE BRASILEIRA BÍBLICA. Disponível em: <<http://www.ssb.org.br.html>> 2003. Google - Pesquisando páginas na web. Acesso em: 27 jul. 2003.

TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: HUCITEC, 1980. (Coleção Linguagem).

WEINRICH, Harald. (1964) *Tempus. Besprochene und Erzähite Welt*. Trad. esp. Ed Gredos, Madrid, 1968.

ANEXOS

ANEXO A – SL. 15 – O CIDADÃO DOS CÉUS

1 Quem, SENHOR, habitará
no teu tabernáculo?
Quem há de morar no teu santo monte?

2 O que vive com integridade,
e pratica a justiça,
e, de coração, fala a verdade;

3 o que não difama com sua língua,
não faz mal ao próximo,
nem lança injúria contra o seu vizinho;

4 o que, a seus olhos,
tem por desprezível ao réprobo,
mas honra aos que temem ao SENHOR;
o que jura com dano próprio
e não se retrata;

5 o que não empresta o seu dinheiro
com usura,
nem aceita suborno contra o inocente.
Quem deste modo procede
não será jamais abalado.

ANEXO B – SL. 19 – A EXCELÊNCIA DA CRIAÇÃO E DA PALAVRA DE DEUS

1 Os céus proclamam a glória de Deus,
e o firmamento anuncia as obras
das suas mãos.

2 Um dia discursa a outro dia,
e uma noite revela conhecimento
a outra noite.

3 Não há linguagem, nem há palavras,
e deles não se ouve nenhum som;

4 no entanto, por toda a terra
se faz ouvir a sua voz,
e as suas palavras,
até aos confins do mundo.

5 Aí, pôs uma tenda para o sol,
o qual, como noivo
que sai dos seus aposentos,
se regozija como herói,
a percorrer o seu caminho.

6 Principia numa extremidade dos céus,
e até à outra vai o seu percurso;
e nada refoge ao seu calor.

7 A lei do SENHOR é perfeita
e restaura a alma;
o testemunho do SENHOR é fiel
e dá sabedoria aos símplices.

8 Os preceitos do SENHOR são retos
e alegam o coração;
o mandamento do SENHOR é puro
e ilumina os olhos.

9 O temor do SENHOR é límpido
e permanece para sempre;
os juízos do SENHOR são verdadeiros
e todos igualmente, justos.

10 São mais desejáveis do que ouro,
mais do que muito ouro depurado;
e são mais doces do que o mel
e o destilar dos favos.

11 Além disso, por eles

se admoesta o teu servo;
em os guardar, há grande recompensa.

12 Quem há que possa discernir
as próprias faltas?
Absolve-me das que me são ocultas.

13 Também da soberba guarda o teu servo,
que ela não me domine;
então, serei irrepreensível
e ficarei livre de grande transgressão.

14 As palavras dos meus lábios
e o meditar do meu coração
sejam agradáveis na tua presença,
SENHOR, rocha minha e redentor meu!

ANEXO C – SL. 23 – O SENHOR É O MEU PASTOR

1 O SENHOR é o meu pastor;
nada me faltará.

2 Ele me faz repousar
em pastos verdejantes.
Leva-me para junto
das águas de descanso;

3 refrigera-me a alma.
Guia-me pelas veredas da justiça
por amor do seu nome.

4 Ainda que eu ande
pelo vale da sombra da morte,
não temerei mal nenhum,
porque tu estás comigo;
o teu bordão e o teu cajado
me consolam.

5 Preparas-me uma mesa
na presença dos meus adversários,
unges-me a cabeça com óleo;
o meu cálice transborda.

6 Bondade e misericórdia
certamente me seguirão
todos os dias da minha vida;
e habitarei na Casa do SENHOR
para todo o sempre.

ANEXO D – SL. 37 – TEMPORÁRIA, A FELICIDADE DOS PERVERSOS

1 Não te indignes
por causa dos malfeitores,
nem tenhas inveja
dos que praticam a iniquidade.

2 Pois eles dentro em breve
definharão como a relva
e murcharão como a erva verde.

3 Confia no SENHOR e faze o bem;
habita na terra e alimenta-te da verdade.

4 Agrada-te do SENHOR,
e ele satisfará os desejos do teu coração.

5 Entrega o teu caminho ao SENHOR,
confia nele, e o mais ele fará.

6 Fará sobressair a tua justiça como a luz
e o teu direito, como o sol ao meio-dia.

7 Descansa no SENHOR e espera nele,
não te irrites por causa do homem
que prospera em seu caminho,
por causa do que leva a cabo
os seus maus desígnios.

8 Deixa a ira, abandona o furor;
não te impacientes;
certamente, isso acabará mal.

9 Porque os malfeitores
serão exterminados,
mas os que esperam no SENHOR
possuirão a terra.

10 Mais um pouco de tempo,
e já não existirá o ímpio;
procurarás o seu lugar e não o acharás.

11 Mas os mansos herdarão a terra
e se deleitarão na abundância de paz.

12 Trama o ímpio contra o justo
e contra ele ringe os dentes.

13 Rir-se-á dele o Senhor,
pois vê estar-se aproximando o seu dia.

14 Os ímpios arrancam da espada
e distendem o arco
para abater o pobre e necessitado,
para matar os que trilham
o reto caminho.

15 A sua espada, porém,
lhes traspassará o próprio coração,
e os seus arcos serão espedaçados.

16 Mais vale o pouco do justo
que a abundância de muitos ímpios.

17 Pois os braços dos ímpios
serão quebrados,
mas os justos, o SENHOR os sustém.

18 O SENHOR conhece os dias dos íntegros;
a herança deles permanecerá
para sempre.

19 Não serão envergonhados
nos dias do mal
e nos dias da fome se fartarão.

20 Os ímpios, no entanto, perecerão,
e os inimigos do SENHOR
serão como o viço das pastagens;
serão aniquilados
e se desfarão em fumaça.

21 O ímpio pede emprestado e não paga;
o justo, porém, se compadece e dá.

22 Aqueles a quem o SENHOR abençoa
possuirão a terra;
e serão exterminados
aqueles a quem amaldiçoa.

23 O SENHOR firma os passos
do homem bom
e no seu caminho se compraz;

24 se cair, não ficará prostrado,
porque o SENHOR o segura pela mão.

25 Fui moço e já, agora, sou velho,

porém jamais vi o justo desamparado,
nem a sua descendência
a mendigar o pão.

26 É sempre compassivo e empresta,
e a sua descendência será uma bênção.

27 Aparta-te do mal e faze o bem,
e será perpétua a tua morada.

28 Pois o SENHOR ama a justiça
e não desampara os seus santos;
serão preservados para sempre,
mas a descendência dos ímpios
será exterminada.

29 Os justos herdarão a terra
e nela habitarão para sempre.

30 A boca do justo profere a sabedoria,
e a sua língua fala o que é justo.

31 No coração, tem ele a lei do seu Deus;
os seus passos não vacilarão.

32 O perverso espreita ao justo
e procura tirar-lhe a vida.

33 Mas o SENHOR não o deixará
nas suas mãos,
nem o condenará quando for julgado.

34 Espera no SENHOR, segue o seu caminho,
e ele te exaltará para possuíres a terra;
presenciarás isso quando os ímpios
forem exterminados.

35 Vi um ímpio prepotente
a expandir-se qual cedro do Líbano.

36 Passei, e eis que desaparecera;
procurei-o, e já não foi encontrado.

37 Observa o homem íntegro
e atenta no que é reto;
porquanto o homem de paz
terá posteridade.

38 Quanto aos transgressores,
serão, à uma, destruídos;

a descendência dos ímpios
será exterminada.

39 Vem do SENHOR a salvação dos justos;
ele é a sua fortaleza no dia da tribulação.

40 O SENHOR os ajuda e os livra;
livra-os dos ímpios e os salva,
porque nele buscam refúgio.

ANEXO E – SL. 41 – A CALÚNIA DOS INIMIGOS E O SOCORRO DE DEUS

1 Bem-aventurado o que acode
ao necessitado;
o SENHOR o livra no dia do mal.

2 O SENHOR o protege, preserva-lhe a vida
e o faz feliz na terra;
não o entrega à discrição
dos seus inimigos.

3 O SENHOR o assiste
no leito da enfermidade;
na doença, tu lhe afofas a cama.

4 Disse eu: compadece-te de mim, SENHOR;
sara a minha alma,
porque pequei contra ti.

5 Os meus inimigos falam mal de mim:
Quando morrerá e lhe perecerá o nome?

6 Se algum deles me vem visitar,
diz cousas vãs,
amontoando no coração malícias;
em saindo, é disso que fala.

7 De mim rosnam à uma
todos os que me odeiam;
engendram males contra mim, dizendo:

8 Peste maligna deu nele, e: Caiu de cama,
já não há de levantar-se.

9 Até o meu amigo íntimo,
em quem eu confiava,
que comia do meu pão,
levantou contra mim o calcanhar.

10 Tu, porém, SENHOR,
compadece-te de mim
e levanta-me, para que eu lhes pague
segundo merecem.

11 Com isto conheço
que tu te agradas de mim:
em não triunfar contra mim
o meu inimigo.

12 Quanto a mim, tu me susténs
na minha integridade
e me pões à tua presença para sempre.

13 Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel,
da eternidade para a eternidade!
Amém e amém!

ANEXO F – SL. 51 – CONFISSÃO E ARREPENDIMENTO

1 Compadece-te de mim, ó Deus,
segundo a tua benignidade;
e, segundo a multidão
das tuas misericórdias,
apaga as minhas transgressões.

2 Lava-me completamente
da minha iniquidade
e purifica-me do meu pecado.

3 Pois eu conheço as minhas transgressões,
e o meu pecado
está sempre diante de mim.

4 Pequei contra ti, contra ti somente,
e fiz o que é mau perante os teus olhos,
de maneira que serás tido por justo
no teu falar
e puro no teu julgar.

5 Eu nasci na iniquidade,
e em pecado me concebeu minha mãe.

6 Eis que te comprazes na verdade
no íntimo
e no recôndito me fazes conhecer
a sabedoria.

7 Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo;
lava-me, e ficarei mais alvo que a neve.

8 Faze-me ouvir júbilo e alegria,
para que exultem os ossos que esmagaste.

9 Esconde o rosto dos meus pecados
e apaga todas as minhas iniquidades.

10 Cria em mim, ó Deus, um coração puro
e renova dentro de mim
um espírito inabalável.

11 Não me repulses da tua presença,
nem me retires o teu Santo Espírito.

12 Restitui-me a alegria da tua salvação
e sustenta-me com um espírito voluntário.

13 Então, ensinarei aos transgressores
os teus caminhos,
e os pecadores se converterão a ti.

14 Livra-me dos crimes de sangue, ó Deus,
Deus da minha salvação,
e a minha língua exaltará a tua justiça.

15 Abre, Senhor, os meus lábios,
e a minha boca manifestará
os teus louvores.

16 Pois não te comprazes em sacrifícios;
do contrário, eu tos daria;
e não te agradas de holocaustos.

17 Sacrifícios agradáveis a Deus
são o espírito quebrantado;
coração compungido e contrito,
não o desprezarás, ó Deus.

18 Faze bem a Sião,
segundo a tua boa vontade;
edifica os muros de Jerusalém.

19 Então, te agradarás
dos sacrifícios de justiça,
dos holocaustos e das ofertas queimadas;
e sobre o teu altar se oferecerão novilhos.

ANEXO G – SL. 54 – APELO PARA O SOCORRO DIVINO

1 Ó Deus, salva-me, pelo teu nome,
e faze-me justiça, pelo teu poder.

2 Escuta, ó Deus, a minha oração,
dá ouvidos às palavras da minha boca.

3 Pois contra mim se levantam
os insolentes,
e os violentos procuram tirar-me a vida;
não têm Deus diante de si.

4 Eis que Deus é o meu ajudador,
o SENHOR é quem me sustenta a vida.

5 Ele retribuirá o mal aos meus opressores;
por tua fidelidade dá cabo deles.

6 Oferecer-te-ei voluntariamente sacrifícios;
louvarei o teu nome, ó SENHOR,
porque é bom.

7 Pois me livrou de todas as tribulações;
e os meus olhos se enchem
com a ruína dos meus inimigos.

ANEXO H – SL. 60 – ORAÇÃO EM TEMPOS DE GUERRA

1 Ó Deus, tu nos rejeitaste
e nos dispersaste;
tens estado indignado;
oh! Restabelece-nos!

2 Abalaste a terra, fendeste-a;
repara-lhe as brechas,
pois ela ameaça ruir.

3 Fizeste o teu povo experimentar reveses
e nos deste a beber vinho que atordoa.

4 Deste um estandarte aos que te temem,
para fugirem de diante do arco.

5 Para que os teus amados sejam livres,
salva com a tua destra e responde-nos.

6 Falou Deus na sua santidade:
Exultarei; dividirei Siquém
e medirei o vale de Sucote.

7 Meu é Gileade, meu é Manassés;
Efraim é a defesa de minha cabeça;
Judá é o meu cetro.

8 Moabe, porém, é a minha bacia de lavar;
sobre Edom atirarei a minha sandália;
sobre a Filístia jubilarei.

9 Quem me conduzirá à cidade fortificada?
Quem me guiará até Edom?

10 Não nos rejeitaste, ó Deus?
Tu não sais, ó Deus,
com os nossos exércitos!

11 Presta-nos auxílio na angústia,
pois vão é o socorro do homem.

12 Em Deus faremos proezas,
porque ele mesmo calca aos pés
os nossos adversários.

ANEXO I – SL. 63 – BUSCANDO A DEUS

1 Ó Deus, tu és o meu Deus forte;
eu te busco ansiosamente;
a minha alma tem sede de ti;
meu corpo te almeja,
como terra árida, exausta, sem água.

2 Assim, eu te contemplo no santuário,
para ver a tua força e a tua glória.

3 Porque a tua graça é melhor do que a vida;
os meus lábios te louvam.

4 Assim, cumpre-me bendizer-te
enquanto eu viver;
em teu nome, levanto as mãos.

5 Como de banha e de gordura
farta-se a minha alma;
e, com júbilo nos lábios,
a minha boca te louva,

6 no meu leito, quando de ti me recordo
e em ti medito, durante a vigília da noite.

7 Porque tu me tens sido auxílio;
à sombra das tuas asas, eu canto jubiloso.

8 A minha alma apega-se a ti;
a tua destra me ampara.

9 Porém os que me procuram a vida
para a destruir
abismar-se-ão nas profundezas da terra.

10 Serão entregues ao poder da espada
e virão a ser pasto dos chacais.

11 O rei, porém, se alegra em Deus;
quem por ele jura gloriar-se-á,
pois se tapará a boca
dos que proferem mentira.

ANEXO J – SL. 69 – O LAMENTO DO MESSIAS

1 Salva-me, ó Deus,
porque as águas me sobem
até a alma.

2 Estou atolado em profundo lamaçal,
que não dá pé;
estou nas profundezas das águas,
e a corrente me submerge.

3 Estou cansado de clamar,
secou-se-me a garganta;
os meus olhos desfalecem
de tanto esperar por meu Deus.

4 São mais que os cabelos de minha cabeça
os que, sem razão, me odeiam;
são poderosos os meus destruidores,
os que com falsos motivos
são meus inimigos;
por isso, tenho de restituir
o que não furtei.

5 Tu, ó Deus, bem conheces
a minha estultice,
e as minhas culpas não te são ocultas.

6 Não sejam envergonhados
por minha causa os que esperam em ti,
ó SENHOR, Deus dos Exércitos;
nem por minha causa sofram vexame
os que te buscam,
ó Deus de Israel.

7 Pois tenho suportado afrontas
por amor de ti,
e o rosto se me encobre de vexame.

8 Tornei-me estranho a meus irmãos
e desconhecido aos filhos de minha mãe.

9 Pois o zelo da tua casa me consumiu,
e as injúrias dos que te ultrajam
caem sobre mim.

10 Chorei, em jejum está a minha alma,
e isso mesmo se me tornou em afrontas.

11 Pus um pano de saco por veste
e me tornei objeto de escárnio para eles.

12 Tagarelam sobre mim
os que à porta se assentam,
e sou motivo para cantigas de beberrões.

13 Quanto a mim, porém, SENHOR,
faço a ti, em tempo favorável,
a minha oração.
Responde-me, ó Deus,
pela riqueza da tua graça;
pela tua fidelidade em socorrer,

14 livra-me do tremedal,
para que não me afunde;
seja eu salvo dos que me odeiam
e das profundezas das águas.

15 Não me arraste a corrente das águas,
nem me trague a voragem,
nem se feche sobre mim a boca do poço.

16 Responde-me, SENHOR,
pois compassiva é a tua graça;
volta-te para mim segundo a riqueza
das tuas misericórdias.

17 Não escondas o rosto ao teu servo,
pois estou atribulado;
responde-me depressa.

18 Aproxima-te de minha alma e redime-a;
resgata-me por causa dos meus inimigos.

19 Tu conheces a minha afronta,
a minha vergonha e o meu vexame;
todos os meus adversários
estão à tua vista.

20 O opróbrio partiu-me o coração,
e desfaleci;
esperei por piedade, mas de balde;
por consoladores, e não os achei.

21 Por alimento me deram fel
e na minha sede
me deram a beber vinagre.

22 Sua mesa torne-se-lhes diante deles

em laço,
e a prosperidade, em armadilha.

23 Obscureçam-se-lhes os olhos,
para que não vejam;
e faze que sempre lhes vacile o dorso.

24 Derrama sobre eles a tua indignação,
e que o ardor da tua ira os alcance.

25 Fique deserta a sua morada,
e não haja quem habite as suas tendas.

26 Pois perseguem a quem tu feriste
e acrescentam dores
àquele a quem golpeaste.

27 Soma-lhes iniquidade à iniquidade,
e não gozem da tua absolvição.

28 Sejam riscados do livro dos vivos
e não tenham registro com os justos.

29 Quanto a mim, porém,
amargurado e aflito,
ponha-me o teu socorro, ó Deus,
em alto refúgio.

30 Louvarei com cânticos o nome de Deus,
exaltá-lo-ei com ações de graças.

31 Será isso muito mais agradável
ao SENHOR
do que um boi ou um novilho
com chifres e unhas.

32 Vejam isso os aflitos e se alegrem;
quanto a vós outros que buscais a Deus,
que o vosso coração reviva.

33 Porque o SENHOR responde
aos necessitados
e não despreza os seus prisioneiros.

34 Louvem-no os céus e a terra,
os mares e tudo quanto neles se move.

35 Porque Deus salvará Sião
e edificará as cidades de Judá,
e ali habitarão e não de possuí-la.

36 Também a descendência dos seus servos
a herdará,
e os que lhe amam o nome
nela habitarão.

ANEXO K – SL. 86 – SÚPLICA E CONFIANÇA

1 Inclina, SENHOR, os ouvidos
e responde-me,
pois estou aflito e necessitado.

2 Preserva a minha alma,
pois eu sou piedoso;
tu, ó Deus meu, salva o teu servo
que em ti confia.

3 Compadece-te de mim, ó Senhor,
pois a ti clamo de contínuo.

4 Alegra a alma do teu servo,
porque a ti, Senhor, elevo a minha alma.

5 Pois tu, Senhor, és bom e compassivo;
abundante em benignidade
para com todos os que te invocam.

6 Escuta, SENHOR, a minha oração
e atende à voz das minhas súplicas.

7 No dia da minha angústia, clamo a ti,
porque me respondes.

8 Não há entre os deuses
semelhante a ti, Senhor;
e nada existe que se compare
às tuas obras.

9 Todas as nações que fizeste
virão, prostrar-se-ão diante de ti, Senhor,
e glorificarão o teu nome.

10 Pois tu és grande e operas maravilhas;
só tu és Deus!

11 Ensina-me, SENHOR, o teu caminho,
e andarei na tua verdade;
dispõe-me o coração
para só temer o teu nome.

12 Dar-te-ei graças, Senhor, Deus meu,
de todo o coração,
e glorificarei para sempre o teu nome.

13 Pois grande é a tua misericórdia

para comigo,
e me livraste a alma
do mais profundo poder da morte.

14 Ó Deus, os soberbos se têm levantado
contra mim,
e um bando de violentos atenta
contra a minha vida;
eles não te consideram.

15 Mas tu, Senhor, és Deus compassivo
e cheio de graça,
paciente e grande em misericórdia
e em verdade.

16 Volta-te para mim
e compadece-te de mim;
concede a tua força ao teu servo
e salva o filho da tua serva.

17 Mostra-me um sinal do teu favor,
para que o vejam e se envergonhem
os que me aborrecem;
pois tu, SENHOR, me ajudas
e me consolas.

Anexo L – Sl. 101 – Modelo de bom rei

1 Cantarei a bondade e a justiça;
a ti, SENHOR, cantarei.

2 Atentarei sabiamente
ao caminho da perfeição.
Oh! Quando virás ter comigo?
Portas a dentro, em minha casa,
terei coração sincero.

3 Não porei cousa injusta
diante dos meus olhos;
aborreço o proceder dos que se desviam;
nada disto se me pegará.

4 Longe de mim o coração perverso;
não quero conhecer o mal.

5 Ao que às ocultas calunia o próximo,
a esse destruirei;
o que tem olhar altivo e coração soberbo,
não o suportarei.

6 Os meus olhos procurarão
os fiéis da terra,
para que habitem comigo;
o que anda em reto caminho,
esse me servirá.

7 Não há de ficar em minha casa
o que usa de fraude;
o que profere mentiras
não permanecerá
ante os meus olhos.

8 Manhã após manhã, destruirei
todos os ímpios da terra,
para limpar a cidade do SENHOR
dos que praticam a iniquidade.

ANEXO M – SL. 103 – A MISERICÓRDIA DE DEUS

1 Bendize, ó minha alma,
ao SENHOR,
e tudo o que há em mim
bendiga ao seu santo nome.

2 Bendize, ó minha alma, ao SENHOR,
e não te esqueças de nem um só
de seus benefícios.

3 Ele é quem perdoa
todas as tuas iniquidades;
quem sara todas as tuas enfermidades;

4 quem da cova redime a tua vida
e te coroa de graça e misericórdia;

5 quem farta de bens a tua velhice,
de sorte que a tua mocidade se renova
como a da águia.

6 O SENHOR faz justiça
e julga a todos os oprimidos.

7 Manifestou os seus caminhos a Moisés
e os seus feitos aos filhos de Israel.

8 O SENHOR é misericordioso
e compassivo;
longânimo e assaz benigno.

9 Não repreende perpetuamente,
nem conserva para sempre a sua ira.

10 Não nos trata
segundo os nossos pecados,
nem nos retribui
consoante as nossas iniquidades.

11 Pois quanto o céu se alteia acima da terra,
assim é grande a sua misericórdia
para com os que o temem.

12 Quanto dista o Oriente do Ocidente,
assim afasta de nós
as nossas transgressões.

13 Como um pai se compadece

de seus filhos,
assim o SENHOR se compadece
dos que o temem.

14 Pois ele conhece a nossa estrutura
e sabe que somos pó.

15 Quanto ao homem, os seus dias
são como a relva;
como a flor do campo, assim ele floresce;

16 pois, soprando nela o vento, desaparece;
e não conhecerá, daí em diante,
o seu lugar.

17 Mas a misericórdia do SENHOR
é de eternidade a eternidade,
sobre os que o temem,
e a sua justiça, sobre os filhos dos filhos,

18 para com os que guardam a sua aliança
e para com os que se lembram
dos seus preceitos e os cumprem.

19 Nos céus, estabeleceu o SENHOR
o seu trono,
e o seu reino domina sobre tudo.

20 Bendizei ao SENHOR, todos os seus anjos,
valorosos em poder,
que executais as suas ordens
e lhe obedecéis à palavra.

21 Bendizei ao SENHOR,
todos os seus exércitos,
vós, ministros seus,
que fazeis a sua vontade.

22 Bendizei ao SENHOR, vós,
todas as suas obras,
em todos os lugares do seu domínio.
Bendize, ó minha alma, ao SENHOR.

ANEXO N – SL. 110 – O REINO E O SACERDÓCIO DO MESSIAS

1 Disse o SENHOR ao meu senhor:
Assenta-te à minha direita,
até que eu ponha os teus inimigos
debaixo dos teus pés.

2 O SENHOR enviará de Sião
o cetro do seu poder,
dizendo: Domina entre os teus inimigos.

3 Apresentar-se-á voluntariamente
o teu povo,
no dia do teu poder;
com santos ornamentos,
como o orvalho emergindo da aurora,
serão os teus jovens.

4 O SENHOR jurou e não se arrependerá:
Tu és sacerdote para sempre,
segundo a ordem de Melquisedeque.

5 O Senhor, à tua direita,
no dia da sua ira, esmagará os reis.

6 Ele julga entre as nações;
enche-as de cadáveres;
esmagará cabeças por toda a terra.

7 De caminho, bebe na torrente
e passa de cabeça erguida.

ANEXO O – SL. 122 – ORAÇÃO PELA PAZ DE JERUSALÉM

1 Alegrei-me quando me disseram:
Vamos à Casa do SENHOR.

2 Pararam os nossos pés
junto às tuas portas, ó Jerusalém!

3 Jerusalém, que estás construída
como cidade compacta,

4 para onde sobem as tribos,
as tribos do SENHOR,
como convém a Israel,
para renderem graças
ao nome do SENHOR.

5 Lá estão os tronos de justiça,
os tronos da casa de Davi.

6 Orai pela paz de Jerusalém!
Sejam prósperos os que te amam.

7 Reine paz dentro de teus muros
e prosperidade nos teus palácios.

8 Por amor dos meus irmãos e amigos,
eu peço: haja paz em ti!

9 Por amor da Casa do SENHOR,
nosso Deus,
buscarei o teu bem.

ANEXO P – SL. 139 – DEUS ONISCIENTE E ONIPOTENTE

- 1 SENHOR, tu me sondas
e me conheces.
- 2 Sabes quando me assento
e quando me levanto;
de longe penetras os meus pensamentos.
- 3 Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar
e conheces todos os meus caminhos.
- 4 Ainda a palavra me não chegou à língua,
e tu, SENHOR, já a conheces toda.
- 5 Tu me cercas por trás e por diante
e sobre mim pões a mão.
- 6 Tal conhecimento é maravilhoso demais
para mim:
é sobremodo elevado, não o posso atingir.
- 7 Para onde me ausentarei do teu Espírito?
Para onde fugirei da tua face?
- 8 Se subo aos céus, lá estás;
se faço a minha cama
no mais profundo abismo,
lá estás também;
- 9 se tomo as asas da alvorada
e me detenho nos confins dos mares,
- 10 ainda lá me haverá de guiar a tua mão,
e a tua destra me susterá.
- 11 Se eu digo: as trevas, com efeito,
me encobrirão,
e a luz ao redor de mim se fará noite,
- 12 até as próprias trevas não te serão escuras:
as trevas e a luz são a mesma coisa.
- 13 Pois tu formaste o meu interior,
tu me teceste no seio de minha mãe.
- 14 Graças te dou, visto que por modo
assombrosamente maravilhoso
me formaste;

as tuas obras são admiráveis,
e a minha alma o sabe muito bem;

15 os meus ossos não te foram encobertos,
quando no culto fui formado
e entretecido como nas profundezas
da terra.

16 Os teus olhos me viram
a substância ainda informe,
e no teu livro foram escritos
todos os meus dias,
cada um deles escrito e determinado,
quando nem um deles havia ainda.

17 Que preciosos para mim, ó Deus,
são os teus pensamentos!
E como é grande a soma deles!

18 Se os contasse, excedem os grãos de areia;
contaria, contaria,
sem jamais chegar ao fim.

19 Tomara, ó Deus, desses cabo do perverso;
apartai-vos, pois, de mim,
homens de sangue.

20 Eles se rebelam insidiosamente contra ti
e como teus inimigos falam malícia.

21 Não aborreço eu, SENHOR,
os que te aborrecem?
E não abomino
os que contra ti se levantam?

22 Aborreço-os com ódio consumado;
para mim são inimigos de fato.

23 Sonda-me, ó Deus,
e conhece o meu coração,
prova-me
e conhece os meus pensamentos;

24 vê se há em mim algum caminho mau
e guia-me pelo caminho eterno.

ANEXO Q – SL. 154 – A BONDADE, GRANDEZA E PROVIDÊNCIA DE DEUS

1 Exaltar-te-ei, ó Deus meu e Rei;
bendirei o teu nome
para todo o sempre.

2 Todos os dias te bendirei
e louvarei o teu nome para todo o sempre.

3 Grande é o SENHOR
e mui digno de ser louvado;
a sua grandeza é insondável.

4 Uma geração louvará a outra geração
as tuas obras
e anunciará os teus poderosos feitos.

5 Meditarei no glorioso esplendor
da tua majestade
e nas tuas maravilhas.

6 Falar-se-á do poder
dos teus feitos tremendos,
e contarei a tua grandeza.

7 Divulgarão a memória
de tua muita bondade
e com júbilo celebrarão a tua justiça.

8 Benigno e misericordioso é o SENHOR,
tardio em irar-se e de grande clemência.

9 O SENHOR é bom para todos,
e as suas ternas misericórdias
permeiam todas as suas obras.

10 Todas as tuas obras te renderão graças,
SENHOR;
e os teus santos te bendirão.

11 Falarão da glória do teu reino
e confessarão o teu poder,

12 para que aos filhos dos homens
se façam notórios
os teus poderosos feitos
e a glória da majestade do teu reino.

13 O teu reino é o de todos os séculos,

e o teu domínio subsiste
por todas as gerações.
O SENHOR é fiel
em todas as suas palavras
e santo em todas as suas obras.

14 O SENHOR sustém os que vacilam
e apruma todos os prostrados.

15 Em ti esperam os olhos de todos,
e tu, a seu tempo, lhes dás o alimento.

16 Abres a mão
e satisfazes de benevolência
a todo vivente.

17 Justo é o SENHOR
em todos os seus caminhos,
benigno em todas as suas obras.

18 Perto está o SENHOR
de todos os que o invocam,
de todos os que o invocam em verdade.

19 Ele acode à vontade dos que o temem;
atende-lhes o clamor e os salva.

20 O SENHOR guarda
a todos os que o amam;
porém os ímpios serão exterminados.

21 Profira a minha boca
louvores ao SENHOR,
e toda carne louve o seu santo nome,
para todo o sempre.